



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL**

ISMENE FERNANDES DA SILVA

**À SOMBRA DAS CRÔNICAS DE BRAZ JOSÉ COELHO: PALIMPSESTOS DE
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE UMA CIDADE**

**CATALÃO
2017**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Ismene Fernandes da Silva

Título do trabalho: **À SOMBRA DAS CRÔNICAS DE BRAZ JOSÉ COELHO: PALIMPSESTOS DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE UMA CIDADE**

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento **SIM** **NÃO**

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Ismene Fernandes da Silva.

Ismene Fernandes da Silva - autora

Ciente e de acordo:



Ismar da Silva Costa - orientador

Data: 23 /10 / 2017

ISMENE FERNANDES DA SILVA

**À SOMBRA DAS CRÔNICAS DE BRAZ JOSÉ COELHO: PALIMPSESTOS DE
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE UMA CIDADE**

Versão preliminar de Dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof^º. Dr. Ismar da Silva Costa

Linha de Pesquisa: Cultura, Linguagens e Ensino de História.

CATALÃO
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Ismene Fernandes
À SOMBRA DAS CRÔNICAS DE AZ JOSÉ COELHO:
PALIMPSESTOS DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE UMA CIDADE
[manuscrito] / Ismene Fernandes Silva. - .
142 f.

Orientador: Prof. Dr. Ismar da Silva Costa .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão,
Programa de Pós-Graduação em História (profissional), Catalão, .
Bibliografia. Anexos.

1. Cidade. . 2. Palimpsesto de memórias e histórias. . 3. Identidade e
cultura. . 4. Ensino de História.. I. , Ismar da Silva Costa, orient. II. Título.

CDU 94(81)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL



Ata de Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Mestrado

Defesa: nº 27

Aos seis dias do mês de setembro de dois mil e dezessete realizou-se, na sala nº 08, Bloco C, da Regional Catalão/UFG, a Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Mestrado intitulado *A sombra das crônicas de Braz José Coelho: Palimpsestos de memórias e histórias de uma cidade*, de autoria da mestranda Ismene Fernandes da Silva. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em História – nível Mestrado Profissional, e composta pelos docentes Prof. Dr. Ismar da Silva Costa, professor da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior, professor da Universidade Federal de Goiás – UAELL/UFG/RC; Profª. Dra. Regma Maria dos Santos, professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC. A sessão teve início às nove horas, sendo presidida pelo Professor Ismar da Silva Costa (orientador) que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, o Presidente da sessão passou a palavra à discente que teve quinze minutos para apresentar o trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra aos componentes da banca que tiveram cada um, vinte e cinco minutos para expor suas questões e observações sobre o trabalho apresentado, tendo a mestranda quinze minutos para responder. Após o término da arguição, o Presidente da sessão solicitou que a candidata e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse proceder sua avaliação. Após a conclusão dos trabalhos de avaliação, os arguidores atribuíram o seguinte resultado: Aprovada. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos seis dias do mês de setembro de dois mil e dezessete.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ismar da Silva Costa (Orientador/ UFG/RC)

Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior (UAELL/UFG/RC)

Profª. Dra. Regma Maria dos Santos (UFG/RC)

“Lembrar, memorizar, é o mesmo que reimaginar fases de nossas vidas, pensando-as de forma seletiva e alcançando o sentido que elas têm atualmente para nós, como se tal sentido existisse no momento em que foram vividas.” (Braz José Coelho).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, a DEUS, a força criadora que dá energia e move o Universo. Dedico, também, à minha melhor amiga - Dilma, que nos meus piores momentos não me deixou desanimar em nenhum deles, mesmo quando eu não confiava, ela acreditou e me fez acreditar que tudo pode ser possível, foi minha mãe, amiga e irmã de coração. Dedico ainda aos meus pais, à minha filha Isabella e ao Guilherme pelo apoio e paciência quando não pude lhes dar a atenção que mereciam.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a DEUS pela força, paciência e fé para superar meus medos e dificuldades diárias. Especialmente pelos bons amigos que colocou na minha vida, que me fizeram crescer como ser humano e me deram confiança para correr atrás dos meus objetivos. Sem esses amigos fiéis, eu não seria o que sou.

São muitos os amigos que me incentivaram, de uma maneira ou outra nessa caminhada, mas alguns foram fundamentais e não poderia deixar de citá-los: Cleudimar Rosa Alves, pelo incentivo incondicional, digitou, formatou meu texto, e me motivou; Jefferson Vittorino, amigo querido, que me socorreu nos momentos mais tensos em relação às dificuldades com a tecnologia e, mesmo tendo sua tese, a escrever, foi paciente e amigo; aos colegas do mestrado, que não vou citá-los todos para não me estender muito, mas dois deles não poderia deixar de mencionar: Maria Aparecida Gonçalves e Diêgo Soares de Oliveira, foram fundamentais na amizade, companheirismo e compartilhamento de ideias e conhecimento; aos meus amigos-irmãos de longa data, Adriana Ciríaco, pelas ideias compartilhadas, apoio emocional e amizade irrestrita. Ao Paulo José de Sousa, que nos momentos mais tensos teve o poder de me acalmar com simples palavras, assim como Sirlene Aparecida Rodrigues e Marlene Rodrigues. A todos, sou imensamente grata!...

Aos professores do Curso de História da UFG Regional Catalão, especialmente ao Professor Dr. Ismar da Silva Costa, que sempre acreditou em mim, desde a graduação, me orientando e “puxando as orelhas” quando necessário; à Professora Dra. Regma Maria dos Santos pela sua crítica sempre delicada e construtiva; ao Professor Dr. Valdeci Rezende Borges, sempre uma pessoa especial, o “menina Ismênia” sempre gostoso de ouvir na sua voz, tornando meu dia mais especial; Professora Dra. Luzia Márcia Rezende Silva, tão querida, impossível estar perto e não abraçar com carinho; nosso querido Professor Dr. José Eustáquio Ribeiro, “Tatá”, gênio disfarçado de humilde menino grande; Professor Dr. Luiz Carlos Do Carmo e Professora Dra. Terezinha Maria Duarte por indicações e sugestões importantes para meu conhecimento. E a todos os outros que não vou citar para não mais me estender, mas que não são menos importantes na minha formação, contribuindo para o meu crescimento enquanto pessoa e conhecimento intelectual, obrigada.

Aos membros da banca de qualificação que aceitaram participar desse meu processo de conhecimento, com críticas e sugestões para me orientarem para concretizar mais esse sonho, Professora Dra. Regma Maria dos Santos, Professor Dr. Antônio Fernandes Júnior, Professor Dr. Valdeci Rezende Borges e meu orientador Professor Dr. Ismar da Silva Costa.

Por último, mas muito especial, à minha família, Jesy Francisco da Silva e Maria dos Anjos, meus pais, pela força necessária para seguir nessa jornada; meus sobrinhos Jonathan Mendes Silva e Jordan Mendes Silva, meu esteio, e meus filhos tão amados e que tiveram paciência com as minhas ausências e falta de atenção para com eles. À família, meu amor incondicional.

RESUMO

Nossa proposta é compreender a cidade no palimpsesto de Memórias, histórias e experiências de Catalão, Goiás, através das narrativas de Braz José Coelho, *Sombras do Tempo*, em que problematizamos a relação entre o lugar e memória em representações históricas. Além dos lugares das memórias, tentamos perceber o que são apontados nas crônicas: identidades construídas, pessoas memoráveis, disputas de poder e memórias privilegiadas em detrimento de outros. Temos como autores teóricos referenciais que exploram conceitos de memória, cidade, lugares de memória, representação e práticas sociais. Entendemos a cultura como uma teia de significados, de acordo com Geertz (1978) e a leitura de mundo como texto a ser descoberto pelos vestígios anteriormente escondidos em um palimpsesto de memórias e histórias a serem raspadas, de acordo com o conceito de Pesavento (2004). Concebemos a cidade como um texto a ser lido e decifrado num ensaio de ensino e aprendizagem em sala de aula com as crônicas do livro de Coelho (2015), uma maneira que reflete além do que é visto e percebido do que as crônicas apontam. Inicialmente, pensamos em pesquisar as experiências de vida de pessoas comuns em seus lugares de Memórias. Durante o curso de mestrado, e em discussões nas orientações, repensamos essa forma de busca e fonte de pesquisa. Percebemos que a narrativa das crônicas é acessível aos professores e compreensível para os alunos, que podem e devem usá-los em aulas de história para entender todo um contexto histórico da cidade de Catalão, os personagens históricos e seus lugares memoráveis. Acreditamos que o contato com essa fonte e documento despertará nos alunos o desejo de conhecer e fazer parte da história, especialmente que eles possam construir o conhecimento pensando e investigando, questionando e produzindo algo diferente do que é dado. A escola é o espaço ideal para este exercício construtivo, tendo o professor como base, que assume um papel importante nesse processo didático, orientando o movimento com as crônicas e o contexto que se aproxima de lugares e pessoas memoráveis.

Palavras-chave: Cidade. Palimpsesto de memórias e histórias. Identidade e cultura. Ensino de História.

ABSTRACT

Our proposal is to understand the city in the palimpsest of memories, histories and experiences of Catalão, Goiás, through the narratives of Brás José Coelho, *Shadows of Time*, in which we problematize the relation between place and memory in historical representations. In addition to the places of memories, we try to perceive what are pointed out in the chronicles: constructed identities, memorable people, disputes of power and privileged memories to the detriment of others. We have as reference theoretical authors that swot concepts of memory, city, places of memory, representation and social practices. We understand culture as a web of meanings, according to Geertz (1978) and the reading of the world as a text to be discovered by the vestiges previously hidden in a palimpsest of memories and histories to be scraped, according to the concept of Pesavento (2004). We conceive the city as a text to be read and deciphered in a teaching and learning essay in the classroom with the chronicles of the book of Coelho (2015), a way that reflects beyond what is seen and perceived than the chronicles point out. Initially we thought about research the life experiences of ordinary people in their places of memories, during the master's degree course and in discussions with the master's advisor; we rethought this form of swot and source of research. Throughout the process, we chose to use the book of Coelho (2015), as a source and object of research. We perceive that the language of the chronicles is accessible to teachers and understandable to students, who can and should use them in history classes to understand an entire historical context of the city of Catalão, the historical characters and their memorable places. We believe that contact with this source and document would awaken in students the desire to know and be part of history, especially that they can construct knowledge by thinking, investigating, questioning and producing something different from what is given. The school is the ideal space for this constructive exercise, having the teacher as a base, who assumes an important role in this didactic process, guiding the swot with the chronicles and the context that approach from memorable places and people.

Keywords: City. Palimpsest of memories and stories. Identity and culture. Teaching History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – O PALIMPSESTO DE MEMÓRIAS DE CATALÃO A PARTIR DE BRAZ JOSÉ COELHO	30
1.1 Memórias cristalizadas?	34
CAPÍTULO II – A SOMBRA DAS “SOMBRAS DO TEMPO” DE BRAZ JOSÉ COELHO: HISTÓRIA E MEMÓRIA	67
CAPÍTULO III – A CRÔNICA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO E CONHECIMENTO SOBRE A CIDADE	99
3.1 Estratégias de ensino a partir de crônicas.....	109
3.2 Seleção dos conteúdos da obra de Braz José Coelho apresentando um quadro sinóptico de crônicas e sugestões de estratégias para trabalha-las em sala de aula	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS	130
ANEXOS.....	135

INTRODUÇÃO

Refletindo acerca da função do historiador e de suas práticas sociais, Michel de Certeau (2002) entende que seu “lugar social”, bem como o de sua prática científica, é o lugar no qual o pesquisador vive, sente, percebe e conhece seu mundo e sua história de vida. Não obstante, apesar da ligação que possui com o objeto, o historiador procura manter o olhar distante e não ser induzido pelo objeto, ou seja, é crítico, analista e questionador em relação ao que estuda e, em algum momento, poderia “seduzi-lo”. Nesse sentido, no presente trabalho, a partir da leitura analítica da obra *Sombras do Tempo* (2015) de Braz José Coelho¹, que interpreta o lugar com base nas memórias e do que percebe da memória coletiva, proponho analisar alguns lugares de Catalão-GO, onde vivemos e convivemos diariamente como, por exemplo, lugares de memórias ou monumentos, que podem ser tomados como patrimônio de cultura.

Essa leitura é uma proposta de diálogo com vários teóricos que discutem a questão da memória. Em primeiro lugar, com Maurice Halbwachs (1990), para quem os sujeitos fazem parte de um grupo social e suas memórias, embora parta desse autor como um sujeito social, são coletivas. Bronislaw Baczo (1985) me permitiu compreender que o grupo social estabelece todo um imaginário em torno da cultura criada por ele mesmo.

Por outro lado, em se tratando da definição de *cultura*, é fundamental a interpretação proposta por Clifford Geertz (1978), para quem ela é uma teia de significados, através dos quais os grupos sociais estabelecem significados culturais específicos, segundo suas necessidades e interesses. Para compreender a cultura como uma teia de significados, Geertz defende a técnica da “descrição densa”, aplicada aos fragmentos da cultura estudada. Assim, ao esgotarmos as possibilidades, tais fragmentos se convertem naquilo que Carlo Ginzburg (1989) nomeia de *indícios*, convertendo-se em “sinais e pistas” capazes de ressignificar a cultura estudada. Sendo assim, Ginzburg (1989, 2011, 2007) oferece uma contribuição vital aos historiadores que se ocupam da cultura. Vale lembrar que ele foi influenciado por Marc Bloch e pela historiografia francesa constituída em torno da Escola dos Annales e que, na atualidade, se converte na chamada Nova História Cultural.

¹ Braz José Coelho é escritor, doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Campus Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. De acordo com Honório Filho (2011), Coelho é também um destacado educador e professor da Universidade Federal de Goiás desde 1972, além de escritor consagrado no sudeste de Goiás.

Conforme lembra Paulo Miceli (2003), foi a partir dos *Annales* que novos temas de pesquisa foram propostos, ampliando o leque de estudos dos historiadores:

Este é um dos traços essenciais da *Escola dos Annales*: antes mesmo da colocação de novos temas e problemas, novos modos de se perguntar sobre questões às vezes antigas, a começar pelo próprio sentido da História. Desse modo, as fontes passam a depender claramente do que faz dela o historiador, sua importância ou insignificância decorrem de seu uso e do que se constrói com elas, para por em funcionamento aquilo que Marc Ferro chamou de “usina de sonhos”. (MICELI, 2003, p. 267).

No processo de interpretação do documento, quando este é analisado e interpretado, diante das lacunas ou ausências que surgem, cabe ao historiador problematizá-las para que o passado faça sentido. Por esse motivo, seu ofício se assemelha à função de detetive, pois um e outro procuram pistas, indícios, sinais.

Dentre os novos temas e problemas propostos pela Nova História Cultural, os Lugares de Memórias trabalhados por Pierre Nora (1993) nos levam a outras fontes de pesquisa que o historiador poderá investigar, fontes estas, que antes poderiam não ser percebidas como importantes, mas que no contexto histórico tem significados para os sujeitos históricos do lugar em que o historiador está inserido e exerce sua função investigativa do objeto de estudo.

Nora (1993), ao falar sobre os lugares de memória aborda sobre o esfacelamento da memória, e que os lugares são o refúgio vivo dessa memória:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a esse momento particular de nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais, Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993, p. 01)

Assim, segundo Nora (1993), estamos num momento em que ainda é possível estabelecer um elo com o passado através da memória despertada pelos lugares de uma memória que está se esfacelando, mas que ainda presente nos lugares específicos que a desperta. E os lugares de memória se tornam lugares de história no contexto da especificidade da cultura local.

Dentro da teia de significados que é a cultura, entendo a historicidade da cidade como uma “comunidade de sentidos”, plena de especificidades. Nessa perspectiva, Sandra Jatthy Pesavento (2004a, p. 1597-8) afirma:

Recuperar a cidade do passado implica, de uma certa forma, não apenas registrar lembranças, relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir reabilitar ou restaurar prédios, preservar materialmente espaços significativos do contexto urbano. Todo traço do passado pode ser datado pelo conhecimento científico, ou classificado segundo um estilo preciso; mas o resgate do passado implica ir além dessa instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro da carga de significação que a cidade abrigou em um outro tempo. Ao salvaguardar a cidade do passado, importa, sobretudo, fixar imagens e discursos que possam conferir uma certa identidade urbana, um conjunto de sentidos e de formas de reconhecimento que a individualizem na história.

A autora usa o termo “resgate do passado” como se esse tempo necessitasse ser salvo, creio que o termo adequado seria “ressignificar”, ou seja, dar um novo sentido a um passado que existe, embora sobreposto por outras memórias e histórias. De toda maneira, conforme aponta Pesavento (2004a), nosso objetivo, enquanto historiadores, que pensam a cidade, não é apenas registrar lembranças e petrificar os lugares tomados como monumentos patrimoniais, mas buscar as identidades do urbano, os significados e os sentidos das memórias que constituem determinada história.

Nesse particular, cabe retomar a discussão proposta por Jacques Le Goff (1990) sobre documento/monumento. Em trabalho clássico, o historiador francês afirma que documentos e monumentos são dois tipos de materiais aplicados à memória coletiva, tornada científica através da história. E ainda:

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. [...] Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador. (LE GOFF, 1990, p. 535).

Nessa afirmação, Le Goff postula que as sobrevivências do passado não têm a ver com o que é fruto do acaso, mas de escolhas, as quais se dão de acordo com o que os homens definiram em seu processo de desenvolvimento. Os documentos, por sua vez, apresentam-se de acordo com a escolha do historiador quanto ao seu objeto de pesquisa ou aquilo que ele quer *fazer, recordar, iluminar, instruir*, através da memória de um passado.

Sob a perspectiva apontada por Le Goff, entendemos que as temáticas do escritor Braz José Coelho são, por vezes, claras para o leitor e, em determinados momentos, nem tanto pois sugere ou dá a entender. Notamos em algumas crônicas que a intenção ao escrevê-la é explícita, mas ainda assim ele dá a entender que tem mais do que ele nos diz. Em outras, o autor deixa literalmente a ideia no ar, como algo sugerido, dado ao leitor a refletir. Como exemplo, os lugares e personagens memoráveis, na sua fala os questionamentos ora podem ser explícitos ora são sugeridos para que o leitor reflita sobre eles.

Todavia, conforme observa Pesavento (2004b), o passado que está sempre presente pode estar oculto, silenciado, invisível ao olhar, pois encoberto, pode ainda ser raspado no palimpsesto da memória, como na formação dos bairros, na relação entre o campo e a cidade e, também, nos lugares específicos de memória em Catalão, como o *Clube Treze de maio*, as *Mangueiras*, o *Pirapitinga*, o *Cinema* – temáticas abordadas por Eliane Aparecida Silva Rodrigues (1996) e outros pesquisadores.

Voltando à ideia de Le Goff (1990) sobre o *monumento* como uma herança do passado e o *documento* como escolha do historiador, ele coloca sobre o ombro do historiador uma responsabilidade extremamente pesada, uma vez que a carga seria de nós, historiadores, decidirmos que heranças do passado irão tornar um documento, no sentido de “ensino”, para o presente ou posteridade; ou de “prova” para determinada memória.

Segundo Le Goff (1990, p. 535), “atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos”. Nesse sentido, muitos são os monumentos percebidos em Catalão, mas nem todos evidenciados. E é aí que entra o papel da história, tendo em vista sua função de registrar as memórias para que elas não se percam, assim como a identidade do grupo que se estabelece a partir das memórias. Ainda de acordo com o mesmo autor, “[...] o *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos” (LE GOFF, 1990, p. 536).

Dessa forma, podemos entender o monumento como uma herança material (daquilo que podemos tocar e visualizar objetivamente) e imaterial (daquilo que podemos sentir, imaginar e visualizar subjetivamente), dependendo do que tornamos para ser um monumento, isto é, um documento do historiador. Geralmente, esse monumento tem uma relação sensível com a memória de determinado grupo social, no nosso caso, em específico, de grupos que não estão no poder. Para Le Goff (1990, p. 545):

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que seja ele – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

Diante dessa noção que Le Goff estabelece sobre documento/monumento, percebemos que, independentemente do tipo de monumento – enquanto *herança do passado a ser recordada*, e documento enquanto *escolha do historiador* – ele deve ser problematizado, analisado, criticado e investigado em relação às forças de poder que o estabelece como tal. A partir dessa análise, precisamos refletir: Quais os lugares sociais, os lugares de memória que foram estabelecidos pelos sujeitos enquanto monumentos catalanos? O que eles reconhecem ou não como monumentos e de que maneira os preservam, ou não? E, se estabelecem registros em relação a eles, de que maneira os preservam? Como isso afeta o ensino de História sobre a cidade?

Ao longo do trabalho essas questões surgem e outras mais surgiram, procuramos responder algumas delas no final, mas muitas acabaram ficando sem respostas, pois nem sempre o nosso documento permitiu alcançar as respostas das questões que elaboramos, entretanto, algumas nos foram sugeridas durante a análise de nosso documento.

Nesse processo de reflexão, embora o historiador dialogue com outras ciências humanas, o seu papel é essencial no sentido de problematizar para compreender o objeto de pesquisa, seu trabalho se assemelha ao do detetive que procura evidências e/ou sinais, nem sempre visíveis, para analisar o objeto de estudo; a comparação é evidenciada se pensarmos no palimpsesto de memórias a serem raspadas para descobrirmos as memórias ocultas ou apagadas. Essa cultura pode ser compreendida como uma leitura de mundo, como um texto a ser descoberto, dos vestígios visíveis ou não visíveis encobertos anteriormente, como propõe Pesavento (2004b) ao pensar as memórias da história da cidade como numa sobreposição, num palimpsesto de memórias escritas, apagadas ou ocultadas, e reescritas de acordo com os interesses de quem conta as memórias.

Sendo assim, a partir da escolha do sujeito que narra, serão evidenciados os ditos ou os não ditos sobre dado objeto e sobre lugares de memória da cidade. Michel Pollak (1989), ao analisar a memória, evidencia a importância dos ditos para a construção de uma memória coletiva e ressalta que um indivíduo ou um grupo deixam rastros significativos que se tornam

pontos de referência para qualquer estudo histórico, de forma que podemos buscar esses rastros como pistas para compreender a cultura e as histórias construídas a partir dela, com suas peculiaridades.

Não obstante, por seu turno, as memórias podem se constituir numa herança imaterial, de uma cultura peculiar, ou seja, específica de um determinado lugar e povo, que não pode ser tocada, mas é visível no comportamento sensível dos sujeitos sociais, como aborda Giovanni Levi, no livro *A Herança Imaterial* (2000)². Tendo acesso a documentos de cartórios, mosteiros, e outros lugares distintos e de difícil acesso, Levi teve que perceber indícios e analisar determinados comportamentos da região, à época, para compreender seu objeto e perceber a herança imaterial como base de determinados comportamentos.

Assim como Levi, procurei documentações disponíveis para perceber os indícios das memórias sobrepostas no palimpsesto do texto raspado da história, em que novas memórias foram reescritas sobre Catalão. Procurei outras fontes, como outras crônicas, e até memorialistas, de outros escritores locais que apontassem outras histórias de Catalão, outros lugares e personagens memoráveis, mas os personagens comuns não aparecem e os lugares diferentes dos que são estampados em lembrancinhas da cidade não aparecem também.

Durante as minhas pesquisas, encontrei crônicas relacionadas ao ensino de história como de Regma Maria dos Santos (2011), em Espaço e Memória: representações sobre a cidade nas crônicas de Licydio Paes; o livro *Crônicas Cariocas e o Ensino de História*, coordenado por Margarida Sousa Neves (2008) entre outros autores; artigo de Daniel Morais Angelim (2008), intitulado Lima Barreto e a cidade do Rio; artigo de Magali Gouveia Engel (2008), com título de Literatura e Ensino de História e, também, Sociedade, Cultura e Política nas Crônicas Limianas (2008); em que os temas e narrativas são variados, referentes a outra cidade que não a de Catalão, mas importantes para comparação.

Nos escritores dessas outras cidades é possível perceber a presença do homem comum no seu dia a dia, essa referência não aparece em outros escritores em Catalão, muito pelo contrário, dá a entender que quem faz a história da cidade acontecer são as grandes personalidades das famílias tradicionais, como a família dos Paranhos, dos Ayres, Salomão, entre outras famílias muito citadas na obra de Cornélio Ramos. As lendas e tradições narradas por esse autor, como a *Louca do Morro da Saudade*, por exemplo, remetem a um espaço frequentado por quem tem posição política e econômica na cidade, especialmente quando esse morro é imortalizado nas poesias de Ricardo Paranhos, que inclusive foi sepultado no local.

² Na obra em questão Levi aborda uma realidade peculiar de uma aldeia italiana, em que seus protagonistas apresentam comportamentos considerados atípicos em relação a outras comunidades estudadas.

A pesquisa foi realizada com a intenção de complementar minha base documental, qual seja: as crônicas de Braz José Coelho, reunidas no livro *Sombras do Tempo* (2015), mas o que foi percebido é que nesse documento, dentre os outros de escritores da região de Catalão, o homem comum no seu fazer e refazer diário, bem como seus lugares de memórias, aparece, diferente dos escritores dessa cidade.

Para Cléria Botelho da Costa (2001, p. 77): “As narrativas são documentos vivos, que denunciam costumes, mentalidades, diferenças sociais e poderes de uma época; oferecem informações históricas, sociológicas e antropológicas”. No caso dessa pesquisa, as crônicas de Coelho (2015) serão nosso documento vivo, para compreendermos aspectos da comunidade catalana sobreposta. Então, é a partir das crônicas, relacionando história e literatura, que vamos analisar, como afirma Pollak (1989, p. 08):

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, entre nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.

Destarte, a elaboração das crônicas de nosso autor perpassa essa relação entre história e literatura, as quais, juntas, dão suporte para compreender essa “fronteira entre o dizível e o indizível”, entre “o confessável e o inconfessável” dos traços e representações da comunidade catalana, do que se pode raspar do palimpsesto de memórias presentes nas crônicas do livro *Sombras do Tempo*.

Em relação à busca de dados a serem levantados e analisados na pesquisa, fui ao Museu Cornélio Ramos e Fundação Cultural Maria das Dores Campos, ambos na cidade de Catalão, no sentido de procurar documentos (atas, registros de imóveis, imagens, resoluções) relativos a alguns lugares da cidade que são citados por Coelho³ em suas crônicas.

Sobre o escritor Braz José Coelho, autor da obra em destaque nesta pesquisa, percebo-o como um *flanêur*, isto é, um autor que pensa os lugares e memórias de uma cidade que não

³Sobre o autor, vale lembrar, que ainda que o trabalho não seja sobre ele, mas sobre sua obra, consta que ele não é natural de Catalão. Ele reside, teve formação escolar, toda uma vivência e juventude na cidade e nos revela, sob o efeito do lugar, outro tipo de cidade, todavia, não encontramos muitos registros indicativos desse espaço à época das narrativas.

O que chamamos de “efeito do lugar” foi denominado de psicogeografia pelo francês Guy Debord, que em 1955 influenciou um grupo de psicogeógrafos formados por artistas, filósofos e poetas, que aliavam a geografia do lugar com as sensações psicológicas provocadas pelo ambiente nas emoções e comportamentos dos indivíduos. O termo psicogeografia foi muito usado por geógrafos, psicólogos, sociólogos, entre outros, num estudo do ambiente através do *flanêur*. A ideia de *flanêur* será trabalhada por nós a partir de Freire (1997), sobre Baudelaire.

estão traçados nos mapas geográficos, mas na memória de outra cidade, a qual se contrapõe à atual. Concebo a ideia de que Coelho (2015) é o *flanêur* assim como o personagem Leskov, citado por Walter Benjamin (1994), que observa e analisa a cidade de maneira questionadora, refletindo sobre as minúcias do lugar. Ademais, ele é um sujeito que vivencia e sente a cidade subjetivamente, ao mesmo tempo em que mantém o olhar sobre ela de maneira crítica e objetiva.

Sobre o *flanêur*, encontramos seu papel em Walter Benjamin (1994), ao falar de Leskov, e, também, a autora Cristina Freire o aborda no livro *Além dos mapas* (1997). Tanto em Benjamin quanto em Freire percebemos a ideia dos *flâneries*, esses personagens que observam e analisam as imagens, apontando outro olhar sobre a cidade. Aqui, é importante salientar que os dois autores mencionados agora tomam essa ideia emprestada de Baudelaire, no entanto, Benjamin faz de forma mais velada, enquanto Freire fala de forma mais específica sobre Baudelaire.

Cristina Freire (1997) propõe um estudo do imaginário urbano que vai muito além do traçado geográfico do mapa da cidade, como se fosse o olhar do estrangeiro ou o olhar de quem observa a imagem para além do que é observado, semelhante ao escritor Coelho (2015). No estudo de Freire (1997), a semiótica foi um dos instrumentos metodológicos utilizados para compreender a cidade, ou seja, houve destaque para o trabalho com os signos e o que está por trás deles. Tal metodologia aproxima-se muito da proposta de Geertz (1978) de desvendar a cultura em suas teias de significados.

Diante desses apontamentos, procuro a compreensão de como esse imaginário urbano vai além dos traçados de ruas, seus limites espaciais, os lugares que podem ser tomados como monumentos, ou que é uma história vivida para seus habitantes. Surgem, portanto, alguns questionamentos: O que é ensinado sobre os lugares de memória da cidade? Que lugares são apresentados e evidenciados nessa história? Como esses lugares são abordados em sala de aula? Como propor aos professores e alunos de História atividades sobre a história da cidade, a partir das crônicas de Braz José Coelho? Coelho (2015) estabelece, a partir de suas crônicas sobre a cidade, determinados significados aos lugares em que vive, institui nesse processo relações com seu grupo social de acordo com os lugares em que percorre e se firma? Como esse processo é desenvolvido? É possível trabalhar em sala de aula os lugares mencionados pelo autor em suas crônicas? De que maneira essa proposta poderia ser realizada?

Em estudo sobre o mesmo assunto, Regma Maria dos Santos (2011) reflete sobre as representações da cidade de Uberlândia nas crônicas de Lycido Paes, abordando a constituição do espaço e da memória, tendo como base esse autor que revela as

transformações urbanas não só dessa cidade, mas também de algumas cidades do interior mineiro, ditadas pelo ritmo da modernidade. Santos (2011) revela não somente as transformações das cidades, mas, especialmente, o estranhamento à acomodação desse processo de transformação do urbano, com traços ainda rurais para o ritmo da cidade moderna.

Em relação às crônicas sobre as transformações dos espaços citadinos, tanto Lycidio Paes, abordado por Santos (2011), quanto Coelho (2015), que é minha fonte de pesquisa, fazem referência a outro tipo de cidade, ou seja, são descrições diferentes das imagens dadas por memorialistas e outros escritores locais, como as obras de Cornélio Ramos e Maria das Dores Campos, escritores locais que comparamos, embora não seja nosso foco.

Por outro lado, os autores são divergentes em outros aspectos como, por exemplo: diferente de Lycidio Paes que, por algumas vezes, critica direta e abertamente as transformações espaciais do núcleo urbano, denunciando que o progresso e a modernidade atendem aos interesses e necessidade de alguns enquanto a maioria da população não se beneficia; Coelho (2015) sugere esse processo retratando o imaginário urbano como um lamento do que se foi e não é mais, em uma crítica sutil, ou saudosismo.

O imaginário urbano e as teias de significados da cultura catalana, são nítidos na obra do escritor Coelho (2016) ao *flanar* pelos lugares de memórias na cidade que ele aponta serem seus e da coletividade. Dessa forma, o escritor parte de uma memória individual, que é essencialmente coletiva, pois elaborada dentro de uma dada coletividade, elabora as narrativas sobre a organização peculiar das ruas, da relação dos habitantes da cidade com o espaço rural, das sociabilidades, dos lazeres, das festas religiosas e demais fatos significativos ocorridos na cidade. De acordo com Santos (2011, p. 75), ao analisar a narrativa de Lycidio Paes:

O cronista, durante um passeio pela cidade observa suas transformações. Tem consciência das mudanças, passou por elas e pôde acompanhá-las. Sabe quais casas restaram e conhece ou conheceu seus moradores, reflete sobre os seus sentimentos em relação àquele local. Denuncia a necessidade do progresso destruidor de alterar aquele espaço em nome da reconstrução do novo.

É da mesma maneira que percebo o cronista Coelho (2016), que usa sua escrita para estudar e analisar a cidade, quando ele fala do que conhece. Apesar da relação que mantém com o lugar, ele o vê de maneira crítica e é consciente das transformações pelas quais passa a cidade, sendo assim, denuncia o que pode não ser bom para ela. Esse é o papel do *flanêur*, que pode ser qualquer escritor, ele perambula pela cidade, observa suas transformações e escreve

sobre ela; no caso, o cronista se aproxima mais dessa imagem por revelar a cidade no seu cotidiano, no fazer, pensar e sentir diário das pessoas que vivem nesse núcleo urbano desnudado pelas crônicas.

O *flanêur* de Victor Hugo, do qual fala Freire (1997), segundo Maria Stella Martins Brescianni (2003), estuda a história e a historiografia da cidade a partir dos seus percursos, especialmente quando remete às impressões da cidade e suas transformações, quando percebidas pelos viajantes, poetas, escritores e memorialistas que registram a cidade pelo olhar de cenas cotidianas, nem sempre observadas com atenção.

No caso, partimos da imagem urbana traçada por Coelho (2015) do relato das memórias, de outras histórias que não nos eram percebidas até que raspássemos o que concebemos como palimpsesto. Aborda, ele, nesse sentido, as relações entre a imagem e o imaginário do lugar. Concebemos, também, que ele é o *flanêur*, aquele que analisa a cidade a partir de sua experiência vivida e suas narrativas estabelecidas em forma de crônicas, a obra que é nossa base de estudo. Para Brescianni (2003, p. 273), a análise da cidade passa por essa ideia:

As cidades são antes de tudo uma experiência visual. Traçado de ruas, essas vias de circulação ladeadas de construções, os vazios das praças cercadas por igrejas e edifícios públicos, o movimento de pessoas e a agitação das atividades concentradas num mesmo espaço. E mais, um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma produção social sempre referida a alguma de suas formas de inserção topográfica ou particularidade arquitetônicas.

A partir dessa leitura, inferimos que a imagem visualizada do monumento transformado faz parte de uma memória, no sentido de herança, algo herdado. A imagem do monumento está vinculada à memória estabelecida no lugar, por meio do significado que desperta no escritor que a visualiza. Dessa forma, a imagem pode ser alterada, mas a sensação que provocou permanece nos sentidos, através da memória que se tem do monumento vivenciado e ressignificado pela escrita do autor. Nesse sentido, penso que a discussão sobre o lugar está além do mapa físico visualizado, além das sensações provocadas em determinados lugares que estão na memória e é retratada nos registros do escritor, ela pode ser feita por intermédio dos grupos sociais que sentem os lugares de memória numa forma diferenciada, dependendo da relação que mantém com o lugar.

Partindo das crônicas de Coelho (2015), o qual tem uma ligação afetiva com Catalão, deduzo que ele formula apreciações sobre o que vê desse passado relacionado ao presente.

Delas, revela-nos as sobreposições de memórias na história da cidade, como alusão ao palimpsesto, teorizado por Pesavento (2004b), a qual afirma que a história da cidade é uma sobreposição de memórias escritas, apagadas, reescritas ou ocultadas, segundo quem conta. Tomando como base as memórias de Coelho (2015), conforme esse conceito, as memórias e histórias da cidade se sobrepõem umas sobre as outras e, nesse processo, a imagem da cidade é construída e desconstruída pelos sujeitos sociais.

Para exemplificar o exposto, tomemos como base uma imagem da cidade relatada por autores que não o aqui em tela, como o poeta Ricardo Paranhos e o memorialista Cornélio Ramos. Sobre dois morros pertencentes à Catalão e que são lugares muito importantes na relação intensa com a comunidade catalana, os dois autores exaltam esses espaços considerados marcos de entrada e saída da cidade, porque eles fazem parte da história: o Morro de São João, conhecido também como Morro da Saudade, e o Morro das Três Cruzes. Já Coelho (2015) os aborda de maneira meio superficial, sem dar a eles tanta importância, preferindo dar ênfase para outros lugares e pessoas. Vê-se, portanto, que dentro do universo cultural e imaginário social, os morros têm uma dada representação, não por acaso presente nos escritores locais citados – Ricardo Paranhos e Cornélio Ramos –, porém, citado de forma distinta por Coelho (2015), nossa fonte documental.

Com base em outros estudos, evidencia-se que não é por acaso que Coelho faz essa escolha de seguir por outro caminho no que diz respeito à menção aos morros. Jason Hugo de Paula, em *Inventando o progresso: a construção de imagens e a modernização de Catalão (1959 – 1970)*, aponta os possíveis motivos pelos quais o escritor não enfatiza esses lugares em suas crônicas:

Atento às contradições da sociedade e ao caráter múltiplo da constituição de uma cidade, este escritor, contemporâneo dos demais sujeitos, não compartilhará aquela visão. Sua posição de crítico pode ser encontrada tanto na problematização local quanto pode ser estendida à realidade goiana na medida em que critica alguns estudiosos que pensam Goiás pelo viés da modernidade sem se preocuparem com o reverso desta questão. (PAULA, 2005, p. 19).

Paula (2005), ao abordar a construção de imagens e a modernização de Catalão através de imagens de jornais impressos na época, percebe como a imagem dos morros foi utilizada dentro desse projeto para mudar o imaginário dos catalanos, segundo os aspectos de modernidade proposto para a cidade. Podemos, assim, refletir o porquê de esse autor fazer

apenas uma breve referência, que é, justamente, por se tratar de uma escolha em não abordar esses lugares, mas outros.

O Morro de São João (ou Morro da Saudade) e o Morro das Três Cruzes são referenciados tanto no Hino como na Bandeira Oficial de Catalão, são *uma herança do passado a ser recordada*, de acordo com a noção de Jacques Le Goff (1990), isto é, o monumento vivo que evoca esse passado e perpetua a recordação. A alusão aos morros, no contexto das composições poéticas, serve para dar ideia de grandiosidade à cidade e à presença desses espaços nela, assim como também se referem à cidade como a “Atenas de Goiás” – menção aos saberes de uma cidade-estado da Grécia antiga, onde o conhecimento era evidenciado.

A título de conhecimento para o leitor, informamos que tanto o Hino Oficial da Cidade de Catalão como a Bandeira Oficial são símbolos de referência criados para a cidade por ocasião de seu Centenário, em 1959, os quais não aparecem nos escritos de Coelho (2015). Aliás, quando se propõe a refletir sobre a cidade e seu 150º aniversário, ele escreve sobre a peculiaridade da formação e denominação dos bairros da cidade, dos tipos de moradores que se estabeleciam em cada um deles. Isso é uma escolha, uma seleção que é abordada de maneira crítica, analista e questionadora, uma vez que desconstrói uma imagem projetada para a cidade a partir da organização das comemorações do Centenário.

Voltando aos morros, várias das imagens visualizadas e refletidas no alto deles circundam a cidade fazem parte da memória e do imaginário dos seus habitantes, sendo assim, cada grupo social as interpreta, representa e apropria delas, de acordo com suas interpretações e interesses. De acordo com Paula (2005), essas imagens foram utilizadas pela imprensa local – no caso, “A Gazeta do Triângulo”, de ampla circulação na região de Catalão e entorno – como uma projeção da cidade culta, progressista e moderna, iniciada nas comemorações do Centenário, projetando uma cidade do futuro, modelando o imaginário daquele momento, o que faz parte de um projeto maior de construção da nova imagem da cidade, o que Coelho rebate e desconstrói através da sua literatura sobre o cotidiano da cidade.

Através das crônicas, do campo literário, Coelho (2015) constrói uma narrativa histórica, que revela uma determinada história a partir do cotidiano dos sujeitos sociais dentro da coletividade urbana, mas não o faz pelo mesmo viés daqueles que queriam “cristalizar” uma nova imagem para a cidade. Daí, surgem novas questões, as quais são de extrema importância e que vamos procurar respostas dentro deste trabalho. Sendo assim, a partir das crônicas de Coelho (2015), o que não é visível nessas memórias relatadas? O que ele oculta ou dá visibilidade? O que tenta apagar? Que representações (práticas/saberes) aparecem nas

crônicas? Como os traços ou representações de Catalão são pensados, ou significados por ele? Que lugares de memórias ele evidencia em suas crônicas? Voltaremos a esse ponto nas nossas considerações, tentando responder essas e outras questões, que consideramos importantes desvendar, uma vez que somos instigados a isso na leitura dessa obra.

Para discutir noções teóricas acerca do nosso tema, entramos agora no campo historiográfico das ciências sociais, a partir de onde os historiadores buscam compreender a relação entre a história, a cidade e o que é produzido sobre ela. No caso em tela, partimos das crônicas de Coelho (2015), nossa fonte documental. Enfim, vejamos alguns estudos sobre a cidade para nos dar respaldo teoricamente.

José D'Assunção Barros (2007), discutindo sobre Cidade e História, aponta-nos caminhos para escolhas teóricas das pesquisas pretendidas e da necessidade emergencial de refletirmos sobre a cidade, especialmente no campo da historiografia. Afirma Barros (2007) que as primeiras reflexões modernas sobre cidades remontam do século XIX, no campo da sociologia; antes desse período, não havia interesse numa investigação sistemática, com métodos específicos e apropriados em todas as dimensões possíveis do fenômeno urbano. Ainda segundo Barros (2007, p. 9-10):

Pensar e sentir a cidade fora muitas vezes uma tarefa dos poetas, dos cronistas e romancistas, dos teólogos, também dos arquitetos e dos filósofos – mas neste último caso sempre como um caminho para compreender problemas humanos mais gerais, para pensar os modelos ideais de organização do mundo político, para impor hierarquias sociais. Assim, pode-se dizer que, de outro lado, embora a cidade tenha sempre frequentado a reflexão de filósofos e pensadores dos mais diversos tipos, ela ainda não apareceria, como dissemos acima, como uma forma “mais específica” de organização social, contrastante em relação a outras, com um lugar próprio e problemas singulares que seriam só seus, com uma história à parte, embora integrada ao movimento mais geral da história humana.

A cidade, segundo o autor, não era ainda compreendida como uma “organização social específica”, posto que a maioria da população ainda vivesse no campo e o aglomerado urbano era um mundo à parte, que até então não incomodava e, assim sendo, não era pensada. Só mais tarde, com o crescimento e desenvolvimento desses núcleos e com as ondas sucessivas dos camponeses a migrarem para a cidade, o olhar sobre ela foi alterado.

Dessa forma, seguindo tal perspectiva, a cidade de Catalão é refletida e revelada como um mundo à parte por Coelho (2015), pensada a partir de alguns lugares de memórias e revelando histórias encobertas nas camadas de memórias sobrepostas sobre essa cidade. Lembrando que o desenvolvimento do núcleo urbano na ideia de “progresso” não apaga

alguns lugares tomados como referência para esse autor que sente, pensa e questiona sobre a cidade, o qual podemos conhecer melhor a partir de uma entrevista concedida a Wolney Honório Filho, em 2011:

O professor Braz fala pausadamente. Fala fundamentalmente usando palavras e mãos. Fala com as mãos, escrevendo. No final da entrevista, ao pegar a folha de rascunho, percebi ali um mapa da memória trançada. Ao falar escrevendo, ou melhor, desenhando, para seguir um palpite que ele mesmo deu, quando disse ter tido na infância facilidade com desenhos, caricaturas, Braz estabelece um canal de comunicação entre ele e seu passado. Isto é tão vivo na sua maneira de falar, de lembrar, que é possível dizer que sem esta prática de desenhar a memória, seria impossível lembrar. Ou seja, a lembrança estaria presa, subjugada a um detonador: o desenho, o rascunho, a escrita. (HONÓRIO FILHO, 2011, p. 6).

Muito embora nosso trabalho não seja diretamente sobre o autor, é a pessoa de Braz José Coelho que está inserido numa determinada comunidade e escreve sobre Catalão em forma de crônicas. Assim, é importante trazer alguns dados sobre o autor⁴ que nos facilita a compreensão dele sobre o espaço de que fala. Em dado momento da entrevista a Honório Filho, quando questionado sobre sua forma de escrever, ele dá a entender que é preciso ter o que contar e como contar as histórias.

Michel Pollak (1989), em *Memória, Esquecimento, Silêncio*, tangencia sobre o cuidado e a necessidade de refletir quem conta a história e como o faz, além de que tipo de história é contada. No caso do nosso cronista, para nós, está claro que ele procura contar histórias submersas, das pessoas simples, dos que trabalham em funções nem sempre destacadas na sociedade em sua vida diária e, especialmente, dessas pessoas e a relação que elas mantêm com o lugar em que vivem. Interessante notar a observação do “falar com as mãos”, do “rascunho” e do “mapa da memória trançada”. É esse o desenho da memória, a imagem de determinados lugares da cidade que ele usa para desencadear os fatos guardados em sua memória.

O que Honório Filho aponta e discute é um método peculiar de desenvolver a construção dessa memória de Coelho e refletir a história de Catalão, inclusive, essa ideia é

⁴ É preciso destacar que o autor nasceu em Minas Gerais, passou sua infância numa fazenda próxima a Catalão e iniciou seus estudos nessa mesma cidade, cidade a qual viveu até a juventude e adotou de coração. Teve sua formação acadêmica em Goiânia e fora do Estado, mas fixou residência em Catalão, ajudando a transformar um Centro de Formação de professores em Campus da UFG, cedendo inclusive toda sua biblioteca particular para o Campus em formação. Esteve à frente da Direção do Campus e lecionou por muitos anos no local, encontra-se atualmente aposentado e residente na cidade que adotou de coração.

tomada como título do artigo citado: “A memória desenhada: identidades de um intelectual no interior de Goiás-Brasil”, no qual Honório Filho cita Josso (2006), no prefácio da obra *Tempos, narrativas e ficções*: a invenção de si, afirmando que o desenho/imagem estabelece um canal de comunicação entre o narrador e seu passado, quando ele é objeto e sujeito de sua própria narrativa histórica:

Desgarrado de si, o sujeito se modifica ao tramar a sua própria história. E tramar a sua própria história é dar sentido à própria vida. É inventar-se contraditório e transitoriamente as interações sociais, biológicas, psíquicas que o indivíduo experimenta. (HONÓRIO FILHO, 2011, p. 6).

Dessa forma, surgem as interações do sujeito que, ao mesmo tempo, é autor e objeto de sua narrativa. Ao narrar a história, não só consegue dar sentido a sua vida, mas também estabelece uma comunicação e uma interação com o passado que vivenciou. Nesse processo, ele constrói um mapa afetivo ao relacionar o passado com o presente, a partir dos lugares de memória. Esse mapa, por sua vez, vai muito além do urbano/geográfico, visualizado por alguém que olha a cidade pela primeira vez, ou que a vê cotidianamente e não se atenta para além das imagens e seus significados.

Tomando como referência as imagens visualizadas do mapa urbano que nos revela Coelho (2015), podemos questionar a invisibilidade de determinados lugares que despertam sentimentos, os quais, baseados nos estudos de Pierre Nora (1993), denominamos como lugares de memórias. Para o autor, esses lugares sempre têm um monumento como referência de algo que já não é mais e assim ele afirma:

Os lugares de memória são antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. São os rituais de uma sociedade sem ritual, sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaude os particularismos, diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimentos e grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 12-13).

Entendo, a partir da afirmação de Nora (1993), que, se é preciso comemorar determinada memória através dos registros da história, é por ela estar sendo ameaçada de não mais existir, sendo silenciada, ocultada, ou ameaçada de ser apagada do que é sagrado, do

costume ou da tradição⁵ dos sujeitos em sociedade. Para compreendermos os lugares de memórias citados e refletidos na obra de Coelho (2015), procuramos nos reportar à ideia de “costume” como algo informal, não imposto, mas passível ou não de ser assimilado pela rotina. Para Eric Hobsbawm e Terence Ranger em *A invenção da tradição*, a ideia de “tradição” se diferencia de “costume”:

A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionalistas”. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais, conforme o expresso na história. (HOBSBAWM e RANGER, 1984, p. 10).

A tradição aqui é entendida como uma convenção de uma prática formal, entretanto, Hobsbawm e Ranger (1984, p. 11) estabelecem uma segunda diferença entre “costume” e “tradição”, nela: “a ‘tradição’ no sentido a que nos referimos e a convenção ou rotina, que não possui nenhuma função simbólica nem ritual importante, embora possa adquiri-las eventualmente”. Diante do exposto, tomaremos a noção de “costume” por se tratar de uma prática que se repete e é formalizada nessa prática social. Percebo também que, ao perder o costume evocado pela memória, a história dessacraliza essa memória que precisa reafirmar as memórias que foram ignoradas, legadas ao esquecimento ou ao silêncio.

Voltando aos lugares de memória, para Nora (1993) eles são, simultaneamente, apresentados como materiais simbólicos e funcionais, e só diferem quanto ao grau. Ademais, são um ponto específico e o autor entende que é a partir desses lugares que a memória trabalha, eles são seu laboratório. Nesse sentido, Nora (1993) se contrapõe a Halbwachs (1990), uma vez que este percebe a memória a partir do que é evocado dos lugares, dos objetos, dos sons, das cores, do que se lembra e não como o laboratório de trabalho da memória. Nesta pesquisa, não descartamos nem uma dessas suposições, pois os lugares de memória podem evocar lembranças e, ao mesmo tempo, ser um laboratório onde essas memórias podem ser trabalhadas, especialmente a partir das “práticas e representações”,

⁵ Por “tradição” entendemos o termo na perspectiva daquilo que é dado como algo “forjado”, fixado na sociedade a partir de um modelo pré-estabelecido, é algo forçado e, praticamente, imposto.

conceito elaborado por Roger Chartier (1990) para pensar os lugares e as memórias desses lugares.

Pensando em um possível diálogo entre as colocações teóricas e as crônicas a serem analisadas, vão surgindo novos questionamentos dentro do trabalho. Que lugares em Catalão são percebidos como lugares de memória da cidade, a partir de Coelho? Os locais de memórias de Catalão são invisíveis, ocultos ou apagados da memória histórica da cidade? Que locais são visíveis ou invisíveis nessas memórias de Coelho? Se o são, como isso ocorre? Como os lugares dessas narrativas da cidade aparecem ou não na história ensinada nas escolas? Como se estabelece essa ocultação ou apagamento de determinados lugares nas narrativas? Como, simbolicamente, a disputa pela hegemonia política de alguns lugares de memórias foi estabelecida e alguns tornados invisíveis? O que seria essa cidade para Coelho? Como ela se constituiu nas suas narrativas? Essas e outras questões nos ocorrem quando analisamos nossa cidade, com o olhar de historiador, analisando como documento o que é registrado como crônicas na obra do escritor Coelho (2015).

Compreendemos, por essas questões, a necessidade de estudos mais apurados sobre uma construção de imaginários, em que lutas simbólicas são travadas entre os grupos sociais de Catalão e, nesse palimpsesto de memórias escondidas pelo grupo vencedor, foi promovida uma inversão de usos dos lugares das memórias. Partindo desse princípio, propomos reflexões e questionamentos para pensarmos as imagens e representações de memórias urbanas com base nas crônicas de Coelho, no livro *Sombras do Tempo*, no qual percebemos os efeitos psicológicos que o lugar opera sobre suas emoções, vislumbradas através das crônicas. Mas, além dessa ideia, os palimpsestos de memórias podem estar ocultos e essas narrativas em forma de crônicas podem nos apontar, especialmente, práticas de ensino possíveis de serem propostas em sala de aula, a partir das crônicas sobre os lugares de memórias da cidade.

Certeau (2002) afirma que o lugar onde vivemos e convivemos é o que nos permite e o que nos proíbe certas observações e análises; ao mesmo tempo que nos credencia, limita. Entretanto, operações historiográficas com métodos específicos do campo da história nos fornecem instrumentos para, apesar das limitações, fazermos as análises necessárias do objeto de estudo do qual estamos próximos. De acordo com Certeau (2002, p. 55), o gesto do historiador é a ponte, “[...] mas, o gesto que liga as ‘ideias’ aos *lugares* é, precisamente, um gesto de historiador”. Compreender, para ele, é analisar em termos de produções localizáveis o material que cada método instaurou, inicialmente, segundo seus métodos de pertinência.

Além do gesto de ligar as ideias aos lugares, objetos, ou fatos a serem analisados de maneira crítica pelo historiador, é este que, com métodos próprios do campo da história,

credencia para analisar cientificamente o objeto de pesquisa, apesar dos limites sensíveis que têm em relação ao seu objeto de estudo. Concordamos, novamente, com Certeau (2002, p. 71-2) quando ele afirma:

Sem dúvida, é demasiado afirmar que o historiador tem o “tempo” como “material de análise” ou como “objeto específico”. Trabalha, de acordo com os seus métodos, os objetos físicos (papéis, pedras, imagens, sons, etc) que distinguem no *continuum* do percebido, a organização de uma sociedade e o sistema de pertinências próprias de uma “ciência”. Trabalha sobre o material para transforma-lo em história. Empreende uma manipulação que, como os outros, obedece a regras.

Percebo que o trabalho do historiador, de acordo com o teórico citado, é o de “vasculhar” além do que está visível, além das permanências, é descobrir o que pode estar oculto ou ausente e transformar o material que antes não era percebido em história. A elaboração é através de regras e procedimentos de análise adequados ao trabalho historiográfico. Assim, é possível, através da análise das crônicas de Coelho (2015), perceber traços e representações de uma história de Catalão, ainda não visualizada, pensada, imaginada, questionada ou sentida de uma forma diferente.

Em relação aos fundamentos teóricos da História, entendemos, a partir de Certeau (2002), que ela não é uma ciência qualquer, é uma ciência específica, que parte da sensibilidade humana e está sujeita a subjetividades próprias do ser humano que a constrói.

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um “lugar” (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), um “procedimento” de análise (uma disciplina, método) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da “realidade” da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada “enquanto atividade humana”, “enquanto prática”. Nessa perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um “lugar social, de práticas científicas” e de uma “escrita”. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto. A escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece a regras próprias. (CERTEAU, 2002, p. 57).

Enfim, por essa breve exposição, podemos perceber que o historiador tem seus métodos elaborados de maneira adequada para trabalhar com seus objetos de pesquisa, os quais possuem caráter científico, embora alguns dados sejam subjetivos e perpassem pela sensibilidade humana. Como vimos, as imagens dos lugares e seus monumentos são

construções históricas que revelam o imaginário cultural com suas teias de significados tecidos pela sociedade, e estes precisam ser descritos de forma densa, segundo Geertz (1978); investigada, como propõe Guinzburg (1989, 2007, 2011); pelos índices, rastros deixados ou apagados pelas evidências em seus palimpsestos de memórias sobrepostas, de acordo com Pesavento (2004b), para que possamos compreender o que seria esse nosso fenômeno urbano.

Dentro do quadro apresentado, percebemos que nosso objeto de pesquisa nos aponta para muitas questões a serem trabalhadas e se torna necessário delimitar nossos objetivos da pesquisa, o que faremos ao longo dos capítulos, ao rever os conceitos que serão mais importantes para a construção do nosso conhecimento.

As questões que aparecem ao longo da pesquisa, muitas, aliás, tentaremos descobrir as respostas nas nossas considerações, inicialmente, tentaremos apresentar, de forma mais detalhada, o autor e sua obra.

Temos, então, o primeiro capítulo, apresentando o autor Braz José Coelho e o colocando em diálogo com outros escritores da mesma temática; o contexto da construção das memórias coletivas e a crítica social do autor, não declarada, mas sugerida. Nele, também tecemos uma discussão acerca do questionamento sobre a memória e a perspectiva de ela não estar cristalizada.

No segundo capítulo, apresentaremos a obra *Sombras do Tempo*, nossa base documental, no sentido de compreendê-la e perceber o que o autor deixa sugerido, subentendido para que os leitores interpretem.

No terceiro capítulo, apresentaremos sugestões relacionadas ao trabalho com as crônicas de Braz José Coelho em sala de aula, dando uma direção aos professores que se proporem a trabalhar essa obra e temática. A crônica como instrumento de ensino e conhecimento sobre a cidade, esse é o tema trabalhado, apontando estratégias de ensino a partir das crônicas, a seleção dos conteúdos da obra de Braz José Coelho, mostrando algumas por inteiro num quadro sinóptico e sugestões de estratégias comuns para trabalhá-las em sala de aula.

Finalmente, as considerações finais, em que falaremos do nosso processo no curso do mestrado, da trajetória em que percorremos até ao que chegamos e tentaremos encontrar algumas respostas das muitas questões formuladas ao longo desse trabalho. Também falaremos sobre o processo de trabalho com as crônicas e a importância desse trabalho, especialmente com a obra *Sombras do Tempo* de Braz José Coelho.

CAPÍTULO I – O PALIMPSESTO DE MEMÓRIAS DE CATALÃO A PARTIR DE BRAZ JOSÉ COELHO

Pesavento (2004b) define as pesquisas históricas da leitura do mundo como um texto a ser descoberto pelos vestígios encobertos anteriormente, a partir da ideia do palimpsesto⁶.

O palimpsesto é uma imagem arquetipa para a leitura do mundo. Palavra grega surgida no século V a. C, depois da adoção do pergaminho para o uso da escrita, palimpsesto veio a significar um pergaminho do qual se apagou a primeira escritura para reaproveitamento por outro texto. A escassez de pergaminhos nos séculos VII a IX generalizou os palimpsestos, que se apresentavam como pergaminhos nos quais se apresentava a escrita sucessiva de textos superpostos, mas onde a raspagem de um não conseguia apagar todos os caracteres antigos dos outros precedentes, que se mostravam, por vezes, ainda visíveis, possibilitando uma recuperação. Essa definição primeira do palimpsesto nos fornece uma chave para os olhos do historiador, quando se volta para o passado. Há uma escrita que se oculta sobre a outra, mas que deixa traços; há um tempo que se escoou, mas que deixou vestígios que podem ser recuperados. Há uma superposição de camadas de experiência de vida que incitam a um desfolhamento, de uma espécie de arqueologia do olhar, para a obtenção daquilo que se encontra oculto, mas que deixou pegadas, talvez imperceptíveis, que é preciso descobrir. (PESAVENTO, 2004b, p. 26).

Sendo assim, é também por esse viés que vamos observar as crônicas aqui propostas para análise, observar as imagens da década de 1950, ou um pouco anterior, que com o processo de modernização da cidade, se transforma aos olhos do observador. As imagens são suscitadas a partir da obra de Braz José Coelho (2015) e trazemos algumas que apresentamos em anexo, reproduzidas do Acervo do Museu Cornélio Ramos, que se encontra no prédio da antiga Estação Ferroviária de Catalão.

Das imagens reproduzidas trazemos em anexo imagens do Antigo Clube Treze de Maio e a de Catalão vista do alto do Morro de São João, ou Morro da Saudade. A imagem do Clube é de 1983, um pouco antes de ser trocado por um terreno distante do centro e se tornar uma Igreja Evangélica e a de Catalão vista do alto do Morro de São João é do mesmo período.

Do período posterior ao Centenário de 1959, especialmente após a década de 1970, vão surgir novas avenidas, praças, prédios, o córrego que corta a cidade é canalizado, Catalão torna-se um verdadeiro canteiro de obras e o estético se sobrepõe ao ético e ao político, gerando a ideia de um palimpsesto cidadão. Isso é dado a perceber por Coelho (2015) ao falar

⁶De acordo com o dicionário Aurélio (1989), **palimpsesto** vem do grego, significa aquilo que se raspa para escrever de novo; é um pergaminho (ou papiro) cujo texto foi eliminado para permitir sua reutilização.

do processo modernizador pelo qual a cidade passou, especialmente quando narra sobre os bairros, como a Rua da Grotta, à época do 150º aniversário da cidade e através das imagens da época.

Sob o título *Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto*, Sandra Jatahy Pesavento (2004) trabalha o pressuposto da existência de um palimpsesto de memórias sobrepostas, em que uma memória é raspada para dar lugar a uma nova, ou eliminada para ser reutilizada num texto raspado, dando lugar a outras memórias. Assim analisamos as memórias da cidade de Catalão, a partir das crônicas de Braz José Coelho (2015), no contexto da construção de suas histórias e do que é sugerido por ele.

Paula (2005), em entrevista a Braz José Coelho, em maio de 2004, abordando o conto “Os cães e a rede”, assim transcreve as palavras do escritor: “O escritor tem que ter duas coisas: ele tem que ter... vamos dizer assim... ele tem que ter *o que contar* e ter o *como contar*, certo?” (COELHO, 2004 apud PAULA, 2005, p. 51). Assim, esse escritor tece uma narrativa a qual o seu contar não é, exatamente, declarado, mas é sugerida ao leitor a ideia que quer passar, o que ele deixa subentendido é que existiram muitos lugares, memórias e histórias que não foram contados ou mostrados na história escrita da cidade de Catalão e, raspando as memórias, tendo como base as crônicas, outras histórias aparecem.

Dentre as narrativas de Coelho (2015), o texto sobre a “Rua do Pio” ou “Rua da Grotta” é um exemplo de memória raspada do palimpsesto de memórias da cidade. É um texto carregado de emoção, que mostra algumas memórias emergidas da sobreposição de memórias ocultadas no processo de modernização idealizado para a cidade, fala do que era significativo para as pessoas do lugar e que se transformou.

Agora as grotas não existem mais, entupiram-nas de lixo, depois aterraram-nas. Até o lugar mudou de nome, hoje é Bairro Santo Antônio, assim como a praça da Rua Marca Tempo se transformou em Praça Nossa Senhora de Fátima e os aparelhos de medição meteorológica que ali existiam e resistiram por uns oitenta anos ou mais foram sumariamente arrancados; a Rua da Capoeira nem mesmo sei qual é o seu nome atualmente. No entanto, há cinquenta anos atrás, centenário da cidade, em 1959, e ainda, algum tempo depois, eram Rua da Grotta, Rua do Marca Tempo, Rua da Capoeira, Rua Pra Cima da Linha, Rua dos Negros – e outras tantas ruas a mais de que a memória não providenciou recordar de todas elas. (COELHO, 2015, p. 12)

O “e os aparelhos de medição metereológica que ali existiam e resistiram por uns oitenta anos ou mais foram sumariamente arrancados” além do tom melancólico, aparenta certa revolta por conta dessa ação, na qual não encontramos, durante nossas pesquisas, vestígios de uma consulta a população local sobre essa mudança. Mais adiante iremos detalhar essa crônica, juntamente com outras, ricas em detalhes desse palimpsesto sobreposto que não conhecíamos, mas que é dado a conhecer.

Por hora, registramos que existe aí, nessa crônica, um subentendido, algo que é sugerido sobre as transformações de “costumes” por qual passa a comunidade, O que ele *conta* e como ele *conta*, num primeiro momento, parece um lamento, mas é uma denúncia da mudança pelas quais aqueles sujeitos sociais passaram, porque antes o *bairro* não era apenas “o *bairro*”, no sentido que atualmente conhecemos, existia uma relação de afeto e pertencimento ao lugar, que difere do que hoje normalmente concebemos. Para Michel Foucault (1981, p. 49),

O mundo é coberto de signos que é preciso decifrar, e estes signos, que revelam semelhanças e afinidades, não passam, eles próprios, de formas da similitude. Conhecer será, pois, interpretar: ir da marca visível ao que se diz através dela e, sem ela, permaneceria palavra muda, adormecida nas coisas.

Como base nessa ideia, as palavras de Coelho (2015) são uma representação do que é dito e não dito sobre um dos aspectos da cidade de Catalão, mas que é preciso decifrar/desvendar os distintos olhares sobre a cidade. Ao fazer isso, a crônica, enquanto linguagem representada de uma determinada cultura, estabelece relações com o tempo e os espaços em dependência estreita. O texto sobre a “Rua do Pio” ou “Rua da Grota” é apenas um dos vários que apontam memórias da cidade e que ajudam a refletir sobre os lugares de memória, em como algumas memórias podem emergir do palimpsesto de histórias e do que pode estar oculto ou apagado da história que foi construída ou projetada para a cidade. Como afirma Pesavento (2204a, p. 1595):

Visualmente, o urbano se define por uma delimitação e edificação no e do espaço, a fornecer imagens gráficas e objetais da cidade, consensualmente reconhecidas como tal. [...] Por outro lado, o espaço urbano contém um tempo, encerra uma história e uma memória e supõe uma leitura que faz da cidade como que um livro de pedra, como já disse Walter Benjamim. Nessa medida, cada forma, cada materialidade e traçado que marca a apropriação do espaço se constituem em um texto, que comporta uma trama e oferece uma intriga a ser desvendada.

A reflexão de Pesavento (2004a) é sobre a memória e o patrimônio urbano, analisando a cidade como um cronotopo, ou seja, como uma unidade de espaço e tempo que se dá a ler e ver. Nessa unidade de espaço e tempo existem relações sociais específicas dos variados grupos que compõem a sociedade catalana e que constroem uma intrincada teia de significados, a qual, de acordo com Geertz (1978), precisa ser desvendada, problematizada e compreendida. Nesse cronotopo, a cidade não é percebida somente no seu aspecto físico, mas emocional, vai além das construções, como afirma Pesavento (2004), tem a ver com as relações sentimentais que a pessoa mantém com o lugar em que vive, ou viveu. O fenômeno também revela outro lugar, a partir das memórias do sujeito que conta, ou aspectos que não eram conhecidos antes, mas que se dá a ler e ver pelas narrativas, o que revela a importância de se aliar história e literatura para compreender o que essa cidade tem a oferecer.

Nessa direção, inclusive, é possível notar, a partir da crônica de Coelho (2015), que a cidade mostra, também, um espaço que se assemelha com o do campo, isto é, existe uma relação muito estreita entre o campo e a cidade, apesar de o projeto modernizador proposto para a cidade entender essa relação como negativa. Podemos questionar o que está por trás dessa referência da relação entre o campo e a cidade? O que o autor pode estar ocultando ou revelando a mais dessa relação? Tomando as referências dadas por Coelho (2015), ao nos situarmos no alto de um dos morros que circundam a cidade, tendo o lugar não como um símbolo, mas como um ponto de observação e reflexão sobre o que o escritor nos revela a partir de suas crônicas, pode confrontar com a imagem dos mapas. Observamos seus pontos de acesso e mais questões variadas nos surgem a pensar e investigar. Por exemplo, muito há de se pensar além das imagens, dos mapas e dos lugares de memórias que se tornam “representação e práticas sociais”, conceitos trabalhados por Chartier (1990), que podem ser percebidos nas narrativas de Coelho (2015) e confrontados com outras para compreender os traços ou representações da comunidade catalana.

Dessa forma, as crônicas podem ser tomadas como documento para compreender a relação entre o lugar e a memória nas representações históricas das disputas de poder, de memórias privilegiadas em detrimento de outras, como as imagens da cidade e outras produções escritas e, principalmente, de como vestígios foram encobertos anteriormente, a partir de um palimpsesto de memórias não percebidas, não contadas explicitamente ou registradas.

Durante a reflexão sobre a cidade, procuramos lê-la em sua inteligibilidade, assim como Coelho (2015), na condição de sujeito que escreve e vivencia o que vê, nosso *flâneur*, que sente os efeitos que o lugar opera sobre as emoções e o comportamento dos sujeitos,

analisando além das imagens percebidas. Em análise, os signos apresentados pelo autor, aparentemente, dão a ideia de saudosismo, entretanto, foi o modo de mostrar sua forma de expressar e pensar o tempo e a história dessa comunidade, nesse sentido, desconstruindo uma dada representação feita por outros escritores.

Para analisar o que somos, a partir da história que construímos para nós e os outros, é necessário compreender as relações entre memória, história e cidade, em que determinadas memórias não aparecem de maneira explícita na história da cidade, mas podem estar subentendidas ou sobrepostas por outras memórias.

1.1 Memórias cristalizadas?

De acordo com Pesavento (2004a), o vivido já se foi, não tem como voltar no tempo para sentir o passado tal como foi. Mas a imaginação ajuda a reconstituir esse tempo para que possamos decifrá-lo, do que resta do passado que foi dito, e compreender seu processo, os discursos e imagens que têm sentido para quem viveu e que precisa fazer sentido para quem lê as memórias, no caso, de Coelho (2015), no sentido de refletir o passado e dar um novo significado a ele, relacionando-o com as questões apresentada pelo momento presente.

Se os discursos e imagens narrados por quem viveu as memórias fizerem sentido para o leitor, é sinal de que ele conseguiu reconstituir o passado e fazer com que ele, o leitor, passe a compreender não só o tempo que já se foi, mas, especialmente, o tempo presente em relação aos lugares de memórias que causam sensações e sentimentos quando deparados com eles.

Halbwachs (2003) trabalha, indiretamente, o *flâneur* ao analisar a memória coletiva, quando se refere aos que percebem e refletem sobre a cidade, tal como fez nosso cronista aqui em tela. Assim salienta Halbwachs (2003, p. 53):

Em outras palavras, a condição necessária para voltarmos a pensar em algo aparentemente é uma sequência de percepções pelas quais só poderemos passar de novo refazendo o mesmo caminho, de modo a estar outra vez diante das mesmas casas, do mesmo rochedo, etc. Portanto, estamos mais ou menos certos de não estar enganados ao dizer: nunca mais pensei nisso porque não consegui reagrupar todas essas imagens, tão diversas e tão matizadas, através da memória e da reflexão – jamais consegui restituir esta combinação singular e exata de impressões sensíveis, só ela poderia orientar meu espírito exatamente para esta lembrança. Nunca mais havíamos pensado naquilo. Contudo, quando essa lembrança reaparece, não é consequência de um conjunto de reflexões, mas de uma aproximação de percepções determinada pela ordem em que se apresentam determinados objetos sensíveis, ordem essa resultante de sua posição no espaço.

Assim o crítico percebe que existe uma noção e uma reflexão do que é vivido e percebido, aparentemente, como individual, como se fosse a narrativa de um escritor, mas essas noções e reflexões são pautadas e orientadas em produções coletivas, de acordo com a comunidade em que o escritor está inserido ou se insere, e do objeto de pesquisa ou fonte pesquisada. Diante da sugestão de refazer o caminho, refletindo o reagrupamento de imagens e o ordenamento dos objetos no espaço local, Halbwachs reforça essa ideia ao falar das percepções e sensibilidades das lembranças evocadas de maneira individual e das sensações provocadas ao evocar essas lembranças, partindo de produções coletivas.

Por meio dessa análise, entendemos que as lembranças são, aparentemente, individuais, mas o que desperta nossas lembranças são fatos ou construções produzidas no plano do coletivo, ou seja, pelos grupos sociais como um todo. E, ainda que as referências sejam os lugares de memórias lembrados de forma individual, esses lugares foram construídos pelo coletivo ou tem alguma relação com ele, representado num grupo social que produz e reproduz sua cultura e está, de alguma maneira, relacionado às outras culturas. Segundo Nora (1993), os lugares de memória estão relacionados ao campo do patrimônio cultural, um patrimônio que pode ter várias formas de representações sociais, dependendo do grupo relacionado a esse determinado patrimônio, o qual pode ser fonte e objeto de pesquisa e suscitar sensibilidades inerentes à própria condição de sermos humanos e sujeitos a elas.

Tomando como base os estudos de Halbwachs (2003) e Certeau (2002), entendemos que tanto as fontes como o historiador, que lida com elas, são sensíveis ao objeto da pesquisa, mas, o historiador, ao seguir o procedimento da história como ciência, métodos e regras próprias da disciplina, em operações meticulosas de análise e comparação dos fatos históricos, procura lidar com as especificidades da história enquanto ciência, estabelecendo uma distância necessária em relação ao objeto para não comprometer sua pesquisa. Todavia, ele mantém sua sensibilidade, o que é inerente a essa ciência que se baseia na subjetividade. Tal imparcialidade da análise histórica é, justamente, o que a torna uma ciência específica, que lida com sujeitos históricos constituídos de subjetividades próprias da sua condição humana; o historiador não é isento em suas análises e escolhas em relação ao objeto, mas pode estabelecer uma distância segura ao efetuar as operações meticulosas de análise e comparação dos fatos históricos, percebendo a especificidade do método e da própria história enquanto ciência.

No nosso caso, o “lugar social, de práticas científicas” é onde vivemos constituídos de construções, sejam elas visíveis ou não, escritas ou não. Mas, na memória dos que viveram em determinados espaços, ou ainda vivem, e percebem suas transformações no tempo, é

muito visível e claro. Assim, esse nosso lugar social é um determinado centro urbano, com características próprias, embora similar a muitos outros na sua forma organizacional, inserido, por sua vez, numa determinada sociedade cultural que se representa como moderna, mas com práticas que não estão imbuídas das noções de modernidade, a qual os grupos que estão no poder gostariam de apregoar.

Sobre a questão da modernidade, temos em Coelho (2015) um autor que percebe as mudanças na cidade e mostra o que o moderno alterou na relação entre a cidade e o campo, nas relações familiares, na forma de se relacionar com a natureza e com a religiosidade. Numa das crônicas, o escritor narra, em tom aparentemente saudosista, sobre um dos símbolos da modernidade e do avanço da tecnologia: o cinema, também um dos lugares de memórias da cidade (Cine Real), na verdade percebemos como uma crítica velada. Apresentaremos aqui uma parte de uma das crônicas que vamos voltar a ela abordar com mais detalhes mais adiante:

O Cine Real trouxe várias novidades (...) Com o aparecimento da televisão, das locadoras de filmes, o Cine Real foi perdendo espaço e com o tempo tendo prejuízo. Encerrou suas portas. (COELHO. 2015. p. 97)

Ao mesmo tempo em que o autor fala que o cinema foi uma novidade, revela que ele é um monumento passageiro, que tem um ciclo, com começo, meio e fim. Assim, nessa modernidade, surgem coisas novas que tem um tempo de assimilação e auge até que surge outra novidade que vai substituí-la, retomando o mesmo processo. Para além disso, acreditamos que a crítica sutil é sobre o descarte das coisas que tem significado em determinado momento e depois já não tem mais importância.

Em Catalão, especificamente, temos um estudo de Eliane Aparecida Silva Rodrigues (1996), que aponta aspectos relativos a esse tema/lugar – *Cinema e cotidiano*: as salas de cinema em Catalão. Em seu trabalho, a autora enfatiza a questão das estruturas físicas, os espaços geográficos, antes destinados aos cinemas e que, depois, foram transformadas em templos religiosos e que mudaram sua função não mais de entretenimento.

Interessante que, nas crônicas de Coelho (2015), ele nos mostra, indiretamente, esse processo das transformações de salas de cinema desativadas em templos das novas religiões cristãs e, ao mesmo tempo, faz uma crítica ao fato de lugares que guardam histórias da cidade não serem preservados. De fato, é possível refletir nesse sentido, tendo em vista a quantidade de casas com fachadas antigas, que deveriam ser tombadas pelo patrimônio histórico, e são destruídas para dar lugar a cômodos comerciais e modernizados, explicitados por Coelho

(2015), inclusive, que tem uma abordagem distinta daquela de Licydio Paes, abordado por Santos (2011) e que tomamos como base para comparação, em que quase sempre tudo é bem exposto.

Nas crônicas de Coelho (2015) a questão da modernidade é apenas sugerida. No estudo de Paula (2005), o autor, por meio da literatura, documentos e imagens da época, discute a questão do poder daqueles que estão no domínio social, ou seja, o chamado “progresso” sempre está nas mãos da classe mais abastada e são eles quem decidem o que construir na cidade:

[...] As comemorações do centenário daquela cidade, ocorrido em 20 de agosto de 1959, eleito pelos dirigentes – sejam eles da política cultura ou imprensa – como momento ideal para a construção de uma outra imagem para Catalão requereu delimitar o estudo de 1950 a 1970. Entendendo que as comemorações tenham funcionado como *marco delimitador* para a construção de uma imagem de cidade ideal pelos grupos dominantes da política local, esse período justifica-se por acreditar que essa *construção* passa pela necessidade de se esquecer um tempo e uma história de vivência em detrimento de uma idealização de cidade, isto é, de uma elaboração de imagem para si. (PAULA, 2005, p. 10).

Além disso, Paula (2005) afirma que as comemorações do Centenário de Catalão foram reveladoras da ideia de modernidade construída para a cidade, já pensada desde os anos de 1920, mas intensificada em 1959, nessa comemoração, e efetivada a partir dos anos de 1970. Foi durante essa comemoração que elaboraram a construção de uma cidade ideal (a cidade projetada pelos que estavam no poder), de forma que foi apagada da memória social toda a história que pudesse atrapalhar a imagem que desejavam construir, evidenciando lugares e imagens, bem como apagamento de outras ordens que não fossem de seu interesse. Cabe aqui, novamente, trazer a noção do palimpsesto, da memória raspada, quando uma memória é escrita sobrepondo a outra.

Nesse sentido, percebemos a importância das crônicas de Coelho (2015), pois mostram uma versão da cidade diferente daquela estabelecida pelo projeto modernizador. Sob um olhar das pessoas em seu cotidiano, o autor contesta o imaginário que determinados sujeitos sociais pretendiam estabelecer. Constatamos, a partir dos escritos de Paula (2005), que o “novo tempo” do processo modernizador, proposto para Catalão desde o seu Centenário, teve seu limite temporal consolidado somente na década de 1970, e os mecanismos para difundir a ideologia da ordem e do progresso no imaginário social mudaram com as descobertas das riquezas minerais na região. Sobre esse fato, afirma Paula (2005, p. 67):

Evidentemente não são encontradas nos discursos dos articulistas referências à mineração. Não será esse elemento – visto ter ele se tornado realidade em finais da década de 1960 e início de 1970 –, mas outros, também de ordem político-econômica, os representantes do progresso e modernização que Catalão experienciava quando do centenário. Esta assertiva era o tom dos articulistas que evidenciavam justamente o decréscimo no índice de violência, período que tratam como superação do atraso e da barbárie.

Diante dessa assertiva do pesquisador catalano e respaldados pela teoria de Le Goff (1990), acreditamos que, realmente, muito da história que é creditada pode mudar a partir de determinadas memórias. Nas palavras do crítico: “[...] o processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios” (LE GOFF, 1990, p. 420). Outro assunto que pode ser discutido aqui é o apagamento, os silêncios e supressões das imagens, fator que evidencia, também, esses vestígios apontados por Le Goff e podem ser problematizados a partir do que se escreve ou do que não é escrito, do que é representado em imagens na memória das pessoas comuns que vivenciaram o período que queremos investigar. De acordo com Halbwachs (1990, p. 86):

A história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas que desapareceram apenas em aparência.

Percebemos, assim, a partir dessa leitura, que ainda que tenha sido proposto todo um processo modernizador para a cidade, negando alguns aspectos e enfatizando outros, de acordo com essa proposta, a modernização não anulou outras práticas e vivências dos moradores da cidade, esses traços foram ressignificados e adaptados, de acordo com suas necessidades e conveniências, não foram, portanto, apagados e/ou silenciados. É possível perceber, por exemplo, que parte dos moradores da cidade, em suas práticas diárias, ainda tem o linguajar do campo, brincadeiras, músicas populares (modas de viola), comidas e outras, ressignificadas.

Analisar o que foi anulado ou não das práticas e vivências de pelo menos parte dos moradores da cidade nos faz compreender, baseados nas leituras feitas, que Halbwachs (1990) percebe a história como algo vivo, que se perpetua e se renova constantemente. No entanto, é nesse ponto que Nora (1993) o contrapõe ao afirmar que “a história é feita sobretudo de

restos”, para ele, a história é reconstrução do que já foi, enquanto a memória, sendo uma tradição, se transforma e precisa ser reescrita pela história.

Por conseguinte, se “a história é feita sobretudo de restos”, esses “restos”, sendo significativos podem voltar e serem ressignificados a partir de sua escrita. Assim, as práticas e vivências dos moradores da cidade podem ser adaptados, se renovando cotidianamente e ressignificados, fazendo com que essa história permaneça viva.

Para Halbwachs (1990, p. 86-7), a história fragmenta o tempo ao promover a ruptura entre o passado e o presente:

[...] No final, tirando-se gravuras e livros, o passado deixou na sociedade de hoje muitos vestígios, às vezes visíveis, e que também percebemos na expressão das imagens, no aspecto dos lugares e até nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidos por tais pessoas e em tais ambientes. Em geral nem prestamos atenção nisso... mas, basta que a atenção se volte desse lado para notarmos que os costumes modernos repousam sobre camadas antigas que afloram em mais de um lugar.

Novamente, por essa afirmação de Halbwachs (1990), remetemos ao pressuposto do palimpsesto e da ideia de buscarmos os vestígios, os rastros e sinais deixados pelos sujeitos no passado, agindo à maneira dos detetives, como proposto por Ginzburg, uma vez que, até inconscientemente, são deixados rastros do que foi encoberto e sobreposto das memórias e histórias construídas. Nesse contexto, basta que esses vestígios sejam apontados, como através das crônicas, para que as camadas da memória possam ser raspadas e as histórias emergirem.

Percebemos que os vestígios da cultura ou a história de um grupo social, localizado em determinado espaço, podem não estar somente nos registros escritos, mas de maneira explícita ou não no modo de pensar, nas expressões de sentimentos, nas imagens produzidas e nos lugares que, de alguma maneira, têm significado para as pessoas. Afirma Le Goff (1990, p. 421) que a falta ou a perda de uma memória coletiva nos povos e nações, de maneira voluntária ou involuntária, pode determinar perturbações graves na identidade coletiva e, infelizmente, existem algumas de isso acontecer: a transformação drástica dos lugares de memórias (por catástrofes naturais ou provocadas), a não transmissão das memórias (pela oralidade, construção imagética ou escrita) e a morte de seus guardiões (as pessoas com mais experiências de vida).

Os modos de pensar, as expressões dos sentimentos nas pessoas, as imagens produzidas e os lugares que têm significados são uma forma de identificação como

coletividade e a perda da memória coletiva, ou parte dela, pode criar problemas na identificação do grupo, provocando, como podemos listar, baseados na leitura da obra de Halbwachs (1990): 1- a perda da identidade coletiva e a ideia de pertencimento ao lugar (com a não transmissão ou ausência dos chamados guardiões da memória, os idosos que assumiam a incumbência de transmitir a cultura ou o conhecimento as novas gerações, a partir das suas experiências de vida); 2 - alienação do sujeito e dos que o cercam (normalmente marcada pela perda do poder de seleção de memórias, com o aceleração e a quantidade enorme das informações provocadas pela evolução dos meios tecnológicos) e 3 - a perda das **sinapses** (as ligações eletro-química que conecta o vivido experimentado pelos sentidos com a área cerebral onde se dará o registro).

Constatamos que Coelho (2015) tem uma identificação afetiva muito grande com os lugares das memórias, uma vez que estes fazem parte da sua história de vida e estão relacionados com a história coletiva. História essa que precisamos compreender a partir da leitura das narrativas desse autor, já que apontam o palimpsesto de memórias e vivências dos catalanos.

Os vestígios que apontam a identificação afetiva com os lugares de memórias estão ao longo de praticamente todas as suas crônicas, especialmente quando fala da “Rua da Grotta”, que na verdade é referência a um bairro, entre outros bairros que narra, denominados por ruas. Também quando faz referência ao “Duas Pontes”, ao “Clube Treze de Maio”, entre outros.

Walter Benjamin, ao explicitar sobre a figura do narrador, afirma que “[...] o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a narrada pelos outros, e incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p. 201). O autor ainda faz uma importante reflexão sobre o desaparecimento do narrador na história das sociedades industriais e fala sobre a importância da narrativa, trazendo ricas observações sobre a sabedoria, informação e experiência. Assim afirma Benjamin (1994, p. 201) sobre a arte de narrar na modernidade:

O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um “sintoma de decadência” ou uma característica “moderna”. Na realidade, esse processo, que expulsa gradativamente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas.

Há nessa afirmação uma crítica ao desaparecimento da arte da narrativa, tendo em vista o processo modernizador das forças produtivas e os meios de produção que levam as pessoas a não terem tempo nem paciência para ouvir narrativas que ensinam ou dão conselhos e, com isso, conseqüentemente, as narrativas se perdem. Destarte, o autor fala dos sujeitos tomados como guardiões da memória e que a transmitem de forma oral, os idosos. Entretanto, os cronistas também podem ser tomados como guardiões, pois fazem a análise do cotidiano em suas crônicas e, nesse processo, compartilham suas experiências de vida, ricas em ensinamentos e sabedoria.

Nas observações relacionadas à sabedoria, Benjamin (1994) compara o ofício do narrador com o trabalho manual (que antes da Revolução Industrial o trabalhador, artesão, tinha o conhecimento de todo o processo de produção), entende a narrativa como forma artesanal de comunicação. O autor propõe uma investigação entre a relação da forma e a historiografia, e a distinção entre romance (intelectual) e narrativa (popular) para compreendermos o estatuto histórico, completamente diferente de uma e outra forma.

Em relação à escrita em forma de conto, especificamente, Benjamin (1994) afirma que esta provoca a crise e morte da narrativa, pois leva ao isolamento, não recebe conselhos e nem sabe dá-los, a informação pede uma verificação imediata e só tem valor no momento em que é nova. Nesse sentido, afirma Benjamin (1994, p. 206):

Com efeito, o homem conseguiu abreviar até a narrativa. Assistimos em nossos dias ao nascimento da *short story*, que se emancipou da tradição oral e não mais permite essa lenta superposição de camadas finas e translúcidas, que representa a melhor imagem do processo pelo qual a narrativa perfeita vem à luz do dia, como coroamento das várias camadas constitutivas pelas narrações sucessivas. (BENJAMIN, 1994, p. 206).

O que se percebe dessa afirmação é que há um encurtamento das narrativas e estas não partem mais da oralidade e não estão mais sobrepostas e nem reescritas, elas não permitem mais que sejam tecidas pelas memórias acumuladas, pois tudo é resumido e explicado de maneira sucinta. Concordamos em parte com essa afirmação do processo acelerador desencadeado pela modernidade que afeta a contação das histórias e sua riqueza de detalhes, que está se perdendo. Acreditamos, em defesa dos cronistas, que as crônicas podem nem sempre serem extensas, mas, de alguma forma, transmitem o conhecimento que pode estar sendo perdido com a oralidade.

As crônicas seriam, então, um mecanismo extremamente útil na transmissão do conhecimento que pode estar se perdendo com a oralidade. Através das crônicas as memórias

são evidenciadas e ressignificadas por quem as conta e quem as lê. A comunicação através das crônicas é simples, de fácil entendimento, e a transmissão do conhecimento é passada de maneira leve e acessível.

Sobre a experiência, por fim, Benjamin (1994) aponta o desaparecimento da figura do narrador como aquele que sabe dar conselhos, pois as experiências de vida o capacitam para isso, mas ele está em extinção. As ações da experiência estão em baixa porque a arte de narrar está morrendo, sendo extinta. O autor afirma que as melhores narrativas escritas são as que menos diferenciam das histórias orais. Concordamos nesse ponto e afirmamos que Coelho (2015), ao narrar suas vivências em alguns lugares de memórias de Catalão, não como memorialista, mas como escritor de crônicas, comunica-se de maneira artesanal na transmissão de seu conhecimento, pois escreve de maneira informal, com textos relativamente curtos e sensibilizando o leitor. Apresenta um tom aparentemente saudosista, que sugere e faz refletir.

Por traz do tom saudosista das crônicas, comum aos memorialistas e diferente deles, o autor faz refletir sobre o processo criativo do escritor, da teatralização social das comemorações cívicas, do tempo em seu processo transformador em relação a paisagem, as sociabilidades, as narrativas orais, as festas, o roceiro, a linguagem, a literatura e a arte, brinquedos e brincadeiras, religiosidade e a condição humana. Também reflete e faz refletir sobre os personagens e não personagens da história de Catalão, de maneira sugestiva, por vezes implícita e outras nem tanto. As crônicas a que me refiro, não as citaremos aqui, serão trabalhadas mais adiante.

Não podemos nos furtar de reforçar que ao escrever as crônicas, Coelho (2015) elabora sua arte com maestria, de maneira a desafiar o leitor a interpretar o que diz e não diz explicitamente, mas que sugere, à maneira de Nikolai Leskov, conforme nos ensina Benjamin (1994, p. 197):

Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato, presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante e que se distancia ainda mais. Descrever um Leskov como narrador não significa trazê-lo para mais perto de nós, e sim, pelo contrário, aumentar a distância que nos separa dele.

Percebemos nas narrativas de Coelho (2015) uma escrita de forma inconclusiva, salvo algumas raras exceções, é um deixar sugerido, dando liberdade ao leitor para interpretar uma história que é ampla, variada, em que memórias e histórias podem ser desenvolvidas mais

adiante, também como o Leskov, de Benjamin (1994). Se fôssemos compará-los, especialmente em relação às reminiscências:

A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração a geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo; ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se articula com a outra, como demonstraram todos os outros narradores, principalmente os orientais. Em cada um deles vive uma Sherazade, que imagina uma nova história em cada passagem da história que está contando. (BENJAMIN, 1994, p. 211).

Para Benjamin, as reminiscências são a tradição viva de um passado vivido, que o narrador tece através das histórias construídas de maneira articulada, para que tenham sentido para o grupo e, assim, possam ser interpretadas e dar novos significados para essa tradição que se ressignifica. Em Coelho (2015), por exemplo, há uma ressignificação dos lugares de memória em Catalão, possíveis de serem verificados em seus escritos reveladores dos ditos e não ditos.

Ao explorar os textos desse escritor, nosso cronista Coelho (2015), deparamo-nos com uma literatura em forma de arte e aprendemos com sua experiência de vida apresentada e representada nas crônicas que escreve. As experiências de vida do autor aparecem em muitas das crônicas narradas por ele, como na crônica 11, por exemplo, em que ele narra a infância/juventude/velhice.

Trazemos a parte final e mais adiante voltaremos a cita-la e analisa-la novamente, por inteiro por acreditarmos ser uma discussão pertinente: “ – Agora sou apenas velho, trago os passos cansados, os ombros decaídos, quando ando arrasto os pés, as pernas sem a destreza de antes, na cabeça a recordação de uma vida inteira vivida no aprumo de como se deve ou se consegue viver.” (COELHO, 2015, p. 36) Nessa, ele nos revela suas experiências numa narrativa em forma de arte que sensibiliza o leitor e o induz a conhecer mais de suas experiências.

Aliás, sobre literatura, Pesavento (2002) afirma que esta surgiu como uma importante via de acesso ao imaginário, à cultura e à memória do povo de uma cidade, na medida em que é capaz de conferir sentido e redimir sensibilidades (PESAVENTO, 2002c.). As crônicas de Coelho (2015) possibilitam esse sentido, especialmente de readquirir as sensibilidades que se acreditavam perdidas da comunidade catalana.

Com base nas ideias de Pollak (1989) e nos relatos de Coelho, reafirmamos a importância da memória construída pelos indivíduos e da história produzida pelos escritores

que vivem na comunidade e se identificam com ela, pois isso é uma forma de preservação, que produz e ressignifica as identidades coletivas, legitimando-a.

As narrativas de Coelho reforçam a ideia de preservação das identidades, especialmente quando falam de sua relação com o campo, que é muito próxima, e mostram as rezas e crendices (crônicas 5, 18, 21, 22), os instrumentos musicais (crônica 6), as cantigas e as brincadeiras das crianças (4, 8, 9, 19). Porém, essa relação é combatida pelo projeto modernizador proposto para a cidade. Como já mencionamos, isso não impede o autor de continuar com seu processo de escrita, muito pelo contrário, reforça sua peculiaridade e a crítica social que ele faz, ainda que de maneira velada, com um viés saudosista, mas, ainda assim, é uma crítica ao ritmo rápido e destruidor da modernidade, em que o novo sempre se sobrepõe e é colocado acima do que é considerado velho e arcaico. Aqui, novamente, temos a ideia da sobreposições.

A escrita de Coelho (2015) reforça, nesse sentido, a importância das memórias individuais, porém, como afirma Halbwachs (2006), ele busca o “outro” como testemunha para reforçar ou completar alguma informação. Além disso, as lembranças também são convocadas para se adaptar ao conjunto de percepções do presente, de acordo com a necessidade do momento. As lembranças que têm legitimidade para os grupos que tiveram suas memórias sobrepostas são preservadas e trazidas para cima, com novo significado, a partir das narrativas do cronista.

Percebemos, pela análise de Pollak (1989), que as lembranças são transmitidas entre os grupos a partir de redes de sociabilidade, onde os indivíduos estão interligados e estabelecem “estruturas de comunicação informais” que fogem do controle dos grupos dominantes de maneira despercebida. Esse controle estabelecido por quem detém o poder político e econômico pode ocorrer pelos silenciamentos, esquecimentos ou apagamentos da memória, mas as lembranças podem se deslocar no tempo, passar de um indivíduo para outro e resistir aos mecanismos de dominação. Tal processo pode ocorrer pela oralidade, pela produção imagética ou nas escritas poéticas, memorialistas e crônicas, sendo que a última, pela fidelidade à dinâmica do cotidiano, é mais rica em detalhes que não passam despercebidos ao leitor que reflete sobre ela.

Um dos fatos mais marcantes da cidade de Catalão, de acordo com Coelho (2015), foi o do saque no caminhão que transportava porcos para Minas Gerais, que iremos discutir com mais acuidade posteriormente. Queremos, por ora, registrar que nessa crônica fica evidente a revolta da população pela falta de carne e banha de porco e, além disso, registram-se as questões econômicas e políticas. Nesse processo, os grupos dominados – trabalhadores

urbanos, informais – se apropriam dos lugares da memória, das imagens e estabelecem representações para si e para os outros, apesar das estratégias de controle dos que detêm o poder. Essa luta de representações parte da lembrança dos lugares e imagens que são significativos, dos que têm valor e são preservados nesses grupos através da memória que os dominantes desejavam silenciadas, apagadas e esquecidas, de imagens que foram apagadas ou ressignificadas.

Dentro desse “apagar imagem”, percebemos o trabalho no imaginário local de silenciamentos e esquecimentos de determinados lugares de memória que não eram interessantes ou são vistos como entrave no “processo de modernização” construído pelos que estavam no poder. Na perspectiva de Nora (1993, p. 22):

[...] Se “lugares de memória” e “lugares de história” poderiam ser objeto da investigação dos historiadores, seriam os primeiros que necessariamente exigiriam uma “história de segundo grau”, responsável não só por compreender os processos de produção social de memórias (configuradores desses lugares) como por examinar o seu papel na construção do conhecimento histórico e na consolidação das narrativas de caráter histórico.

Ao estabelecer “lugares de memória” e “lugares de história”, Nora (1993) não nega a especificidade e a diferenciação entre história e memória, mas deixa evidente que ambas estão imbricadas uma na outra, interagem no processo de conhecimento e nas narrativas da história. Para Nora (1993), o patrimônio é parte do “imenso domínio” dos lugares da memória, os lugares são o ponto de partida para o exercício da memória, que é uma espécie de laboratório, contrapondo à ideia de Halbwachs (1990), que evidencia a sensibilidade do sujeito.

No caso, o escritor Braz José Coelho, ao evocar memórias a partir dos lugares, ao escrever nas crônicas, suas sensibilidades são despertadas, mas também a dos leitores que leem e se reportam para os lugares e situações descritas na narrativa do cotidiano, esse é o processo em que o autor é sujeito e objeto das crônicas que produz. Diante disso, acreditamos que esse contraponto das sensibilidades entre Nora (1993) e Halbwachs (1990) não inviabiliza a importância de estudar os “lugares da memória”, sejam eles vistos como ponto de partida para o exercício da memória ou a memória evocada a partir da sensibilidade do sujeito por meio dos lugares.

Concordamos com esses autores e acrescentamos a importância de pesquisarmos e analisarmos os lugares da memória, que Certeau (2002) também trabalha. Seguindo esse raciocínio, surgem mais questionamentos: Que, ou quais histórias se constroem sobre a égide da memória de Coelho (2015)? A destruição da memória levaria, necessariamente, à

consagração de lugares de memória e assim se construiria e legitimaria determinada história?

Sobre esse aspecto, Nora (1993, p. 13) pode nos ajudar a responder quando afirma que:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais. [...] Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória. É este vai e vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos [...].

De acordo com Nora (1993), a importância da história seria a de dar um lugar para a memória, preservar e ressignificar memórias que podem ser esquecidas, ocultadas ou, como diria Pesavento (2004), soterradas/sobrepostas por outras. A contribuição de Nora (1993) com o conceito de *lugares de memória* também é inovadora por estabelecer o espaço físico (material) como suporte para a formação de uma memória coletiva (imaterial). Ele parte da ideia do patrimônio cultural e, a partir dos *lugares da memória*, estabelece o que chamamos de patrimônio imaterial.

Sendo assim, partindo das reflexões propostas e das leituras das crônicas de Coelho (2015), impossível não formularmos a seguinte questão: Quais são as memórias de Catalão tomadas como memória coletiva material e imaterial que aparecem nessa obra? Percebemos que não aparecem na obra os lugares normalmente frequentados pela elite catalana, ao contrário, os lugares mostrados nas crônicas são: os bairros tomados como ruas, de nomes significativos para as pessoas do lugar; o Clube Treze de Maio, que foi criado pelas pessoas que não tinham um espaço de lazer para elas; o Duas Pontes, o Pirapitinga e o Braço, em que se praticava a pescaria; os terreiros das casas e porta da rua onde as pessoas se reuniam no fim do dia pra contar causos e tocar modas de violas; os lugares de rezas; o Cortume, lugar de trabalho, entre outros lugares frequentados cotidianamente pelas pessoas comuns.

Acreditamos que, tendo os sujeitos noção ou não de sua importância como detentores da memória sobre determinados espaços da cidade, é importante que problematizemos, questionemos e façamos refletir os lugares da memória e as experiências de vida através desses lugares. As crônicas dessa obra, *Sombras do Tempo*, revelam os sujeitos comuns, esses lugares e experiências de vida, que estavam sobrepostos por outras, a dos vencedores, como se somente eles fizessem a história acontecer.

Observar o que está ao nosso redor, o lugar onde vivemos e estabelecemos práticas científicas, enquanto historiadores que somos, é uma referência importante para compreender as relações entre memória, história e cidade e, a partir daí, a história que construímos para nós e os outros, das memórias que não aparecem explicitas na história da cidade.

No processo de compreensão do que lemos sobre o espaço urbano na sua inteligibilidade, vamos pensando e reelaborando o que está visível e o que está oculto ao olhar de quem a vê no seu cotidiano ou de quem a vê com o olhar do estrangeiro ou de viajante, como Coelho (2015), nosso Leskov catalano, que aborda essa comunidade em particular. Dessa maneira, nossa proposta vai ao encontro do que propõe Brescianni (2003, p. 238):

Proponho, pois, acompanhar como essa experiência do olhar se expressou formulando apreciações que constituíram contrastes persistentes, não só entre campo e cidade, mas também entre aspectos considerados positivos e o lado obscuro, negativo até, da vida urbana. São apreciações acumuladas, sobrepostas, amalgamadas ou polarizadas e fazem parte das opiniões comumente expressas, das mais variadas maneiras, por aqueles que vivem ou falam da cidade, por aqueles que, de um ponto de vista literário, técnico ou acadêmico (memorialistas, poetas, romancistas, sociólogos, urbanistas, economistas, historiadores, entre outros) dedicam-se aos temas urbanos.

De acordo com essa proposta, a experiência do olhar deve formular apreciações acerca do que é visto e são essas apreciações que vão ser acumuladas e sobrepostas para, depois, serem expressas em forma de opiniões sobre a cidade pelos que vivem ou falam dela, como os poetas, escritores e memorialistas, por exemplo.

Porém, não partiremos das opiniões pessoais do cronista, mas da análise de sua obra e das várias interpretações e críticas sociais desencadeadas por ela, uma obra escrita por um autor no contexto de sua época e coletividade. Ou seja, é uma crônica individual que parte do social, pois o sujeito está amarrado às teias de significados da cultura em que vive e ajuda a tecer na escrita da obra.

Assim, compreendendo a cidade como um texto a ser lido e como sugere Benjamin, citado por Freire (1997, p. 44):

Benjamin se punha, tal qual detetive, a tentar esboçar um perfil para sua época. Nessa busca, depara-se consigo mesmo. Muitos trabalhos seus têm um cunho bastante pessoal, quase bibliográfico. Especialmente *Diário de museu* ou *Rua de Mão Única*, onde percorre as ruas das cidades para rever sua própria história. Averso ao historicismo, suas reconstruções partem do presente, e é este que lhe fornece os mapas para a investigação.

Mais uma vez, essa é uma afirmação que sugere devermos, tais como detetives, apercebermos das minúcias dos enredos urbanos, para reconstruir e entender a cidade que é invisível, uma vez que não a percebemos na sua totalidade, mas em partes. As crônicas de Coelho (2015), embora de caráter pessoal, refletem um grupo social uma determinada coletividade, na qual ele se insere e está inserido, e deixam de ser o olhar pessoal para representar os olhares dos outros, dos quais faz parte. O olhar quem é sujeito inserido nas sociabilidades, das festividades, das brincadeiras, das linguagens do lugar, dos rituais simbólicos, tudo o que confere uma prática e representação da prática cotidiana nessa determinada comunidade.

Para Benjamin, em Freire (1997), os mapas da memória são o ponto inicial para investigar a cidade e rever sua própria história, se identificar como tal a partir do que o rodeia, raspando a imagem atual para descobrir as que superpõem sobre as que antes estavam interpostas entre diversas outras. O olhar sugerido por Benjamin é mesmo que propõe Pesavento (2004) e que pretendemos fazer, é aquele que muito se aproxima do olhar de Coelho (2015) sobre a cidade de Catalão, como já foi sugerido anteriormente. Ao traçar o perfil da cidade, como na narrativa das Ruas tomadas como bairro a partir do que é significativo para as pessoas do lugar, esmiúça também o perfil de uma época, partindo de determinada coletividade.

Freire (1997, p. 63-64) reflete sobre o olhar do poeta Baudelaire, a partir da citação de Benjamin sobre a cidade vista como um *flâneur*, de um movimento incessante das ruas ligado à modernidade que seduz o cidadão e provoca, ao mesmo tempo, novas atitudes.

O flâneur, à margem que está dos processos de produção capitalista, não tem paradeiro certo na cidade, e o tempo livre permite que derive por seus caminhos. Olha contemplativo, desvia da multidão, uma vez que a observa em perspectiva, fora de seu fluxo. Essa possibilidade de perambular pela cidade, tomá-la como campo de investigação estética, lançando sobre ela um olhar museológico, estará, em breve, definitivamente perdida com a fragmentação do tempo, do trabalho e da homogeneização dos espaços. Por isso, Benjamin se ocupa de Baudelaire. Seu procedimento é significativo, pois utiliza, segundo Boule, um autor de uma época anterior para revelar sua própria época. [...] A ideia de *flâneur* é percebida como um olhar político sobre a cidade, em que questiona, a partir de Rouanet, do qual retira a citação de Baudelaire, a seguinte questão “É a cidade que habita os homens ou são os homens que habitam nela?”.

Assim é Coelho (2015), observa e reflete o que vê, sente e materializa a cidade e, aparentemente, a narrativa é sobre ele e os seus. Mas é da cidade que ele fala, sobre seus lugares, ela é “seu campo de investigação estética”, a cidade e seus lugares de memórias, a

cidade observada, pensada e sentida pelo autor, e que é revelada na sua própria época, materializada através das crônicas que escreve.

Nesse texto de Freire (1997), em que ela fala sobre a ideia de *flânerie* e resgata Baudelaire, há a evidência do pensamento dele em observar a duplicidade da modernidade, onde o sujeito se percebe ora como cenário, ora como massa amorfa, assim, nesse sentido, o sujeito se perde na multidão e não se identifica com o que vê e sente em relação à cidade. Igualmente, não se identificando, o sujeito perde suas referências e se perde como tal. Daí a crítica não muito explícita de Coelho (2015), mas sugerida ou dada à reflexão.

Percebemos baseados em Freire (1997), que o lugar em que os homens vivem não é só a ideia de habitação, há uma relação mais intensa e íntima aí que se confunde. Os homens constroem o lugar em que vivem e se reconstróem no processo dessa construção, e o lugar assume parte da vida desses homens. Assim, os lugares de memórias de Catalão, apontados em Coelho (2015), vão além da ideia de habitação, além da ideia do monumento. É dessa forma que Freire define seu interesse em perceber a experiência da cidade com seus habitantes:

O que nos interessa é essa experiência da cidade capaz de ser mapeada através da relação de seus habitantes com alguns de seus monumentos. Não qualquer monumento, escolhido aleatoriamente ou seguindo critérios “oficiais”, mas aqueles significativos na própria construção desse imaginário urbano. Tais mapas articulam o real e o imaginário, definem cartografias que não podem ser totalmente desvendadas pela razão. (FREIRE, 1997, p. 70).

A autora percebe a existência de mapas internos e externos, isto é, os interiorizados na memória espacial e psíquica dos sujeitos sociais, onde as histórias são ressignificadas a partir das memórias desses lugares no palimpsesto, que pode ser reescrito ou apagado para compreendermos a cidade de Catalão. O que aparece na memória espacial e psíquica a partir da obra *Sombras do Tempo* é o Clube Treze de Maio, o Cinema. A Charqueada, a Rua da Grotta, o Duas Pontes, o Morro das Três Cruzes, o Pirapitinga, e lugares das pessoas comuns no seu dia a dia.

Um exemplo de lugar de memórias que aparece nos memorialistas locais, o Morro do São João é referência de lugar de memórias que pouco aparece nas crônicas de Coelho (2015), ficou imortalizado nas poesias de Ricardo Paranhos e nas histórias do memorialista Cornélio Ramos (como a Louca do Morro da Saudade), é considerado o cartão postal da cidade e referência do imaginário de seus habitantes, especialmente por esses escritos. Na obra que trabalhamos não é referenciado.

Um local mencionado como lugar de memória pelo nosso cronista, o Morro das Três Cruzes, normalmente não é lembrado nos escritos dos poetas e memorialistas. Era “onde se molhavam os madeiros para pedir chuva”, como mostrado na crônica 02 que fala da Rua da Grotta, abriga, hoje, o atual Centro Cultural Labibe Fayad, local que antes havia sido construída uma Rodoviária, possivelmente, para marcar a ideia expressa em seu hino “Catalão, Atenas de Goiás” e apagar certa ideia negativa sobre o lugar.

Vale lembrar que na mitologia grega, os morros que circundavam a cidade guardavam o culto às divindades sagradas e acreditava-se na ideia de proteção divina aos habitantes do centro urbano ao cultuar certas divindades. No caso de Atenas, cabia também a ideia de ser um centro guardião dos intelectuais da cidade, entre outras suposições relacionadas a essa ideia expressa no hino de Catalão.

A construção da rodoviária no alto do Morro das Três Cruzes pode ter sido, também, pelo fato de ser um ponto estratégico para a visualização dos que chegavam ou saíam da cidade. Além disso, pode ter a ver com o fato de a localização anterior ser num local de imaginário incômodo, entre tantas outras possibilidades que, no momento, não nos iremos discutir, visto que já abrimos para muitas outras discussões. Ademais, embora não abordado por Coelho (2015), acabamos não nos furtando de falar sobre o assunto.

Os Morros, o Hino⁷, a Festa do Centenário da cidade aparecem no memorialista Cornélio Ramos, no Poeta Ricardo Paranhos, no livro da professora Maria das Dores Campos, mas Coelho (2015) escreveu sob outro viés, outros lugares de Catalão, outras pessoas, outros acontecimentos. De qualquer forma, concebemos que houve todo um teatro social em torno das comemorações do Centenário da cidade, que envolveu alguns lugares tomados como símbolos da cidade e do ideário e valores que desejavam construir para a cidade, para estabelecer o poder em determinado grupo social da cidade.

Nesse sentido, conforme afirma Georges Balandier (1982, p. 06): “As técnicas dramáticas não são utilizadas exclusivamente no teatro, mas também na direção da cidade”. Esse autor deixa evidenciado que é estabelecido um jogo dramático para estabelecer os mecanismos de poder em que se governava nos bastidores ou de maneira direta, com a pretensão de preservá-los ao longo do tempo, como ocorre em Catalão.

⁷ Sobre o “Hino Oficial de Catalão”, cuja letra é de autoria de Agnaldo de Campos Netto, e a música do maestro Frederico Campos, o memorialista Cornélio Ramos (1984, p. 24), em *Catalão de ontem e de hoje*: curiosos fragmentos de nossa história, não faz relação a um concurso, mas fala de um aproveitamento de outro hino, que foi feito em homenagem à Revolução de 30, com todo um ideário envolvido, incutindo no imaginário social a ideia do progresso. Faziam parte de uma teatralização do social de valores dos que estavam no poder.

Sobre as festas comemorativas, como a do Centenário, abordado na crônica 02, o autor deliberadamente ao falar sobre o aniversário da cidade mostra a peculiaridade da nomeação de bairros dados como ruas em nomes significativos para as pessoas do lugar, ao invés de falar dos ritos comemorativos. Ritos esses que por sua vez, podem ser um tipo de drama teatral em que o imaginário social é trabalhado para estabelecer o poder de preservar o que já está estabelecido na sociedade. Em relação a essa questão de poder Balandier (1982, p. 75) afirma dessa maneira:

[...] A festa abre espaços livres no interior da sociedade; ela pode armar suas cenas provisórias em face da cena permanente do poder, ela faz aparecerem figuras efêmeras da liberdade e da irreverência. Pelo menos, é esta sua função principal. Todas as interrogações são dirigidas ao que ainda pode existir dessa efervescência e deste crescimento simbólico.

Nesse sentido das relações sociais inseridas na estrutura oficial da festa comemorativa do Centenário de Catalão, as ações são controladas diretamente pelos que estão no poder, com mecanismos simbólicos, trabalhando no sentido de estabelecer e perpetuar esse poder. Um dos mecanismos são as obras de modernização do espaço urbano, criação da Bandeira Oficial e do Hino Oficial da Cidade de Catalão.

Durante o processo de pesquisa, procuramos, no “Museu Cornélio Ramos” e na “Fundação Cultural de Catalão”, informações e registros da elaboração do hino o significado da letra para refletirmos sobre esse mecanismo simbólico de poder que não aparece na obra de Coelho (2015). Aliás, quando essas crônicas do autor citado fazem referência a festas e musicalidades, como nas crônicas 4 e 6, são no sentido de modas de viola, catiras e festas na roça. Contudo, não foi possível encontrar, em nem um dos dois lugares, material sobre o assunto, de forma que fomos orientados a procurar na Biblioteca Digital do Município de Catalão, onde encontramos alguns registros no livro da “Mariazinha”, Campos (1976) e de Ramos (1984), em algumas poucas linhas.

Nossa procura por registros do Hino se deu, também, em função da necessidade de compreender como a letra expressava no imaginário local a ideia que o grupo político e econômico da cidade na época visualizava e projetava para a cidade, especialmente do que entoava no estribilho “Catalão, Atenas de Goiás”. Mas, enfim, o hino de Catalão não é nosso objeto de pesquisa, embora não tenhamos nos furtado em discuti-lo para contrapor aos festejos mencionados na obra de Coelho (2015), que se referem a momentos de sociabilidades entre vizinhos como sugere as crônicas 4, 6 e 19. Deixemo-lo e vamos voltar a tratar da memória.

Para Halbwachs (2006, p. 30), o indivíduo é, naturalmente, um ser coletivo, apesar do “eu”, no sentido individualizado, ser o primeiro testemunho dos fatos que perpassam o grupo. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós”. Sendo assim, as memórias que aparecem na obra de Coelho (2015) não são individuais, mas de uma coletividade, organizadas num determinado núcleo urbano, a cidade de Catalão, que não havia sido pensado pelo viés abordado por esse cronista.

Vale lembrar que os estudos sobre a cidade, de um modo geral, são recentes. Por mais que haja todo um contexto histórico que leve à preocupação de estudos do fenômeno urbano pensado de maneira sistemática a partir do século XIX, antes, não havia, especialmente no campo das ciências sociais. Em termos de crônicas, o estudo da cidade é ainda mais recente. De acordo com nossas leituras sobre história e cidades, vimos que no século XIX surge um novo contexto, novos conceitos de “nação”, novos padrões de desenvolvimento institucional. Segundo Barros (2007, p. 12): “Os intelectuais do século XIX eram conclamados a trabalhar para o Estado na montagem dos seus mecanismos institucionais fundamentais, na sua legitimação, na produção de sua memória”. Esse processo, visto pelos olhos dos que se encontram no poder, remontam às formações antigas dos núcleos urbanos, mas, quando esses núcleos assumem determinada importância e se tornam uma “organização social específica”, é preciso legitimar o poder através da construção de determinada memória.

Na verdade, esse procedimento de legitimação de poder através da produção da memória começou antes do século XIX, no entanto, foi intensificado nesse período; posteriormente, continuou em vários espaços sociais; atualmente, em muitos lugares percebemos a produção da memória através de monumentos, museus e obras arquitetônicas, no sentido de legitimar o poder de alguns grupos. Em outro lugar e tempo cronológico, avançando no século XX, nas regiões brasileiras não foi diferente, embora em outro contexto. Na região de Catalão, em Goiás, especificamente, foram estabelecidos alguns lugares de memória enquanto outros foram dados ao esquecimento, como podemos perceber a partir dos acontecimentos da comemoração do Centenário da cidade, já mencionados aqui por meio do trabalho de Paula (2005).

Assim, na produção da memória realizada pelos que estão no poder, cria-se uma especificidade que diferencia a cidade de Catalão das demais, são instituídas imagens relacionadas ao progresso e ao desenvolvimento que são, por sua vez, opostas à ideia de violência projetada na memória e no imaginário dos habitantes desse espaço social, em

determinado espaço de tempo. Dessa maneira, é possível perceber que, dependendo dos grupos sociais que constituem a cidade e do contexto histórico, as preocupações em analisar a cidade podem variar. O medo de doenças e contaminação era a regra que levava os cientistas sociais a pensarem as cidades desde sua origem até sua atual formação; os urbanistas e arquitetos quanto à necessidade de estabelecerem os limites territoriais, bem como seu crescimento.

No caso da cidade de Catalão, já no século XX, percebemos a ideia de combater o que chamavam de atraso e arcaico e acreditavam atravancar o moderno, o desenvolvimento progressista. O atraso seria a violência, as mandingas que os migrantes do campo traziam no seu imaginário, entre outros. Dentro dessa noção de progresso, Brescianni (2003) percebe que ele pode ser tanto um movimento “criador” quanto “destrutivo”. Novas ruas e edificações são construídas, novos espaços, novos ambientes, novos lugares, novas ideias, novos imaginários, enfim, o *novo* se impõe em cima do velho ou o que é dado como velho. Percebemos aí que há uma reconstrução, ou ressignificação, de monumentos e memórias desses monumentos sobrepondo determinado imaginário sobre eles, com novas roupagens e significados. O novo (ou ideia do novo) sobrepõe o que havia antes. Nesse movimento criador e destrutivo, o imaginário sobre o objeto é reconstruído, ressignificado, tendo como base o antigo e nem sempre os sujeitos sociais percebem esse processo.

Aparece, assim, todo um palimpsesto de imagens individuais da cidade entre o que era, o que é, e o que se projeta. Ora elas se sobrepõem, ora se ocultam nas memórias de Coelho (2015) a depender de cada narrativa dos lugares de memórias. Mas, afinal, o que seria a cidade de Catalão, esse nosso fenômeno urbano apontado pelo escritor? Quantas experiências visuais poderão ser percebidas a partir do que esse escritor nos aponta nessas narrativas? As crônicas de Coelho (2015) sobre a cidade não é sob olhar do estrangeiro, no sentido de quem visita a cidade e vai embora levando suas impressões, mas o olhar de quem participa desse núcleo urbano no seu cotidiano e tem essa cultura impregnada na sua maneira de ser e ver o que está ao seu redor. Ao mesmo tempo, observa a cidade com o olhar de quem reflete sobre ela, um olhar que vai além do cotidiano, é um olhar de quem vivencia, embora mantendo uma distância crítica. Por isso é o olhar do estrangeiro, como se a visse pela primeira vez e não levasse embora as impressões.

Para o escritor, a narrativa é extremamente necessária para a compreensão e desarmamento contra a história e memória alheias que são diferentes e, por isso, podem causar um “estranhamento”, mas sempre com riqueza e importância. A suposição do “estranhamento pouco a vontade, em tudo oposto ao hábito coletivo da imagem”, como dá a

entender Halbwachs (1990), pode ocorrer em função de sermos, normalmente, tragados pelo olhar coletivo e nem sempre debruçarmos nosso olhar crítico sobre o que vemos, embora as sensações sejam sempre e solitariamente nossas; a cidade observada de maneira crítica é supostamente individual, mas relacionada ao coletivo. Nesse contexto, nosso olhar também pode ser o olhar do estrangeiro, ainda que não o sejamos, assim como Coelho (2015) não é ao escrever sobre o cotidiano da cidade. Somos então, de certa forma, estrangeiros, mas, apesar da ligação que mantemos com o lugar, quando observamos e analisamos cada nuance da cidade, pensamos objetivamente e problematizamos seus aspectos de formação e organização como se fosse pela primeira vez.

De acordo com Kevin Lynch (1997, p. 51), que discute a imagem da cidade,

[...] parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de muitas imagens individuais. Ou talvez exista uma série de imagens públicas, cada qual criada por um número significativo de cidadãos. Essas imagens de grupo são necessárias sempre que se espera que um indivíduo atue com sucesso em seu ambiente e coopere com seus concidadãos. Cada imagem individual é única e possui algum conteúdo que nunca ou raramente é comunicado, mas ainda assim, ela se aproxima da imagem pública que, em ambientes diferentes, é mais ou menos impositiva, mais ou menos abrangente.

Percebemos, assim, que se raspássemos as imagens individuais significativas dos habitantes da cidade no palimpsesto onde se sobrepõem as imagens públicas, muitas imagens apareceriam. Entretanto, as que permanecem na memória coletiva são as que têm significado para a comunidade e identificam seus cidadãos enquanto grupo social. As imagens individuais nem sempre são percebidas, a menos que haja um contexto para que se veja essa percepção; normalmente, o olhar individual é abarcado pela coletividade que se deixa envolver na sensação de pertencimento ao grupo ou comunidade, mas as impressões são quase sempre comuns ao grupo.

Sobre a imagem como monumento que remete às lembranças, tomamos como base a afirmação de Halbwachs (2006, p.31): “[...] para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”, isto é, o testemunho nem sempre é o indivíduo; os monumentos e lugares que provocam emoções e sensibilidades podem ser testemunhos de um tempo vivido e evocar lembranças. Essas lembranças provocadas pelos monumentos ou lugares têm uma historicidade que é percebida no imaginário e nas narrativas sociais, as quais, por seu turno, podem ser ficcionais ou históricas, cada uma possui característica própria que

as diferenciam, como os códigos de linguagens, próprios da narrativa, fora as convenções, aspectos e gêneros que vão influenciar o que vai ser narrado.

Tendo isso em resumo, as narrativas transmitem e apresentam novos valores, estão ligadas ao imaginário social, podendo estar a serviço de determinadas ideologias de classe. São primordiais para o conhecimento de uma sociedade em um vasto sistema de constituições.

Não se narra sem contato com a realidade, a história e sua complexidade sociológica, pelo contrário, existem formas de ler e representar uma narrativa que está diretamente relacionada com a realidade que a cerca. A obra de Coelho (2015), por exemplo, é visceral para comunidade catalana, esmiuçada nas crônicas por intermédio das descrições dos lugares e personagens do lugar, uma vez que os lugares e personagens significativos são invisibilizados, ou apagados, ou sobrepostos na escrita do palimpsesto das memórias de Catalão.

Quem escreve não está neutro do contexto em que vive, ao escrever, o escritor relata as histórias do seu tempo, da sua realidade palpável e sensível e, ao retratar o passado, procura resolver as angústias presentes e immortaliza suas ideias e valores, que podem ser comuns ou diversas do seu grupo de origem. Os memorialistas, cronistas, poetas e escritores em geral se apropriam da realidade para representar suas memórias que, na verdade, não são somente suas. Eles apenas têm o papel de produzir e transformar suas histórias de vida ligadas a outras. Sendo assim, da maneira que produzem suas narrativas, transmitem seus valores, que são comuns na sociedade em que vivem.

Dentre os lugares que evocam emoções e sensibilidades, testemunhos de *um tempo vivido*, a região chamada de “mangueiras” é citada por memorialistas e escritores locais como o lugar em que ocorreu o episódio da *Matança dos Porcos*⁸, infelizmente, sem precisar o período histórico. Porém, esse episódio foi destacado e visto de maneira diferenciada por Coelho (2015), que registra esse acontecimento trabalhando as sensibilidades despertadas por lembranças inconscientes. Dessa forma, evidencia-se que, de acordo com o olhar sob a memória de grupos diferenciados da comunidade catalana, o episódio terá um determinado enfoque e apresentação.

Roger Chartier (1990) discute a noção de representação, da apropriação de imagens materiais ou simbólicas da cultura que são representadas de acordo com cada entendimento de

⁸ O episódio da **Matança dos porcos** foi narrado pelos memorialistas locais Cornélio Ramos e Maria das Dores Campos em seus livros que contam memórias da cidade, o episódio também foi narrado nas crônicas de Coelho (2015) e examinaremos com mais acuidade no capítulo adiante ao esmiuçarmos a obra “Sombras do Tempo”.

grupo ou comunidade específica, ele analisa a existência da relação do signo com a coisa, quando a realidade é, contraditoriamente, elaborada pelos diferentes grupos sociais. Assim, o mesmo fato interpretado por um escritor, memorialista ou poeta, vai ser visto de maneira diversa, ou seja, a maneira de focar o mesmo fato vai ser diferente em cada um, dependendo do grupo social ao qual pertence, a ideologia que pretendem disseminar e o imaginário que pretendem formar ou reforçar.

Na obra de Coelho (2015), o autor se mostra um escritor sensível, aborda essas sensibilidades despertadas pelas lembranças apresentando profunda relação com os signos culturais locais, diferenciando-se dos memorialistas da cidade. A obra aborda as pessoas comuns, em seu cotidiano, nos seus lugares de memórias, de forma que o olhar não é dos que têm algum tipo de poder na sociedade, mas daqueles que, normalmente, não tem voz ativa e, ao mesmo tempo, trabalham e fazem a diferença nessa comunidade. A função da escrita do autor nessa obra ao relatar as histórias, é bem clara: escreve como necessidade de se compreender, de organizar seu pensamento e entender seus sentimentos e sensações. Nesse processo de escrita e rememoração, aborda o imaginário social de lugares de memória da cidade, ao mesmo tempo em que reflete e dá significados a um tempo de práticas que estão se perdendo. Ademais, deixa clara sua preocupação com a memória que, não por acaso, tem relação com fatos da história.

Aliás, percebemos nos escritos de Coelho (2015) nessa obra literária, com enfoque histórico, que a narrativa literária e a história ora se afastam ora se aproximam. A retórica tanto vai estar afastada ou aproximando-se da narrativa histórica. Nesse contexto, quando falamos em retórica, empregamos o termo no sentido de estratégia, convencimento, artimanhas para convencer, embelezar o texto, discurso nem sempre vazio, mas, na maioria das vezes, não muito compreendido.

Ao contrário dos escritores que trabalham com memórias, ou são memorialistas, o historiador percebe as memórias em função do que pode ser revelado dos fatos da história, do que está oculto. Em análise às crônicas de Coelho (2015), notamos que o tempo histórico não está oculto, ao contrário, nos mostram fios e deixam rastros a serem puxados das memórias soterradas no palimpsesto. Dessa forma, temos aí o que podemos chamar de fonte documental, tendo em vista que, na história, a literatura é considerada como um instrumento para tornar o conhecimento narrado e publicizar o que está escondido.

Embora história e memória estejam intimamente imbricadas e muitas vezes confundidas, é necessário distingui-las, percebendo suas diferenças e semelhanças. Na discussão sobre os lugares de memória, Nora (1993) procura fazer uma distinção entre

memória e história. Para ele, a memória é vida e faz parte do fenômeno atual, instalada pela lembrança do passado, emerge do grupo que ela une e por isso é sempre viva, mas presa a determinados espaços sociais, culturais e temporais; história é o que não existe mais, é a representação do passado que demanda análise e discurso crítico, ela é, nesse sentido, libertadora. As memórias apontadas pelas crônicas, portanto, são os fios ou rastros a serem ressignificados daquilo que foi raspado do palimpsesto e a função do historiador será a de trazer essas memórias para análise e fazer a crítica do discurso produzido pelo grupo apontado como narradores dessas memórias.

A título de exemplificação, a crônica “Matança dos Porcos” é representada e apropriada pelos diferentes grupos sociais, é uma memória que emerge e une um determinado grupo social, estabelecendo identidades, como já foi dito antes, e o discurso em torno do episódio será diferenciado de acordo com o grupo que o narra. O episódio citado é um fato que, normalmente, não é pensado claramente pelos memorialistas, escritores e poetas como uma representação social. Porém, pode ser analisado de maneira crítica e libertadora das sombras que o passado carrega, cabe a nós, historiadores, a função de fazer a investigação crítica dos fatos. Percebemos, assim, que esse foi um episódio que ficou marcado no imaginário social da cidade e apesar da imprecisão da data (entre o início da década de 1960 e fim da década de 1950), o contexto da crise econômica da maioria da população, especialmente dos moradores próximos às *Mangueiras*, foi muito bem retratado.

O contexto político⁹ desse período foi marcado pelo suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, pressionado tanto pelas forças conservadoras quanto progressistas. Café Filho assumiu o governo em meio a uma crise política-militar, econômica e social, que era preciso estabilizar. Na verdade, vários tumultos já aconteciam, desde os últimos anos de Vargas, apenas foi agravada a situação com o suicídio do presidente e a tentativa de organizar o país.

Em outubro de 1954, Juscelino Kubitschek e João Goulart foram eleitos à presidência do país, no entanto, foi decretado um Estado de Sítio pelo Congresso e os eleitos só puderam assumir o cargo em janeiro de 1956, sofrendo muitas resistências político-militares, que acentuaram a crise econômica e social antes, durante e depois dessa posse. Em abril de 1956, Kubitschek propôs a mudança da capital para o Centro do país, para ter maior tranquilidade para, de fato, governar. As novas eleições foram vencidas por Jânio Quadros e seu vice João Goulart e tudo indicava estabilidade no país, mas o presidente, sentindo-se pressionado, decidiu renunciar, causando mais instabilidade, pois quem assumiu seu lugar foi o vice-

⁹ Para explicar o contexto histórico de 1950 a 1960, baseamo-nos na Coleção História da República Brasileira, elaborada por Hélio Silva para Edições Istoé, 2004, vol. 14, 15 e 16.

presidente, considerado comunista. Com isso, foi articulado um golpe de Estado, no qual os militares passaram a se alternar no poder e governar o país com mãos de ferro por vários anos.

Fizemos aqui esse rápido percurso pelo contexto político-militar, econômico e social, para entendermos o desencadeamento desse episódio na obra de Coelho (2015). Voltamos agora ao lugar de memórias dos habitantes da cidade, as *Mangueiras*, que consideramos um monumento vivo e marcante na vida de muitos moradores. As imagens de monumentos, ruas, praças, estabelecimentos comerciais ou não, e os lugares onde estão edificadas fazem parte do imaginário que os habitantes têm da cidade. Freire (1997, p. 90) nos dá a seguinte afirmação sobre o monumento: “Observamos o urbano: como um referente no tempo, funcionam nessa perspectiva, como um elo entre o passado (que representam) e o futuro para o qual se dirigem. Ligam ainda o ‘eu’ a todos os outros de uma comunidade ausente”.

Uma característica urbana importante de ser ressaltada em Catalão emerge de uma construção comum em diversas cidades antigas, do crescimento das cidades em torno de monumentos, como é o caso da atual Igreja Velha Matriz, a primeira construída, no bairro mais antigo da cidade. No processo de urbanização pensado no início de Catalão, a cidade iria crescer apenas para frente do lado projetado para a igreja, mas, contrariando esse processo, a cidade cresceu para o lado oposto e a Matriz ficou de “costas” para a cidade. Já à época do Centenário da cidade, segundo Jason Hugo de Paula (2005), ocorreu uma aceleração no crescimento da cidade e, atualmente, a igreja ocupa o centro, mas, grande parte dos bairros ainda está do lado oposto ao da igreja.

Várias são as explicações para esse fato, o relevo irregular à frente da igreja, o centro econômico ter se estabelecido no espaço oposto, o centro político (as famílias tradicionais e que detinham o poder político) estar concentrado, também, no lado oposto ao que foi projetado da igreja. Seja como for, o fato é que, peculiarmente, o primeiro monumento erigido como o marco para o processo de urbanização da cidade ficou no lado oposto ao que planejaram seus construtores e, hoje, ela ocupa o centro, mas deslocada da projeção original.

Em relação aos monumentos, Freire (1997) aponta que eles podem vir, também, no sentido de mausoléu, sepulcro suntuoso, entre outras possibilidades; há ainda uma relação entre morte e maravilhamento, segundo a referida autora. Assim, pode ser visto no sentido de perpetuar a recordação de algo ou alguém que não existe mais, uma memória a ser perpetuada a partir dos monumentos, usados como conteúdo ideológico, em que as figuras homenageadas podem aparecer ora como heróis, ora como vítimas.

Com efeito, a preservação de determinada figura homenageada através de monumentos perpetua a memória e valores comuns a um grupo, além dos conteúdos

ideológicos no imaginário social e a perpetuação do poder de alguns grupos. A sacralização desses monumentos pode ser firmada em rituais comemorativos, como o do Centenário de Catalão. Como afirma Freire (1997, p. 96), ideologicamente, os monumentos podem servir como um teatro do social:

Os monumentos públicos propiciam assim, uma *teatralização social dos valores*, uma vez que, na concepção de Jeudy, “consagram as imagens da memória coletiva para além da temporalidade da vida cotidiana”.

No entanto, para que os monumentos desempenhem seu papel nessa teatralização social de valores deve haver, por parte do público, um movimento de apropriação. Por muito tempo, essa apropriação foi sinônimo de reconhecimento. A história oficial, portanto, deveria ser narrada por figuras reconhecíveis. Era preciso, por exemplo, que as pessoas se reconhecessem nas figuras representadas, para que os monumentos pudessem ser assimilados dentro dessa repetição do sempre igual. Os regimes totalitários serviram-se de monumentos para inculcar à massa seus valores. A mensagem era inequívoca. [...] Mais uma vez, nota-se a relação entre morte e maravilhamento entrelaçadas. Com o tempo esses dois conceitos se fundiram. Os monumentos são, portanto, construções ambíguas, cujo perfil ora arquitetônico, ora escultórico, misturaram cidade e museu, entrelaçam morte e maravilhamento.

Pela reflexão de Freire (1997), que se baseia nas ideias de Jeudy, os monumentos consagram memórias cristalizadas de acordo com os interesses dos que estão no poder, numa teatralização social de valores do qual o público deve se identificar e apropriar, tomando pra si esses valores. Os lugares de memória podem ser estabelecidos nesse sentido de teatralização social de valores a serem seguidos por determinados grupos, lugares com os quais se identificam, reconhecem e são reconhecidos. O não reconhecimento representa a não assimilação dos grupos aos valores que desejavam inculcar, portanto, dentro do imaginário, é preciso criar a identificação com o monumento que se quer consagrar.

De maneira parecida, Nora (1993) reflete sobre a noção de lugares de memória, mas relacionadas ao campo do patrimônio cultural e à apropriação que os grupos sociais fazem do seu patrimônio tomado como monumento a ser perpetuado ou não na sua história. Uma das formas de apropriação dos lugares de memória pelos grupos dominantes se daria com a modernização dos espaços sociais na cidade, criando novos valores de acordo com seus interesses. O processo modernizador se estabeleceria a partir da teatralização do Centenário da cidade, o qual nosso cronista não aderiu, já que não existe nas suas crônicas referências a tal evento. Segundo Balandier (1982, p. 10):

Todo poder político obtém finalmente a subordinação por meio da teatralidade, mais aparente em certas sociedades do que em outras, pois que suas diferenças de civilização as tornam desigualmente “espetaculares” [...] Ele se mostra como sua emanção, ele lhe assegura sua apresentação no exterior, ele devolve uma imagem idealizada dessa sociedade e, portanto, aceitável. No entanto, a representação implica em separação, em distância, ela estabelece hierarquias, ela muda os que estão em diferentes cargos, e esses dominam a sociedade fazendo dela um espetáculo onde ela deve (ou deveria) se ver aumentada.

De acordo com Balandier (1982), é a teatralidade das comemorações cívicas, o espetáculo planejado e que deve ser plantado e aceito no imaginário social, que vai estabelecer a imagem idealizada dessa sociedade por um determinado grupo que está no poder. A teatralidade da comemoração do Centenário de Catalão e o desenvolvimento de um projeto modernizador idealizado pelos que estão no poder estavam presentes na encenação de um espetáculo que carregava valores inseridos no imaginário com mecanismos simbólicos que justificassem a necessidade desse teatro e a aceitação do projeto de modernização na cidade.

Percebemos, com base em Balandier (1982), que os que estão no poder utilizam, hoje, outros mecanismos simbólicos, que não fogem necessariamente de um jogo dramático, no imaginário social, para sustentar suas ideologias e, assim, manterem o poder. O ritual festivo, por exemplo, é uma forma de sacralizar os valores. Segundo Paula (2005), a sacralização dos valores estabelecidos no ritual comemorativo em 1970, a partir das comemorações do centenário da cidade, vão se firmar não só pelos mecanismos ideológicos no imaginário social dos lugares de memória perpetuados pelos monumentos e figuras públicas, mas também pelo contexto de estabelecimento de outro viés econômico na cidade, a mineração.

Considerando o período de adaptação e os possíveis vínculos formados com os habitantes antigos, os que chegam por causa da mineração têm o olhar do outro sobre a cidade e, provavelmente, os que vêm de fora têm outros signos, outros imaginários sociais que influenciariam na sua construção ideológica do pensamento sobre o que veem e percebem do que eram considerados lugares de memória de Catalão, bem como seus símbolos e valores sociais. Não nos ateremos aos olhares dos que se estabeleceram na cidade por conta da mineração, mas é interessante pensar que os signos e imaginários sociais podem ter causado certo choque, influenciando na construção ideológica de alguns grupos sociais de Catalão, especialmente os trabalhadores urbanos.

A obra de Coelho (2015) nos revela a presença de alguns imigrantes, vindos de outros países e, claro, com costumes diferentes; revela também a vinda de pessoas de outros Estados

do país, todos atraídos pelo fato de a mineração ser algo promissor, de forma que, por esse motivo, houve um aumento populacional considerável na cidade. Acreditamos que a construção da ideia de progresso, atrelada à modernidade a ser estabelecida no urbano, foi pensada no processo de remodelamento da cidade, que iniciou antes de 1959 e culminou no ritual festivo do Centenário, criando todo um imaginário social de valores ideológicos para a população catalana.

A discussão desenvolvida por Nora (1993) provoca a reflexão sobre a aceleração da história e os fenômenos da mundialização, da massificação e da midiaticização na atualidade, em que, segundo o autor, vivemos o fim de uma tradição de memória natural, que antes era integrada, inconsciente e espontânea nas sociedades, mas que com a aceleração promovida pela modernidade os fenômenos naturais se perderam. Observamos que, se os fenômenos naturais se perdem, os grupos que estão no poder se organizam e percebem que é necessário construir, ainda que artificialmente, o elo que liga emocionalmente o monumento ao imaginário social dos grupos, para que tenham uma identificação e legitimem o *status quo* dos que estão no poder, esse grupo que tem a necessidade de representar outros signos e se apropria do que lhes interessa nessa nova realidade para que tenham seus referenciais culturais representados de alguma maneira, mantendo sua identidade cultural e de grupo. Nesse processo, destacamos que há silenciamentos e apagamentos das imagens e espaços da memória nos registros oficiais como nas classes populares, dos trabalhadores urbanos, estudantes e profissionais liberais, entre outros, que se veem inseridos, representam e se apropriam desses espaços e imagens ao reconstituírem suas lembranças.

Assim, para reforçar a função ideológica, numa teatralização social de valores, os monumentos podem ter uma função comemorativa, ritualística, no sentido de preservar algo ou alguém no imaginário da memória coletiva de um grupo social. Tal monumento independe de sua medida física e seus conteúdos simbólicos extrapolam sua presença física. De acordo com Freire (1997, p. 108):

Nesta perspectiva, ao demarcar novos campos e objetos de estudo, a primeira questão que se coloca é a seguinte: investigar a relação das pessoas com os monumentos da cidade implica, necessariamente, refletir sobre a cidade e seu imaginário. [...] A cidade pode ser investigada por diferentes perspectivas, resumidas, grosso modo, da seguinte maneira: como artefato, como campo de forças ou como imagem. Como artefato a investigação se detém sobre seu aspecto físico, envolvendo elementos de sua topografia e geografia; como campo de forças, a cidade torna-se palco e protagonista das forças de interação social, e como imagem remete ao conjunto de ideias, expectativas e valores que constituem o *imaginário urbano*.

Complementando o assunto, a imagem e o imaginário dos monumentos ou lugares em que se encontram, segundo Lucrécia D'Aléssio Ferrara (1997), são frequentemente confundidos e tomados como sinônimos, mas como estudo e análise de cidades é preciso distingui-los:

A imagem corresponde à informação solidamente relacionada com um significado que se constrói numa síntese de contornos claros que a faz única e intransferível. A imagem tem um e apenas um significado, corresponde a um dado solidamente codificado no modo de ser daquela sintaxe. É um código urbano e impõe uma leitura e fruição que estão claramente inscritos na cidade como espaço construído [...] o imaginário corresponde à necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação do significado, atribuir significados a significados; suas produções não são únicas, mas se acumulam e passam a significar mais por um processo associativo onde um significado dá origem a um segundo ou terceiro e, assim, sucessivamente. Pelo imaginário, a imagem urbana – locais, monumentos, emblemas, espaços públicos ou privados – passa a significar mais pela incorporação de significados extras e autônomos em relação à imagem básica que lhes deu origem (FERRARA, 1997, p. 194).

Sobre o termo imaginário, Freire afirma que ele é ambíguo, difícil de definir quanto ao seu significado e deve ser visto de maneira interdisciplinar. Na perspectiva histórica, o imaginário é abordado na Nova História Cultural, da qual Bronislaw Baczko (1985) é um dos principais estudiosos e expoentes, discutindo sobre *Imaginário social*.

[...] Assim, não raro, os monumentos são construídos em espaços significativos em relação aos fatos históricos que representam. É relevante atentar para as projeções do imaginário no espaço, especialmente através da arquitetura e dos monumentos públicos. “toda a cidade é uma projeção do imaginário social sobre o espaço”, conclui o autor. (BACZKO, 1985 apud FREIRE, 1997, p. 114).

Para Baczko (1985), o imaginário social é um aspecto da vida social, em que seus agentes sociais se manifestam coletivamente na construção de um sistema simbólico comum ao grupo e têm por objetivo identificar certa representação do próprio ser e do coletivo. O imaginário a ser criado e estabelecido por um grupo e seguido pelos demais é reforçado nos rituais simbólicos, na teatralização social dos valores. O autor ressalta que “o imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida coletiva” (BACZKO, 1985, p.309). Os símbolos, segundo o autor, não são apenas referências de pertencimento do indivíduo na sociedade, eles se somam na definição das relações sociais. O imaginário social torna-se, então, o lugar e o objeto dos conflitos sociais, em que há o exercício de autoridade e poder, instrumento fundamental para se controlar a vida coletiva.

Analisamos, por esse viés, que nas relações de poder algumas memórias podem ser construídas e estabelecidas na vida social a partir do imaginário, privilegiadas em detrimento de outras, de acordo com determinados interesses de grupos que estão no poder. Para Le Goff (1990, p. 422):

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Apreendemos que as classes dominantes estabelecem mecanismos de manipulação das massas, mas os trabalhadores urbanos, rurais, autônomos, donas de casa e outros, não aparecem como meras marionetes nas relações de poder estabelecidos pelos dominantes e, realmente, as apropriações, representações e até mesmo os silêncios e as omissões podem ser reveladores. Observando a cidade do alto, nem sempre é possível perceber suas tensões e conflitos, mas eles estão presentes. Jogos de poder, disputas de memórias e seus espaços, disputas em relação ao que deve ou não ser considerado como monumento e patrimônio material ou imaterial, nem tudo é visível, mas nem tudo está totalmente encoberto.

Sobre as cidades invisíveis, onde as memórias e as vivências de histórias são engessadas até serem legadas ao esquecimento, Freire (1997, p. 109) utiliza o museu como ponto de observação.

Consideramos, a princípio, que os monumentos (que mantém aqui uma analogia com os museus) são pontos privilegiados de observação da cidade e sociedade [...]. O museu é nosso ponto de observação, de lá partimos, recolhendo os depoimentos e impressões que se estendem a aspectos da experiência contemporânea de viver na cidade [...]. O lugar preciso, quantificado, objetivo da geografia, dá lugar a um extraterritório, não tão facilmente identificável ou revelado, que exige outro tipo de atenção do leitor: uma atenção às paisagens interiores, relacionados aos espaços externos, carregadas, portanto, de sentido simbólico. Trata-se de uma topografia de metáforas ou uma arqueologia poética.

De fato, vista do alto, a cidade pode ser lida como um museu a céu aberto, embora não objetivamos nos prender à ideia de museu como algo estagnado, mas ir além das imagens que os edifícios, monumentos, ruas, e outros lugares podem nos mostrar, os extraterritórios da cidade não visível. Nesse sentido, de acordo com a proposta de Freire (1997, p. 110), atuamos como arqueólogos, historiadores e psicólogos, pois atuamos como escavadores das memórias

e dos imaginários sociais: “Escavar e tentar descobrir nas profundidades das memórias sociais soterradas e das fantasias latentes outros universos de sentido que têm hoje, como testemunhos, apenas algumas construções, ou ainda, alguns vestígios”. Então, cada memória e imaginário em torno da cidade e seus objetos, monumentos, ruas, praças, edifícios comerciais e particulares, públicos e privados, que buscamos seus vestígios começam a partir de imagens, embora não fiquem apenas nela.

Compreendemos, a partir de Brescianni (2003), que o olhar sobre a cidade não deve ser um olhar superficial, pois a cidade apresenta nuances que estão além da imagem percebida e sugere as descrições extensas do lugar. O cronista nos dá uma apresentação do que é a cidade, uma apresentação que o historiador deve refletir, questionar e investigar em sua teia de significados dentro dos seus códigos de conduta.

Descrições bastante extensas das cidades estão sempre presentes nos escritos dos viajantes. Referências a certos lugares, descrições de bairros ou de transformações em determinadas áreas são constantes nos relatos de memorialistas e textos de literatos. Pontos de referência para o leitor, mas também algo relacionado à permanência das formas de traçado urbano e das edificações, ou mesmo da sua rápida transformação fazem da materialidade dos núcleos urbanos um suporte da memória, recorte preciso com contornos apreensíveis, capaz de orientar o conhecimento ou o reconhecimento dos que por elas passam e nelas moram. (BRESCIANNI, 2003, p. 256).

O cronista, aqui pensado como viajante do passado, um saudosista, que assim se disfarça para a crítica ao processo modernizador, de outro tempo do mesmo lugar, aponta as referências da cidade que o historiador pode analisar dentro do contexto e relacionar com o tempo presente; uma cidade produzida socialmente em seus significados que têm memória, produz ou dá outro significado a uma história que pode ser reescrita. Assim, percebemos um espaço elaborado socialmente, dentro de uma teia de significados acumulados em determinados espaços de tempos e os monumentos, as praças, os edifícios, as ruas, cada canto da cidade onde a história foi escrita e reescrita.

Podemos, a partir de Geertz (1978, p.15), entender a cultura como um conceito dentro da semiótica, das teias de significados tecidos pelo próprio homem, “acreditando como Max Weber que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como essas teias”. A análise dessas teias deve ser feita por uma ciência interpretativa que busca, analiticamente, os significados; e não por uma ciência experimental que busca as leis, mas que as interpreta e problematiza. Cada espaço pode ser lido, interpretado e problematizado na psicogeografia da memória dos habitantes da cidade como

uma teia de significados da cultura de uma sociedade escritas como um palimpsesto, onde histórias se sobrepõem e, se as raspássemos, miríades de histórias de vida apareceriam.

Uma vez que somos naturais de Catalão, frequentadores desses lugares e tempos urbanos, não estamos isentos dos sentidos simbólicos e de uma memória afetiva por determinados lugares, mas procuramos tomar uma dada distância, para não sermos absorvidos totalmente para eles, uma vez pensada nossa condição de historiadores. Entendemos, assim, que a história é uma ciência com métodos e regras próprias, que não se encaixam nos moldes das ciências exatas e biológicas, mas é uma ciência, sem dúvida, pois existe todo um procedimento de análise do objeto de estudo e da escrita das hipóteses e conclusões, ainda que parciais, do que foi analisado.

Nesse sentido, baseados nos estudos de Halbwachs (2003) e Certeau (2002), entendemos que, tanto as fontes como o historiador que lida com elas são sensíveis ao objeto da pesquisa, mas o historiador, ao seguir o procedimento da história como ciência, com métodos e regras próprias da disciplina, em operações meticulosas de análise e comparação dos fatos históricos, procura ser crítico e questionador, ainda que o objeto lhe seja sensível. Mesmo com o olhar de um viajante, um estrangeiro que visita a cidade pela primeira vez, ou na visão de cidadãos que a visualizam e refletem sobre o que veem e vivenciam dela, dos lugares simbólicos apresentados pelas imagens e que constam no imaginário social, o olhar do historiador é um olhar crítico, analista e questionador, ainda que fazendo parte dessa comunidade no seu fazer diário.

Como detetives que se debruçam sobre as pistas que elucidarão um mistério, o historiador analisa os fragmentos e índices dos discursos para compreender como os fatos se estabeleceram e o imaginário se dá. De acordo com Ferrara (1997, p. 198):

Assim, o imaginário sobre uma cidade não a reproduz, mas, estimulado pelos seus fragmentos/índices, produz discursos que com ela interagem. Uma espécie de diálogo insólito porque, no primeiro momento, o usuário é emissor e receptor ao mesmo tempo e, apenas com o registro da memória, esses discursos se transformam em arquétipos culturais. Assim sendo, o imaginário dialoga, em última instância, com a história urbana. (FERRARA, 1997, p. 198).

Há muito a se pensar e investigar sobre as imagens dos lugares, dos monumentos e do imaginário com a história urbana que fazem parte da memória afetiva e sensível dos catalanos para compreender sua história. Coelho (2015) cita alguns dentre tantos, como o Clube Treze de Maio, o Duas Pontes, a Rua da Grota, entre os mencionados nas crônicas, não interpretados

ou interpretados de maneira diferenciada por outros autores, e ainda há outros lugares não citados e não pesquisados que se fôssemos trabalhar com a oralidade dos mais velhos apareceriam muitos outros, mas não é nossa opção de trabalho essa oralidade.

Situados no alto de um dos morros que circundam a cidade, confrontando com a imagem dos mapas e nossa base documental, podemos observar seus pontos de acesso e estabelecer mais questões a serem pensadas e investigadas: De quais grupos sociais a cidade é formada? Como foi essa formação e que grupos sociais fizeram parte dela? Quais os lugares de encontro desses grupos, como isso acontecia e que tipos de grupos eram? Se os limites espaciais convergem com os políticos, sociais, econômicos e culturais, de que forma eles se ligam ou se contrapõem? São muitas questões a serem respondidas e exigem um trabalho mais demorado e apurado. Por ora, debruçaremos sobre algumas das questões na obra de Coelho (2015) e o que essas crônicas nos apontam do palimpsesto de memórias da cidade.

Muito há de pensar além das imagens e mapas, dos lugares de memórias que se tornam representação e práticas sociais de determinados grupos nas narrativas do memorialista Braz José Coelho, da relação entre o lugar e a memória nas representações históricas, das disputas de poder, de memórias privilegiadas em detrimento de outras. E, principalmente, de como vestígios foram encobertos anteriormente, a partir de palimpsesto de memórias não percebidas, não contadas e não registradas.

CAPÍTULO II – A SOMBRA DAS “SOMBRAS DO TEMPO” DE BRAZ JOSÉ COELHO: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Braz José Coelho (2015) é para nós como um *flâneur*, ou o personagem Leskov, de Benjamin (1994), como já afirmamos anteriormente, que ressignifica na sua obra a vivência da cidade a partir de lugares de memórias. Nesse sentido, não o vemos como um memorialista, que tem a memória de si e por si mesmo, mas como alguém que analisa e pensa de maneira crítica suas memórias, que nessa obra aparecem em forma de crônica, estabelecendo uma relação entre passado e presente. Nesse processo, ele é objeto e sujeito das histórias que escreve, uma vez que é personagem dessa história e está sendo analisado por si mesmo nesse contexto das memórias relacionadas ao momento atual. Assim, o autor participa das crônicas que escreve, são memórias que ele compartilha com outros personagens e, ao mesmo tempo, não são memórias dos outros e nem somente suas.

Assim, dentro da análise do livro *Sombras do Tempo*, observamos os efeitos psicológicos que o lugar opera sobre as emoções do autor, e não só sobre ele, mas nosso objetivo é ir além dessa ideia de psicogeografia, desenvolvida por Debord (1955)¹⁰. Sendo assim, partimos para os palimpsestos de memórias que podem estar ocultas, segundo Pesavento (2004), e do que essas narrativas em forma de crônicas podem nos apontar.

Muito das temáticas de Coelho (2015) tem a ver com as memórias da cidade de Catalão, numa multiplicidade de histórias que deixam transparecer a abordagem do rural ligado ao urbano, as sociabilidades, os lazeres, os lugares de fronteiras da cidade que vão além do mapa físico, os lugares de memórias para recriar o imaginário da cidade com suas representações, as experiências de memórias, as noções de identidade/pertencimento, as mudanças, as transformações, o esquecimento.

Falaremos agora, mais detalhadamente, sobre as crônicas presentes no livro *Sombras do Tempo*, publicado em 2015. Faremos uma leitura analítica de cada uma das crônicas, na ordem em que aparecem, visto que não apresentam título ou outro tipo de ordenamento para que possamos classificar no momento de nossa análise, o que se percebe é um ordenamento que em a ver com o processo criativo do autor. Assim, seguirá o ordenamento de acordo com a sequência que aparece no livro: primeira crônica, segunda crônica, sucessivamente.

¹⁰ Sobre a psicogeografia proposta por Debord (1955), ver em CRIVELLI, Jacopo Visconti. *Novas Derivas* (Tese), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, SP, 2002. Ver também em DEBORD, Guy. **Introdução à uma crítica de geografia urbana**. Biblioteca Virtual Revolucionária, 1955. Disponível em: <www.geocities.com/autonomiabr/urb.html>. Acesso em: 25 jan. 2017.

Ao iniciar as narrativas das memórias em forma de crônica, Coelho (2015, p. 07) já nos apresenta sua intenção ao escrever o livro: “Escrever, acima de tudo escrever, de forma sistemática ou não, mas escrever. Escrever para compreender, para organizar o pensamento, para entender o que sinto, escrever pelo gosto e inquietude de escrever”. Logo de início, o autor trabalha a necessidade de escrever e toma como base uma frase do escritor Fernando Pessoa para expressar sentimentos. Mas essa escrita, embora disfarçada de despretensiosa, não é uma mera distração, ela vem no sentido de organizar o pensamento e compreender suas memórias, como parte de uma história, a história da cidade de Catalão – GO.

Nesse processo, como aponta Wolney Honório Filho (2011), Braz José Coelho estabelece uma interação enquanto sujeito e objeto de suas narrativas, ao mesmo tempo estabelece um canal de comunicação e interação com o passado, relacionando-o com o presente das memórias pessoais e com o coletivo e o individual, isto é, reflete as memórias que são de um coletivo.

Em 20/08/2009, dia do 150º aniversário de Catalão, na segunda crônica, da página 09 a 12, Coelho (2015) pensa a organização espacial da cidade, não no sentido físico do espaço geográfico, mas no sentido emocional/sentimental que vai além da questão do espaço. É ainda nesse primeiro texto que o autor reflete sobre a relação de espaço do primeiro bairro da cidade, ele pensa no significado/sentido das denominações desses lugares. Assim relata Coelho:

Naquele tempo a palavra *rua* possuía duplo sentido – *rua* enquanto espaço por onde transitavam pessoas, animais, cavaleiros, carroças, bicicletas, depois automóveis, jardineiras, caminhões; e *rua* na significação de bairro ou setor, palavras que praticamente não se usavam a não ser talvez na repartição dos Correios e Telégrafos. Por isso Rua da Grota, Rua do Pio, Rua do Marca Tempo, Rua do São João, Rua da Capoeira não eram constituídas por uma única rua, mas o que hoje denominamos bairro. (COELHO, 2015, p. 09).

O início da narrativa dessa crônica começa com “Naquele tempo”, remetendo a ideia do passado e sugere um certo questionamento ao leitor de como as pessoas no momento atual vivenciaríamos aquele determinado espaço.

O texto sobre a “Rua do Pio” é um dos muitos exemplos de uma memória raspada do palimpsesto de memórias da cidade, à época do 150º aniversário de Catalão, é um texto caracterizado pela emoção, do que foi e já não é mais, e que mostra algumas memórias emergidas da sobreposição de memórias ocultadas no processo de modernização idealizado para a cidade. Essa narrativa nos leva a pensar e questionar sobre quantas histórias foram

vividas lá, até a consolidação do processo de modernização, pós Centenário, em 1959. Toda narrativa sobre bairros e as relações significativas que as pessoas mantêm com esses lugares são repletos de marcas, sejam religiosas, morais, emocionais/sentimentais que demarcam a vida social das pessoas que ali moravam. Além disso, por serem importantes para a comunidade, os nomes das *ruas* e dos bairros independiam da nomeação política, pois tinham nomes típicos, dados por esses sujeitos.

No trecho da crônica que segue abaixo, está presente a ideia e a importância dos signos estabelecidos pelo escritor. Voltando um pouco à teoria, baseados em Clifford Geertz (1978), percebemos a existência de uma “teia de significados culturais” dessa comunidade a ser decifrada, compreendida em suas simbologias nos signos estabelecidos das teias tecidas e amarradas por e para essa comunidade. Segundo Coelho (2015, p. 10), Catalão teve início com a *Rua da Grotta*:

As pessoas mais velhas nos diziam que Catalão começara ali, na Rua da Grotta, que ali era a parte mais antiga da cidade. Era a saída pra Goiandira e logo após a segunda grotta ficava a Cruz do Antero, local onde ele morrera martirizado. Quando em época de seca forte, muitos dias de solão espichado, as mulheres e as crianças rezavam ao pé da Cruz do Antero e lhe jogavam latas e baldes de água. Se a seca durasse mais tempo, subiam, em penitência, rezando e cantando músicas de louvores o Morro das Três Cruzes e lá repetiam a operação de molhar os madeiros sagrados.

Na crônica sobre o relato da *Rua da Grotta* o autor pensa o modo como as pessoas viviam a cidade, pensa a presença das simbologias estabelecidas no imaginário da comunidade catalana. Os indícios, sinais dessas simbologias no imaginário estão muito presentes, basta observar que em torno de um homem brutalmente assassinado construíram a imagem do mártir/santo¹¹ que, para alguns crentes no catolicismo popular, pode fazer o milagre de trazer a chuva, dentre outros.

Nessa mesma crônica, Coelho (2015) nos apresenta o Morro das Três Cruzes, transformado em uma alusão ao Monte Calvário, onde Jesus foi Crucificado e que, diante de penitências, rezas e operação de molhar os madeiros sagrados, a chuva cairia sobre a cidade. Esse imaginário social, em torno das sensibilidades de um ritmo mais regular e lento, que lembra o ritmo rural, foi combatido a partir do estabelecimento do projeto modernizador no

¹¹ Sobre o “mártir/santo” catalano, ver SILVA, Jaciely Soares da, **Antero da Costa Carvalho – o Santo Local: ensaios de práticas e representações**. Disponível em: <www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/481/464>. Ver também: SILVA, Jaciely Soares da. **Violência e Religiosidade popular em Catalão – GO: a construção da santidade de Antero–1932-2012**. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/.../1/violenciaereligiosidadepopular.pdf>>

Centenário de Catalão, do qual já falamos e observamos que sua intenção era a de estabelecer uma sociedade progressista nos moldes desejado pelos que estavam no poder.

A partir das leituras das crônicas de Coelho (2015), podemos pensar que esse processo foi tranquilo? Houve resistências? Ou houve assimilação e conformismo com esse processo? Não acreditamos que foi tranquilo e na leitura do livro *Sombras do Tempo*, nossa base documental, as crônicas apontam que a memória de alguns lugares e personagens memoráveis são uma forma de resistência, embora muito do que foi proposto no processo modernizador tenha sido assimilado e ressignificado pelas pessoas da comunidade catalana.

Baseados em Backzo (1985), percebemos que o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva que elabora sua identidade e a representação de si com suas crenças e códigos de conduta social, ressignificando o que está posto. Coelho (2015), em muitas de suas crônicas, estabelece uma relação entre passado e presente revelando sua noção de como era a cidade e as mudanças pelas quais ela passou; como percebe a cidade, hoje, em suas transformações. Sobre a ideia da literatura como fonte documental de uma memória como história de grupo, Jason Hugo de Paula (2005, p. 72) afirma:

Nos debates mais atuais, essa vertente analítica tem se concentrado não mais no testemunho em si, mas em vestígios dificilmente palpáveis e encontráveis nos ditos documentos oficiais. Neste caso, a literatura deixa de ser aquela “fonte a mais”, para ser tomada como aquela que permite “o algo mais”. Este algo a mais é pensado como a “sintonia fina” de uma época em que as características do modo de pensar, agir e sentir o mundo se fazem presentes. (PESAVENTO, 2002:13)

A literatura aqui é entendida como um elemento muito importante do testemunho das memórias que, aparentemente, são individuais, mas que nos revela toda uma coletividade em suas características específicas de pensar, agir e sentir o mundo onde vivem esses personagens reais. Muito embora não pareça, na terceira crônica, página 13 a 14, Coelho (2015) nos fala sobre a paisagem, o olhar e, aparentemente é um olhar individual, mas é de uma determinada comunidade.

Quando olho uma paisagem qualquer, urbana ou roceira, eu não vejo só a tal paisagem, mas também a experiência de paisagens que foi produzindo e acumulando durante minha vida. Há no meu olhar a memória de muitos olhares [...]. É também o meu modo de ver e olhar, o meu modo de ser e de estar, o modo pelo qual capto o que está fora de mim. (COELHO, 2015, p. 13).

A narrativa lembra uma frase de Fernando Pessoa, novamente, mas pode ser apropriada pelo autor e tomada como sua para expressar seus sentimentos e intenções, revelando as experiências de vida e de outros no grupo social em que está inserido. O modo de olhar a paisagem é poético e, ao mesmo tempo, não é um olhar qualquer, mas o de quem vê além do objeto e o percebe em suas experiências de vida, em outros olhares e outras experiências. É um olhar semiótico¹² de ver o objeto não como ele é, concretamente, mas das relações que esse objeto mantém com os outros e adquire outros significados. Ao fazer a leitura, notamos que o cronista tem uma identificação afetiva muito grande com os lugares de memórias que fazem parte da sua história de vida e que, por sua vez, está extremamente relacionada com a história coletiva que precisamos compreender a partir das narrativas desse autor e que apontam o palimpsesto de memórias e vivências dos catalanos.

Paula (2005) assinala que dentro do projeto modernizador proposto para Catalão, houve uma tentativa de apagar os traços que poderiam atrapalhar o “progresso” da cidade, e seria a ideia do atraso, quais sejam os traços: as sensibilidades, crenças e tudo o que tivesse relação com o imaginário cultural do campo. A palavra que descreve o processo de modernização proposto pelos grupos dominantes para a maioria da população, segundo as crônicas escritas por Coelho (2015), seria “assimilação” em alguns aspectos, “resignação” e “não aceitação” em outros. Na medida em que estivermos analisando cada texto, segundo o ordenamento que aparece no livro, iremos apontar em que ponto apreendemos a assimilação, a resignação e a não aceitação do processo modernizador.

De toda forma, há um fato em torno das narrativas cotidianas de Braz José Coelho: a relação estreita entre campo e cidade, a mesma que o projeto modernizador desejava combater no imaginário da vida coletiva dessa sociedade, de como elaboravam sua identidade, a representação de si e seus códigos de conduta social. A identidade e a representação do imaginário da vida coletiva dessa comunidade é muito presente nos textos do autor, como pode ser exemplificado na quarta crônica.

Nas noites de lua aluminando, a gente, às vezes, ia à casa de algum vizinho mais próximo. Meu pai, por brincadeira, dizia que era uma boa noite para ira cavalo nos vizinhos. Às vezes, ficávamos sentados em bancos ou tocos, à

¹² Entendo o termo semiótica como um sistema de significações das formas de interpretar os vários elementos da linguagem, tendo como base Roland Barthes e Umberto Eco. Consulta feita e disponível em: <<https://semioticauern.wordpress.com/tag/roland-barthes>> e <<https://reflexoescorporativas.wordpress.com/tag/umberto-eco-e-a-semiotica>>. Num estudo preliminar, com uma linguagem mais popular e informal, ver SANTELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**, 1983.

porta de casa – e conversávamos, e contávamos causos, e cantávamos cantigas da época, principalmente modinhas chorosas, ou corríamos no terreiro da frente, seguindo os trilheiros que as vacas formavam, atrás dos vagalumes. (COELHO, 2015, p. 15).

Nesse recorte da crônica, e no decorrer dela, entendemos que o autor revela a não aceitação das mudanças impostas pela modernização, pois o tom saudoso e aparentemente conformado, na verdade, deixa sugerida a crítica social no que diz respeito ao relacionamento entre os sujeitos viventes de um mesmo espaço e tempo, tendo em vista que, atualmente, as pessoas já não se visitam mais à noite, não conversam, não contam causos e nem cantam cantigas de época.

O cronista nos apresenta um universo estabelecido dentro de uma ordem social e moral, onde o partilhar dos momentos de sociabilidades e reciprocidades poderia ser uma simples visitação ao vizinho, ou os momentos em que estórias e histórias eram contadas e recontadas, fazendo o novelo da vida, tecido no ardor dos dias, ser mais amenos. Indica-nos ele os limites da licenciosidade para com o outro, além do mundo sério de montar a cavalo e seguir à casa do vizinho.

Analisando a comunidade catalana, a partir das crônicas, percebemos que esta apresenta um *ethos*¹³ próprio ao estabelecer uma organização simbólica dos lugares sociais dessa comunidade que tem um imaginário social específico, o qual se identifica e se representa com suas crenças e códigos.

Dentre os códigos que podemos observar, segundo o relato do cronista, que a ideia de sair a cavalo para os vizinhos e estreitar laços de sociabilidade e reciprocidade, a contação de causos, tudo partia do pai, essa figura que evidencia a existência do respeito, pois eram vistos como os detentores dos saberes, das experiências de vida. Enfim, nas visitas aos vizinhos à noite, sempre havia um aprendizado do *ethos* cultural daquela comunidade.

O *ethus* cultural é toda uma relação que o cronista nos apresenta da identidade e da representação da vida no imaginário dessa comunidade. Na crônica 05, página 17 a 19, o autor ressalta a relação com o campo, com a vivência dos mais velhos, as rezas, entre outros, que têm a ver com esse *ethus*. Assim relata Coelho (2015, p. 17):

¹³ Compreendemos o *ethos* como um conjunto de costumes e hábitos fundamentais quanto à comportamentos e cultura características de uma determinada coletividade, época ou região. Costumes e os traços comportamentais que distinguem um povo.

Sobre *Ethos* ver: LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. Ethus “emergente”: as pessoas, as palavras e as coisas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2007. **Revista Horizontes Antropológicos**. Disponível em: <www.scielo.br.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132003000100003>. Acesso em: 25 jan. 2017. Ver também: BARBOSA, Raoni Borges. A proposta culturalista boasiana para a Antropologia. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.15, n. 44, p. 82-94, ago. 2016.

Pois assim era de uma vez que a perdiz e o jaó formavam um par muito apegado, andavam sempre juntos num maior chamego deste mundo. Não me lembro desse tempo, creio que ainda não tinha nascido. Quem me contava a história deles eram meus tios, minha mãe e principalmente minha tia Lia, já velhinha, amontoada e envolta em cobertores na cama de seu quartinho, onde no começo da noite, gostava de me meter para ouvir-lhe as histórias, as rezas que me ensinava e os cânticos religiosos de uma tristeza que me dava vontade de chorar. (COELHO, 2015, p. 17).

Ficam evidenciados, assim, nesses indícios, os códigos, a organização simbólica dessa comunidade e seu imaginário social específico. O interessante é que as memórias eram respaldadas na figura dos mais velhos. Há esse respaldo hoje em dia? Além da crítica de atualmente não valorizar a experiências de vida, especialmente das pessoas de mais idade, o autor revela no que não é dito, mas é dado a refletir, a crítica velada de saudosismo ao processo modernizador.

A imagem do idoso transmitindo suas experiências e estabelecendo a relação com a tradição, ainda que de forma lúdica e não explícita, ou de pessoas que eram mais velhas que o autor e conviviam com ele no seu cotidiano, é relatada em outras crônicas. E, como já foi apontado, os causos e as experiências de vida são ressaltados nos encontros entre os mais jovens e essas pessoas, transmitindo a cultura, a teia de significados dessa comunidade específica, através das ações cotidianas compartilhadas no dia a dia. Tais aspectos são perceptíveis nas crônicas 06, página 19 a 20, e 07, página 20 a 22, quando Coelho (2015) ressalta as relações campo/cidade, as sociabilidades, lazeres (danças típicas, a caça, a pesca...) e diferencia o que era obrigação do que era lazer, especialmente na crônica 06:

Meu tio tocava viola de dez cordas e sanfona de oito baixos. Às vezes passava a noite inteira jogando truco e bebendo cachaça, e gostava de dançar catira – era *parmeiro* de um grupo de catireiros. Pescava sempre que podia no Pirapitinga, no Braço ou no Veríssimo, por lá ficando uns dois ou três dias. Caçava com a cachorrada, atirando em perdiz no vôo, na carreira de antas, pacas e capivaras, ou na espera de veados, enganchado num galho de pequiheiro erado. Entrava em furnas e locas, e com uma haste curta de azagaia cutucava onças pintadas na raiva da acuação. Isso era o principal de sua vida. O resto era obrigação que o fazer roceiro e de pai de família lhe impunham. (COELHO, 2015, p. 19).

Além de ressaltar as relações campo/cidade, as sociabilidades, lazeres e diferença entre obrigação e lazer, o autor descreve os rios locais – Pirapitinga e Veríssimo –, assim como os instrumentos de trabalho e lazer. Para nosso autor, as diferenças entre obrigação e lazer estão bem definidas e muito do que ele relata como obrigação e, especialmente, lazer

tem a ver com as relações com o campo, onde o personagem da crônica socializa, diverte e descansa, sem obrigações ou imposições, que atualmente são outros.

Além do que é evidenciado e implícito, percebemos também, nessa crônica, a crítica e a assimilação de alguns valores e resignação em outros. Truco, catira, pescarias e festas na roça ainda são atividades desenvolvidas na comunidade catalana? Se são, como ocorrem? E as caçadas, ainda ocorrem? Instrumentos como Zagaias ainda são utilizadas hoje em dia? Confrontando imagens que emergem dessa narrativa, que mudanças são percebidas no lazer diário dos catalanos? As festas na roça com modas de violas acabaram? Os jogos de truco, catira e pescarias não são atividades realizadas atualmente nos finais de semana e feriados? Ainda é possível pescar no Pirapitinga, no Braço ou no Veríssimo? O que podemos perceber das mudanças e permanências da relação entre campo e cidade dada como negativa e símbolo do atraso ao projeto modernizador proposto para Catalão?

Sobre as atividades desenvolvidas na comunidade catalana, convivemos nessa comunidade, observamos que essas atividades de truco, catira, pescarias e festas de roça são ainda muito comuns na região, no meio rural principalmente, mas também com a população urbana. Desconhecemos as Zagaias, se são usadas, não sabemos. Devido a canalização do Pirapitinga e o crescimento urbano em torno do córrego, não observamos mais peixes nele, o Braço e Veríssimo, ainda são locais de pesca, até onde sabemos. Sobre a relação campo e cidade, não concebemos como uma relação negativa e de atraso, como é dada pela modernidade.

Fazendo um contraponto à modernização proposta para a cidade, na crônica 07, além da estreita relação campo/cidade, o autor evidencia o canto dos pássaros, a relação que ele tinha com esses animais, assim como a sua comunidade com o campo: “[...] Eram cantares nostálgicos, tristonhos, cheios, parecia, de uma saudade lamentosa de alguma coisa do passado que elas mesmas não saberiam dizer o que era” (COELHO, 2015, p. 21). A ideia passada pelo autor é de uma natureza viva e que tem sentimentos, de alguma forma interagindo com o ser humano. Na alusão do cantar dos pássaros o autor dá a entender sobre a memória, e até a própria história, como algo que foi e não é mais, colocando o leitor em dúvida se era, realmente, como ele imaginou ser, uma vez que são memórias e histórias comuns à comunidade, mas relatadas pelo viés de um sujeito, ou seja, do seu ponto de vista.

Aliás, em sua rememoração, o cronista não lida apenas com lugares, sentimentos e animais, mas também com algumas pessoas “ilustres”, que são evidenciadas, personagens da sua vivência. Na crônica 08, p. 23 a 27, o autor salienta características físicas, emocionais e

passionais de uma figura ilustre, moradora de Catalão, presente em sua infância, mas de origem alemã ou austríaca, de acordo com o autor. Ele fala do Sr. Max Margon:

Hoje, mais de sessenta anos depois, fico pensando – como um homem daquele tamanho, mais de dois metros de altura, que administrava o curtume e gerenciava algumas atividades na charqueada de seu pai, como a ensacagem do charque, com família e a responsabilidade de cuidar e prover, tinha tempo e disposição para se entreter com crianças de uns dez anos como eu? (COELHO, 2015, p. 26/27).

O seu Max Margon era uma figura muito conhecida na cidade, ele administrava um curtume e charqueada que gerava emprego na cidade e na região e, em meio à correria diária, ainda conseguia tirar tempo para se divertir com as crianças, especialmente o autor. Também nessa crônica é evidenciada a relação dos mais jovens com as pessoas de mais idade e o aprendizado adquirido com essas pessoas. Após falar da figura ilustre de Catalão, o importante comerciante da época, e nos fazer pensar as relações de trabalho e o “os afazeres/brincar” das crianças na época, na crônica 09, página 29 a 32, Coelho (2015) segue evidenciando as coisas do campo e aponta o linguajar próprio do campo.

Na roça, dizíamos, de forma onomatopéica, o que os animais estariam falando. O galo, ao arrastar asa para uma galinha, propunha:
 - Te dou um vestido cor de rosa.
 Ou então, como chefe do terreiro, indignado, gritava:
 - Quem cagou aqui?
 E a angola com sua inquietação até mesmo pra falar, denunciava:
 - Foi o pato, foi o pato, foi o pato. (COELHO, 2015, p. 29).

Percebemos uma sonoridade nesse linguajar próprio do campo, um tempo diferente, outra sensibilidade de percepção do mundo, o homem interpretando os sons dos animais de acordo com sua percepção, sua visão de mundo.

O sentido dado a essa crônica é do autor apelar para as sensibilidades do viver do campo, da linguagem específica que o homem do campo tem ao perceber os animais e a vida que o cerca. Novamente, é como se a natureza viva se comunicasse com as pessoas, natureza viva com suas sensações e sentimentos a falar com os seres humanos de uma maneira peculiar de comunicar.

Percebemos aí mais uma crítica subentendida de que estamos perdendo nossas sensibilidades e a linguagem específica do campo, o ritmo da modernidade não nos permite tempo ou imaginação para tais onomatopéias ainda para os sujeitos que ainda vivem na roça.

O autor, enquanto narrador, valoriza as sensibilidades e pra ele é uma arte que faz a vida valer a pena. Na crônica 10, página 33 a 34, reflete Coelho (2015) sobre a grandeza da vida e do mundo a partir da arte, especialmente a poesia, a literatura e a leitura.

“Tudo vale a pena se a alma não é pequena”

Mas para que a alma não seja pequena e tudo valer a pena existe a poesia, existe a leitura, existe a literatura – sem elas a alma é pequena e pouco ou quase nada vale a pena. (COELHO, 2015, p. 33)

Novamente o autor se baseia em Fernando Pessoa. Nessa crônica ele procura valorizar a arte, a poesia e a literatura. Especialmente, se não soubermos ler o que está dado, a alma torna-se pequena e seu mundo restrito a coisas que não têm importância. E o autor é um sujeito adulto que no presente rememora o passado e o ressignifica, construindo outros olhares sobre a cidade e os lugares de memórias que marcaram a infância e a história de uma dada comunidade. Para Coelho (2015), são os escritores que revelam o mundo, a vida e nós mesmos, à medida que lemos. Para ele, é através da leitura que a vida tem sentido e essa leitura pode se estender em vários outros sentidos, assim como a de mundo e dos lugares da cidade.

A leitura de mundo do autor é a do campo e essa leitura é poética, porque é feita por intermédio das sensibilidades que desperta por essa poesia e, ao mesmo tempo, tem significados culturais, a partir dos lugares de memória da cidade que podem ser lidos por quem a analisa em suas teias de significados. Assim, a memória pode permanecer, independente do período de tempo, quando refletimos os lugares dessa cidade que está sendo lida pelo autor.

Nas teias de significados da cidade apresentada nas crônicas do autor, no campo de suas sensibilidades e nas ressignificações, aparece também a passagem do tempo, que é analisada na crônica 11, página 35 a 36:

Já fui criança, no chão socado de nossa casa, engatinhando feito animal nas quatro patas; já fui menino mal aguentando os passos nas pernas cambetas; já fui molecote, fazendo serviços de levar água na cabaça e comida na gamela pra quem fazia cerca de arame, batia pasto ou, grudado num guatambu, puxava enxada nos eitos de muitas roças; já fui rapaz forte e de riso aberto para tudo na vida; já fui homem criado pegando o estado de começar família e aguentar repuxo de criar filharada; já fui homem maduro segurando agrulhas da vida e durezas de muitas lidas – agora sou apenas velho, trago os passos cansados, os ombros decaídos, quando ando arrasto os pés, as pernas sem a destreza de antes, na cabeça a recordação de uma vida inteira vivida no aprumo do como se deve ou se consegue viver. (COELHO, 2015, p. 35)

Nesse contexto, nosso autor ressalta o tempo de sua passagem de vida e suas experiências, relacionando passado e presente, revela-nos sua identidade com o campo e o pertencimento a esse meio, é uma lembrança do passado que tem como base o momento do narrador, que aponta para o sujeito autor no presente. Percebemos que ele é um adulto no presente do discurso, que lembra o passado e o ressignifica, construindo outros olhares sobre a sua condição de vida, a cidade e os lugares de memórias que marcam sua infância e a história da cidade.

Podemos observar de forma nítida o olhar crítico que aparece ao relatar sobre atividades e lugares que não são mais como antes e, no final, sobre o sistema de trabalho imposto ao homem que trabalha no campo, as durezas da vida. Agora, depois de velho, as consequências desse tipo de trabalho que era comum nessa comunidade.

Continuando a narrativa sobre o “brincar/trabalhar”, na crônica 12, da página 37 a 43, o autor escreve um relato do cotidiano com os irmãos, a proximidade com o irmão Tião, revelando seus lugares de memória que fazem parte da comunidade catalana: as *Duas Pontes* e o *Ribeirão Pirapitinga*, que corta atualmente a cidade e na época tinha muitos peixes. Na verdade, o núcleo urbano não tinha se apropriado do espaço do ribeirão, segundo dados do IBGE, o crescimento ao redor e além do Ribeirão Pirapitinga começou na década de 1970 e intensificou nos anos de 1990 e 2000.

Nessa crônica há também a narrativa de alguns brinquedos da época: bodoque, pipa, estilingue, arapucas, berra boi, corrupio, caminhões de madeira (considerado pelo autor brinquedo de loja de cidade grande), jogo de dados, além de revelar a linguagem específica, denominando coisas e lugares da memória.

As novidades da cidade contrapõem ao encantamento das traquinagens no campo. Mas os gibis e os livros eram o encanto maior especialmente com o hábito da contação de histórias da irmã mais velha. Coelho (2015) conclui no final dessa crônica:

Talvez ele, o Tião, não se lembre disso tudo, e que aconteceu há muito tempo, há uns setenta anos bem distantes, nem nunca soube da grande significação que ele teve pra mim naquela época, e que continuou durante minha vida inteira. Mas a verdade é que os rudimentos de minha formação, os fundamentos de minha personalidade, o encaminhamento básico para a construção de minha identidade, foram ali, na influência dele, forjados. (COELHO, 2015, p. 43)

Nessa narrativa o autor faz uma escrita de si, enquanto sujeito em auto reflexão, revela sua identidade que foi forjada com o esforço da lida, do trabalho desenvolvido desde a infância a partir do modelo observado do irmão mais velho.

A “identidade forjada”, ou identidades, para compreendermos o sentido do “forjar”, recorremos ao Dicionário Aurélio que dá o seguinte significado: “Forjar é fabricar algo na forja, em um modelo; Ato de moldar, trabalhar ou fazer (alguma coisa); Modelar com esforço” (FERREIRA, 1998, p. 304). Nesse sentido, as identidades, que são plurais em sua essência, seriam fabricadas de acordo com um modelo mediante a um grande esforço. Sendo assim, compreendemos que não deve ter sido nada fácil para o autor e as outras crianças na época o “forjar de suas identidades”.

Sobre a identidade, Coelho (2015) aponta para a ideia de pertencimento a um determinado grupo social. Para Zygmunt Bauman (2001), em *Modernidade Líquida*, a identidade é algo produzido, construído no grupo social. Nas narrativas das crônicas de Coelho (2015) outras identidades de grupo serão reveladas e a ideia de pertencimento relacionada ao lugar e ao grupo que mantém de alguma maneira relação com esse lugar.

Sobre a formação da personalidade de Coelho (2015), ele revela, nessa crônica, a importância de pessoas mais velhas do que ele, as relações de afeto e sua noção de pertencimento ao lugar, a comunidade catalana, que é um núcleo urbano com raízes rurais. A ideia de pertencimento reforça a marca da identidade do autor que está, através da escrita, buscando compreender o que o cerca e a si mesmo, uma vez que compreende sua identidade como moldada e sente necessidade de se compreender e aos outros, para além desse forjamento. Assim, novamente, o autor se revela enquanto sujeito e objeto de sua história a partir do que escreve.

O ler e escrever tem sua importância reforçada na crônica 13, página 45 a 46, quando o autor reflete, ainda mais, sobre o ato de escrever: “Escrever é transpor a nossa materialidade corporal, é ir além de nós mesmos, é alcançar o que não se sabe bem o que seja” (COELHO, 2015, p. 45).

Percebemos pelo autor que o ofício de escrever vai muito além de uma simples escrita e do que se escreve. Seria, para ele, como tentar atingir algo que não se sabe o que é e se esse algo vai estar lá, ou seja, é uma inquietação para o autor que necessita escrever, que se transforma nessa escrita sem ter a certeza se alcançou o que desejava ao escrever. E essa inquietação difere de outras obras que abordam a memória da cidade, como a de Cornélio Ramos, por exemplo.

A inquietação, que foi citada antes, acreditamos que é no sentido de compreender a si e aos outros nessa comunidade e no mundo, de ver além do que foi forjado das identidades que foram modeladas.

Percebemos, a partir de Bauman (2001) ao analisar as sociedades atuais estabelece que a modernidade esteja se liquefazendo, se desestruturando a partir da velocidade de informações e produções, que são uma característica do período contemporâneo. Ele chama esse processo de “Modernidade Líquida”. Nesse tipo de sociedade, a identidade, para Bauman (2001) é algo produzido, não natural aos sujeitos sociais e nem relacionado ao nascimento. A identidade é nacionalizada e tomada como única, surge com o silenciamento de outras identidades possíveis. Assim, não existiria uma única identidade nacional, mas várias construídas.

A construção dessas identidades é apontada nas crônicas de Coelho (2015) e na crônica 14, da página 47 a 48, o autor fala da construção individual de memórias, que por sua vez tem a ver com a construção da história do grupo social, de acordo com a linha de Halbwachs (1990): “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p. 30). Ou seja, individual e coletivo imbricado entre si.

No caso, o “eu”, o individual é o primeiro testemunho, o “outro” é o que recorremos para reconstituir nossa memória, nossas lembranças ou referências. A lembrança parte do individual e depois para o coletivo a partir do momento em que precisamos reconstituir ou reforçar o que precisamos lembrar.

A tese da memória individual que perpassa o coletivo, tendo como base Halbwachs (1990), fica evidenciada em Coelho (2015):

A narrativa, ao contar as histórias guardadas na memória das pessoas e dos povos vizinhos ou não, não é só uma arte, mas acima de tudo, uma necessidade humana para a compreensão e desarmamento contra a história e a memória alheias, contra as suas crenças, os seus projetos de ser e de estar aqui no mundo – às vezes tão diferente dos nossos, mas não menos ricos, importantes e significativos. (COELHO, 2015, p. 48).

A memória individual é nesse sentido atrelada a memória coletiva, enfatizando a construção de memórias, principalmente o respeito pela memória e história do outro, e por consequência de outros sujeitos sociais. A narrativa, para o autor ainda vai além, como necessidade humana de compreender e também de desarmar contra a história e a memória que não são as nossas.

Assim nosso cronista expressa certa resignação às memórias dos outros, respeitando, mas ao mesmo tempo dá a entender que estas podem ser ressignificadas. E, o tempo, o processo de transformação e o esquecimento podem ter seus significados e ressignificações, como na crônica 15, página 49, que Coelho (2015) procura refletir:

Às vezes, fico absorto, sentindo o tempo como que me esmagando com sua carga de acontecimentos, com sua rapidez que tudo altera – ou será que somos nós e as coisas que vamos construindo a sucessividade de nossos passos e feitos e depois atribuímos ao tempo nossa capacidade devoradora de mudanças e não raro, de esquecimento? (COELHO, 2015, p. 49).

As reflexões, nessa narrativa, abordam coisas distintas, mas que tem relação: o tempo, as palavras e as coisas construídas. A relação apontada por ele, acreditamos, ser o processo de mudança, que sendo acelerado compromete a organização da memória.

Antes de concluir, no decorrer desse texto o autor cita as trovas, as parlendas, trava-línguas, entre outras brincadeiras da época de sua infância, assim como as relações de sociabilidades e lazeres. Reforça a importância da memória como uma forma de imortalizar algo, pessoas, momentos, lugares e vencer o esquecimento.

Fica explícito nesse momento, a partir dessa crônica que o ato de escrever, registrar as memórias nesse formato é no sentido de resistir às mudanças e ao esquecimento provocado pela aceleração dos acontecimentos desencadeados pelo processo modernizador.

Coelho (2015), na crônica 16, página 53, relaciona a leitura e a comida, sendo a leitura a substância que dá sustentação, é o prazer que pode dar pra alma:

Eu escrevo pelo prazer de escrever. Eu leio pelo prazer que a leitura me dá. Eu como não tanto pela fome que meu corpo fabrica, mas pelo prazer de sentir a comida em minha boca e pelo prazer de sua resistência às minhas mordidas. Sou deveras um hedonista. Escrever para mim possui o seu lado de fome de escrita, o prazer manual de ao desenhar as letras tecer desenhando também a significação que encontro nas coisas, nos acontecimentos, inventando-a quando ainda não existe. (COELHO, 2015, p. 53)

O cronista compreende seu ofício como uma arte, porém ainda mais que compreender seu ofício como uma arte ele dá muita importância do registro dessa narrativa, compreende a relação da escrita com a história e da necessidade de não se perder essa história que é tecida a partir das memórias e experiências de vida.

Nesse sentido, o autor afirma ser um hedonista, ou seja, aquele que considera o prazer individual e imediato como finalidade da vida, o prazer como objetivo de vida, como o

princípio e o fim, como estilo de vida que se concretiza no ato de escrever e ler. E ao desenhar as letras ele tece e desenho como um símbolo que tem significado, de acordo com a cultura em que o homem que escreve está inserido.

Assim, Coelho (2015) remete as ideias de Geertz (1978), dando a entender a teia de significados da escrita e da leitura, pois parte do homem que escreve e lê, e este está inserido numa cultura que tem seus signos inseridos de alguma maneira na escrita e leitura. Essa escrita e a leitura podem estar relacionadas aos signos linguísticos, mas também a imagens, objetos, lugares... E até a própria cidade pode ser escrita e lida de acordo com o interesse do escritor e do leitor. Baczko (1985) afirma:

Os bens simbólicos, que qualquer sociedade fabrica, nada tem de irrisório e não existem, efetivamente, em quantidade ilimitada. Alguns deles são particularmente raros e preciosos. A prova disso é que constituem o objeto de lutas e conflitos encarniçados e que qualquer poder impõem uma hierarquia entre eles, procurando monopolizar certas categorias de símbolos e controlar as outras. (BACZKO, 1985, p. 299).

Refletimos que a leitura dos símbolos/signos sociais vai muito além da linguagem, embora ela esteja presente em diversas formas, desde um letreiro de uma fachada comercial ou a um texto ou livro completo. A linguagem está presente na imagem, ambas podem ser lidas e escritas de maneiras diferenciadas por vários grupos sociais e dependendo do contexto em que estão inseridas podem representar algo diferente da ideia inicial.

Observamos que nem todas as crônicas dessa obra tem a cidade como tema, o autor faz uma escrita de si, num processo de auto reflexão, das memórias, crenças, processo de escrita, campo versus cidade... Nosso campo de interesse é a cidade e o que o autor fala sobre os seus lugares de memórias, personagens memoráveis e toda simbologia envolvida.

A cidade é constituída de símbolos que podem ser escritos, lidos e interpretados. E como afirmou Baczko (1985) os símbolos podem servir a determinados grupos sociais a fim de controlar outros.

Por falar em símbolos, algumas pessoas podem se tornar personagens que ficam na memória dos habitantes da cidade, simbolizando determinada época, lugar ou situação. Na narrativa da crônica 17, página 54 a 56, Coelho (2015) remonta a duas figuras emblemáticas da cidade:

O pai era apenas aleijado e não bobo como o filho. As pernas secas e rígidas, curvadas para trás, o mantinham constantemente sentado – andava, ou melhor se locomovia, apoiando nas mãos, levantando o corpo do chão com a

força dos braços e se atirando meio que arrastado para frente. Chamava-se Quirino, do nome do filho, não me lembro. Eram, no entanto, conhecidos como os *bobinhos da carroça*. Acontece que circulavam pelas ruas da cidade em duas carroças pequenas puxadas por um bode cada. Esmolavam, viviam do que a caridade de alguns lhes ofertava. (COELHO, 2015, p. 55).

Na imagem elaborada pelo autor, esses personagens aparecem como figuras diferenciadas, num tempo em que essas pessoas, tidas como diferenciadas pela comunidade, circulavam pela cidade e dependiam da caridade alheia, dependendo do olhar de quem os via, eram personagens incômodas.

Atualmente existem asilos que acolhem não só essas pessoas de mais idade, mas também as pessoas portadoras de deficiências, naquele tempo era diferente. Coelho (2015) ainda afirma:

A cidade inteira os conhecia, eram como figuras obrigatórias percorrendo as ruas, principalmente as do centro, onde moravam as pessoas de maiores posses. Eram figuras folclóricas, dessas que não existem mais e que eram próprias daqueles tempos afastados. (COELHO, 2015, p. 56).

Esse tempo apontado pelo autor é um tempo do que já não é mais, não por acaso citado por ele, as duas figuras simbólicas e seu desaparecimento marcam a passagem de tempo no espaço social de Catalão. É também um processo de limpeza da cidade, a “higienização social”, processo ocorrido no Rio de Janeiro no século XIX, como apontam alguns autores¹⁴, e que foi transposto para Catalão a partir das comemorações do seu Centenário.

Outros signos, que são apontados pelo autor, sobre a passagem de tempo tem relação com a questão da religiosidade que se transforma no processo de desenvolvimento dos grupos sociais. A religiosidade tem a sua simbologia, é uma das características de comunidades rurais e se dissolve ou se transformam com as mudanças no núcleo urbano.

É sobre a transformação do sentido religioso da Sexta-feira Santa que Coelho (2015) reflete na crônica 18, página 57 a 58:

Sexta-feira Santa. Hoje, o dia já não tem mais sentido algum, a não ser para um grupinho de carolas que ainda gira em torno a sacristia. E assim mesmo, até para elas, a Sexta-feira Santa perdeu muito de seu significado de comportamento religioso. Até mesmo para elas, é pouco mais do que um dia

¹⁴ Sobre o processo de urbanização proposto para o Rio de Janeiro, ver em: ALBERGARIA, 2010.; AZEVEDO, 2003, p. 29-79.; BIAS, 2003.; SIQUEIRA, 2004, pp. 81/83.

marcado na folhinha dependurada atrás da porta da dispensa. (COELHO, 2015, p. 57)

Após essa afirmação Coelho (2015) segue dizendo sobre o respeito que se tinha por essa data – até mesmo quem não era religioso –, enfim, de um dia de recolhimento total de toda a comunidade. Não era uma data de feriado, era uma data santa que respeitavam. Percebemos nesse, e em outros momentos, o respeito à religiosidade cristã, é uma crítica e ao mesmo tempo uma não aceitação desse processo, do desrespeito aos valores e crenças que aquele grupo a que pertencia respeitavam e agora ele não mais percebe isso.

A religiosidade aqui também pode ser apontada para reafirmar ainda mais a passagem de tempo e as transformações do núcleo urbano, Coelho (2015) ainda conclui:

Mas o mundo foi girando nas patas do meu cavalo, e a Sexta-feira Santa já não é mais santa nem sagrada – é um feriado que se espicha no sábado e domingo, muito apropriado para viagens, para divertimentos em clubes, para uma ida nos botecos, ou alegres encontros de turmas de amigos com churrascada, brincadeiras, músicas altas e muita bebida. (COELHO, 2015, p. 58).

Baseado na letra de Edu Lobo, “Disparada”, nosso autor continua a falar sobre a questão das crenças, suas transformações e também do núcleo urbano mais adiante. É uma crítica ao ritmo mais intenso provocado pelo processo modernizador do qual se rebela. O autor continua a falar sobre as crenças, suas transformações e também do núcleo urbano mais adiante.

Um contraponto às transformações vivenciadas, na crônica 19, página 59 a 62, Coelho (2015) aborda um dos lugares de memórias da cidade, a “Duas Pontes”. Esse lugar evocado, como sugere Halbwachs (1990) como reforço e testemunha das lembranças que foram trazida a tona, para refletir as brincadeiras e os brinquedos da infância do autor e seus amigos de brincadeiras. Nesse processo Coelho (2015), não fica apenas na lembrança e para a lembrança, ele relaciona passado e presente marcando as transformações do lugar:

Nas noites, sob a luz das candeias, e em redor da fogueirinha de sabugo sobre uma lata, os mais velhos contavam histórias dos antepassados, tios, avós, bisavós, também causos de assombramentos, de príncipes e princesas, do tempo em que os bichos falavam, povoando de fantasia e imaginação fabulosa as mentes da meninada.

A gente brincava e se divertia bastante, embora não tivéssemos brinquedos de lojas – apenas os que fazíamos e as brincadeiras que a imaginação fornecia, nós brincávamos com os poucos brinquedos, e não os brinquedos

brincavam por nós como na maioria das vezes, hoje, em dia acontece.
(COELHO, 2015, p. 61)

Nessa narrativa, o autor faz o contraponto ontem/hoje. Parece-nos evidente por esse relato as diferenças relacionadas entre esse tempo e o período atual, os leitores são levados a refletir e questionar as mudanças percebidas nos festejos das festas na roça com fogueiras, danças típicas, com violas e sanfonas e que no núcleo urbano não são comuns. E até mesmo a fogueirinha de sabugo em lata, com a modernidade não é frequente, assim como os causos dos mais velhos não acontecem e não são mais valorizados em muitos grupos sociais da cidade de Catalão.

Como afirma Benjamin (1994) no texto o “Narrador”, a arte de narrar está morrendo porque, segundo ele, ninguém tem mais tempo pra contar ou escutar as histórias. Porém, segundo esse autor:

Esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um “sintoma de decadência” ou uma “característica” moderna. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas. (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Para Benjamin (1994) o processo modernizador não está na origem do processo da morte da narrativa, começou a partir de “toda uma evolução secular das forças produtivas”, mas deixa claro que o processo de modernização acelerou a perda dessa arte, ou quem sabe sua ressignificação.

Segundo Paula (2005) que reflete em sua pesquisa sobre as mudanças, a partir do processo de modernização, as coisas do campo são associadas ao arcaico e ao atraso, esse é o motivo de ser combatido no imaginário urbano. A crítica presente na obra de Coelho (2015) é no sentido da perda das sociabilidades e sensibilidades, comuns a pessoas do meio rural, que ordenava o grupo numa maneira específica de se ver, de ser e se reconhecer, e isso estão sendo perdidos ou mudando os sentidos.

Ao final da crônica de Coelho (2015), uma crítica a forma de brincar e a relação que as crianças têm com os brinquedos “nós brincávamos com os poucos brinquedos, e não os brinquedos brincavam por nós como na maioria das vezes, hoje em dia acontece.”

Sobre as opiniões dos outros Coelho (2015) diz, na crônica 20, página 63 a 64, não se importar com julgamentos, pois como humano tem o direito de errar e não ser perfeito. Aliás,

percebemos aí uma crítica aos que buscam a verdade absoluta, ou que acham que a encontraram:

A verdade absoluta jamais alcançarei, disto tenho certeza.
 E aqueles que pensam ou dizem tê-la alcançado são dignos de pena, pois no meio do caminho se contentaram com o pouco, e passaram a entender esse pouco como se fosse o único, o todo verdadeiro, nada mais existindo além – é assim que nascem os preconceitos, os fanatismos, os sectarismos: as simplificações.
 O conhecimento é um produto elaborado pelos homens – e dependendo da perspectiva adotada, uma compreensão diferente será também produzida. (COELHO, 2015, p. 63-64).

Sobre a questão afirmada por Coelho (2015) de que “O conhecimento é um produto elaborado pelos homens”, essa afirmação também serve para os lugares de memórias das crônicas, outros autores poderiam narrar de forma diferente. É o recorte dado a essas memórias, que cada um estabelece para rever memórias histórias ou acontecimentos irá dar uma compreensão diferente, assim como outro tipo de produção.

Nessa reflexão o autor não está preocupado em afirmar ou encontrar a verdade absoluta, para ele a verdade tem muitos lados e depende do ponto de vista de quem vê e não é possível ver o todo, mas apenas partes. Assim também é nossa análise da história, compreendemos apenas partes fragmentadas dela para tentar conhecer a maior parte do todo, ou o que conhecer melhor o que achamos que sabemos.

Coelho (2015) não está preocupado com uma verdade absoluta, ele sabe no que acredita e respeita as crenças da comunidade, revelada nas suas crônicas. Na crônica 21, página 65 a 66, e 22, página 67 a 69, retorna a discussão sobre as crenças. Esta traz o relato sobre a relação entre a devoção e sonhos mostrando um elo do autor com o simbolismo católico, o amedrontamento estabelecido no imaginário social presente na vida da comunidade catalana:

[...] Não sei quem havia me dito que se deitássemos sem reza, o capeta vinha deitar na cama, ao nosso lado, e passava a nos atormentar à noite inteira. Todas as vezes que eu tinha um sonho desagradável, depois de acordado, começava a rezar, e muitas vezes dormia no meio das minhas rezas.
 Havia muita credence a respeito de sonhos, rezar antes de deitar, de pesadelos e sobre outras coisas. O anjo da guarda se afastava decepcionado dando brechas para o capeta se a gente não rezasse direito antes de deitar. (COELHO, 2015, p. 65).

Por essa narrativa, podemos refletir também se o elo do autor com o simbolismo católico poderia tratar-se de discursos e práticas que capturavam as pessoas pelo medo e estas faziam com que essas crenças valessem e fossem praticadas, assim, não seja uma devoção espontânea, mas motivada pelo medo.

Por esse registro, o autor ao mesmo tempo em que faz uma crítica das crendices e rezas relatadas - e nesse caso de certa forma se rebelando contra elas -, demonstra uma certa resignação se conformando com o imaginário que lhe foi imposto da comunidade em que conviveu, mas em tom respeitoso. Cabe ressaltar que o olhar de adulto de hoje não é o mesmo de quando ele era criança, mas o temor persiste na vida adulta com outro olhar e percepção. A religiosidade, então, fazia parte do imaginário dessa comunidade. Na crônica 22, página 67 a 69, de Coelho (2015) continua a revelar a relação da comunidade com a religiosidade, desta vez de uma procissão que envolvia a todos na cidade:

Era um trajeto que durava umas duas horas de caminhada. A procissão do Senhor Morto saía da igreja matriz, descia o largo até a Avenida Vinte de Agosto, que na época se chamava Avenida Goiânia, virava a direita, seguia por ela a fora até a antiga Prefeitura – hoje Fundação Cultural - , aí então subia até a esquina depois dos Correios e Telégrafos, tomava a rua da direita até chegar novamente até a seu ponto de partida. (COELHO, 2015, p. 67).

Interessante notar que no relato desse trajeto é revelada a imagem de um mapa da cidade, com os lugares de memórias desse autor, um traçado peculiar: a Igreja Matriz, a primeira igreja de quando começou o povoado e hoje se encontra de costas para a cidade, pois no projeto original pensaram o desenvolvimento da cidade para o lado contrario ao que ocorreu; A Avenida Vinte de Agosto, a mais larga e extensa na época, antiga, que cortava a cidade e recebeu o nome em homenagem a data em que o povoado foi considerado oficialmente como cidade; o prédio da antiga prefeitura que hoje é a Fundação Cultural.

Reafirmando a importância dessa representação religiosa, Coelho (2015) conclui:

Bem mais da metade da população da cidade acompanhava o cortejo ao Senhor Morto, formando como um rio de velas acesas, contornando esquinas e pegando as curvas das ruas – era como uma descomunal jiboia arrastando lenta, sem pressa alguma, depois de uma refeição farta. De tempo em tempo, tipo assim na esquina de três ou mais quarteirões, a procissão parava [...]. Era a representação do canto da Verônica que enxugara o rosto de Cristo enquanto ele carregava a Cruz e a toalha deixara marcada a sua imagem e sofrimento. Meu pai respirava fundo e fungava forçando não chorar todas as vezes que ela soltava seu canto lamentoso, e eu tinha um orgulho muito

grande de minha irmã, ali, vivendo o papel de Verônica, destacada naquela multidão toda. (COELHO, 2015, p. 68).

A relação da comunidade com a religiosidade, nesse caso católica, fica ainda mais evidente assim como o orgulho de participar desses momentos. O que não aparece de forma evidente, mas numa análise mais atenta é perceptível, é a questão da dissolução das crenças a partir do desenvolvimento do processo modernizador proposto para o núcleo urbano de Catalão, que na verdade não acaba, é transformada e ressignificada.

O autor faz participou do processo modernizador, mas indiretamente faz uma crítica sutil, que nem sempre é percebida. Na crônica 23, página 70 a 77, Coelho (2015) faz um histórico da sua vida enquanto técnico e acadêmico, que se diferencia das demais pessoas da comunidade, mas não é só isso, é preciso perceber nas linhas e entrelinhas:

Já, na época, pensava em me dedicar exclusivamente ao magistério. Em Catalão, trabalhava como técnico em contabilidade, num pequeno escritório que montara – uma máquina de somar e outra de escrever, duas escrivatinhas, uma prateleira onde guardava os livros de escrituração. Comigo, um rapazola, pouco mais que um menino, trabalhando como ajudante de escritório. Passava os dias debitando e creditando, num serviço enfadonho, nada criativo, mecanizado, afogando-me no meio de uma papelada, e só à noite é que tinha uma atividade que me satisfazia, no Colégio Estadual João Netto de Campos.

Findo o curso da CADES, prestei vestibular na UCG para o curso de Letras Vernáculas – passei em primeiro lugar, e me considerei um vitorioso, me enchi de um orgulho besta de quem tinha realizado um feito extraordinário. (COELHO, 2015, p. 70).

Nessa crônica o autor deixa claro o seu amor pelo magistério, no qual se realizava. E por se encontrar nessa profissão e mesmo tendo um escritório que lhe dava uma certa renda, investiu em curso técnico para exercer a pedagogia e depois numa faculdade, onde se sentiu realizado. Coelho (2015) evidencia a sua satisfação com o magistério em quando ele deixa tudo o que tinha em Catalão e vai para Goiânia, nada indica de que teria mais por aí:

Iniciei o projeto de viver exclusivamente do e para o magistério. Assistia as aulas na UCG pela manhã, à tarde trabalhava no Colégio Estadual Rui Barbosa e à noite no Colégio 5 de julho. Fazia todo o percurso para os três locais a pé, não sobrava dinheiro para o ônibus, No Colégio 5 de julho, antes de terminar o primeiro semestre, consegui mais três aulas de Geografia do Brasil para a quarta série ginásial, e quatro aulas de Português para o clássico, o que melhorou um pouco minha situação financeira – recebia por aulas dadas. Em compensação, o Estado ficava vários meses sem pagar os professores, o que me obrigava a fazer malabarismos financeiros e aos

sábados e domingos ministrar aulas particulares. (COELHO, 2015, p. 71-72).

Nesse ponto, em que o autor reflete sobre si, ele relata as dificuldades do trabalho e o exercício do magistério. Apesar da satisfação de exercer o magistério, seja por gosto ou sentimento de utilidade, reconhece ser uma profissão mal remunerada, desgastante e que não tem muito valor na sociedade em que vive, embora o professor seja o formador de todas as profissões.

Também sobre o período de graduação Coelho (2015) nos informa que apesar das condições financeiras:

Conclui o curso de licenciatura – quatro anos de trabalhadeira e de muitos estudos. Não coleí grau nem participei dos festejos com os colegas da minha turma. Como sempre estava de segunda chamada, somente no final de fevereiro do outro ano, 1972, é que, de fato, concluí o curso – coleí grau na secretaria da Faculdade. E imediatamente iniciei o curso de mestrado. A Reitoria da UFG fez um convênio com a USP, que fornecia os professores para o curso de mestrado ministrado em Goiânia. Era mais prático e poderia qualificar um número maior de professores sem conceder-lhes licença remunerada. E eu aproveitei a oportunidade. (COELHO, 2015, p. 72-73).

Podemos refletir, com base nessas memórias narradas em forma de crônicas, que desde a data, de 1967, mencionada pelo autor, analisando as políticas educacionais no período atual, sem querer generalizar, mas de alguma forma fazendo isso, a escolha por um curso de licenciatura continua não dando muito retorno financeiro e nem reconhecimento para quem se dedica a essa profissão. O trabalho é feito por amor, mas nem sempre esse trabalho com amor e dedicação é reconhecido.

Sobre isso, Coelho (2015) conclui ao relatar a volta para Catalão e o encontro com os amigos, estes perguntando sobre seus estudos e nos revelando afinal, o objetivo de abordar o assunto:

Respondi de uma forma simplificada que eles pudessem entender melhor:
- Me formeí para professor de português.
Foi então que o meu amigo, com impaciência na voz, e com um tom de decepção, falou incisivo:
- Ô cara! A gente considerou você um cara inteligente. Quando você mudou para Goiânia, a gente, todos nós, aqui, pensamos que você iria fazer alguma coisa por lá – todos os outros concordaram balançando a cabeça – Ô cara! Por que você não fez um curso universitário? Ora bolas! (COELHO, 2015, p. 75).

Nessa interjeição se destaca a importância que as pessoas davam para um curso superior, não importando os anos de estudos e a quantidade de cursos técnicos. A formação superior, numa Universidade reconhecida e não sendo licenciatura, considerada um curso técnico qualquer, é o que torna a pessoa importante aos olhos da sociedade catalana e até fora dela. Além disso, nesse ponto o autor nos revela o que afinal estava nas entrelinhas: que o processo modernizador não alterou de fato o imaginário das pessoas do lugar e em grande parte das pessoas no Brasil.

De fato, na crônica 24, página 78 a 79, Coelho (2015) discorre sobre as modas de viola, na qual se identifica, dando-lhe a ideia de origem e pertencimento: “A viola é um dos elementos que compõe a minha identidade – pena que não sei tocar viola, nunca aprendi, mas a trago dentro de mim” (COELHO, 2015, p. 78). O imaginário ainda permanece o do campo, apesar da instituição do processo modernizador para a cidade.

Para o autor as modas de viola têm muito mais que o som ou o instrumento, o tocar da viola estabelece a relação de pertencimento, da identidade com o lugar de origem, ainda que o sujeito não saiba tocar o instrumento. Assim também percebemos, muitos brasileiros se identificam com o samba, mesmo não sabendo dançar, cantar ou tocar o samba. Deve ocorrer o mesmo com os argentinos que não dançam tango, mas no seu imaginário social é no que a maioria se identifica e são identificados.

Sobre o imaginário social a crônica, de número 25, página 80 a 82, Coelho (2015) relata um acontecimento que ficou marcado no imaginário de algumas pessoas da cidade, uma ação coletiva marcada por uma revolta popular, conhecida como a *Matança dos Porcos*, que já citamos anteriormente, e abordaremos agora com um texto um tanto extenso por se tratar de conteúdo pertinente das memórias escritas através de crônicas pelo autor.

Nessa narrativa percebemos que é representada e apropriada pelos diferentes grupos sociais, é uma memória que emerge e une um determinado grupo social, estabelecendo uma identidade. Retrata também o descaso do poder público, a classe mais abastada economicamente para com a população menos favorecida que se rebelou numa atitude nada convencional nesse tipo de grupo social.

Segundo o autor, houve algumas associações assistencialistas que tentaram amenizar uma dada situação de penúria ocasionada pelo contexto político-militar, econômico e social, como já abordando anteriormente, falando do período de instabilidade pelo qual o país passava da década de 1950 a 1960, mas as ações tomadas para amenizar o problema não as resolveram.

Quando um certo comerciante de nome Quirino resolveu comprar alguns porcos na cidade para revende-los em Uberlândia, ele foi cercado e saqueado por uma grupo de pessoas, que foram aumentando e a situação ficou fora de controle.

Como relata Coelho (2015):

E foi que um senhor de nome Quirino, negociante ele, fretou um caminhão e o encheu de capados comprados, aqui e ali, de pequenos produtores; queria vende-los em Uberlândia, onde o preço era bem melhor. [...]

Um pequeno grupo de pessoas, homens e mulheres, cercou o caminhão, e obrigou o motorista fugir correndo, e foram descendo os porcos espremidos na carroceria. [...] No início foram poucas pessoas, as mais decididas e revoltadas; logo foram aparecendo outras, criando um tumulto desenfreado, cada qual querendo ganhar o seu quinhão, e falavam alto, olhos esgazeados chispando lampejos mistos de raiva e medo, agitadas por uma pressa descontrolada. (COELHO, 2015, p. 80-81).

A narrativa é uma lembrança do passado que emerge e une determinado grupo social numa ação coletiva, que teve impacto em suas vidas num espaço social, cultural e temporal específico. Esse foi um episódio que ficou marcado no imaginário social da cidade, o nosso cronista o chamou de *Matança dos Porcos*. Assim finaliza Coelho (2015) nessa crônica:

Assim como iniciou, o tumulto terminou, rápido, deixando apenas as poças de sangue que a terra ia tragando e os cães brigavam ferozmente por bolas de sangue talhado. Houve um silêncio de espanto pelo inesperado percorrendo à tarde, e as pessoas se escondiam em suas casas, janelas e portas fechadas. Demorou um bom tempo para que a rua retomasse o seu movimento costumeiro, os moradores apareciam desconfiados à frente de suas casas, olhavam os vizinhos e não diziam nada, como se uma grande culpa e ameaça descessem sobre todos. Os moradores de Catalão quando se lembram do ocorrido costumam se referir àquele dia como a *matança dos porcos*. (COELHO, 2015, p. 81).

Apesar da imprecisão da data e do contexto da crise econômica da maioria da população - especialmente dos moradores próximos às *mangueiras*, nome dado ao lugar onde ocorreu o episódio -, o fato foi muito bem retratado e não o esmiuçaremos, mais do que já foi feito, por conta da extensão do relato.

O que se percebe no final do fato narrado foi a sensação de culpa, embora em nenhum momento houvesse o interesse dessa população reverter o fato ocorrido, mesmo porque a fome era uma necessidade maior do que conceitos abstratos. E, também o medo, por terem praticado uma transgressão que normalmente não ocorria, mas que foi praticada por conta de uma necessidade imediata.

O local mencionado pelo autor - que não aparece na citação por ser um relato extenso e o que selecionamos como citação não consta -, é o local das *Mangueiras*, que não é apenas um dos lugares de memória dos habitantes da cidade, trata-se de um monumento vivo que marcou a memória e a vida de muitos, de acordo com esse escritor. Trata-se de um local de sociabilidades das pessoas comuns, á época, próximo da Maçonaria, Loja paz e Amor III, que ajudava pessoas carentes.

Em se tratando de memória, aliás, na crônica 26, página 83 a 85, Coelho (2015) faz uma reflexão sobre a memória e estabelece uma relação entre o passado e o presente:

A memória reinventa o que existiu, ou dá-lhe uma significação que antes não possuía. A memória, a lembrança do feito e do fato, do vivido ou presenciado que ficou preso ou esmaecido nas brumas acinzentadas do passado, é revista com os valores novos dos olhares atualizados do presente. Lembrar, rememorar, é o mesmo que reimaginar fases de nossas vidas, pensando-as de forma seletiva e alcançando o sentido que elas têm atualmente para nós, como se tal sentido existisse no momento em que foram vividas. (COELHO, 2015, p. 83).

Nessa reflexão sobre a memória, estabelecendo a relação entre passado e presente para o autor a história vivida deve ser revisada com novos olhares e valores de acordo com o momento presente, compreendida a partir do momento atual, ou seja, compreender o momento atual a partir do que foi vivido no passado, mas com base no que se vive no presente. Sendo assim, o passado seria para ele uma invenção do presente.

Assim, dentro dessa ideia de compreender o passado a partir do presente, na crônica 27, página 85 a 86, que repetiremos para discuti-la um pouco mais, Coelho (2015) evoca novamente um lugar de memórias, o “Duas Pontes”:

O meu mundo era só aquele mundinho das Duas Pontes, em que me movimentava. A fazenda dos avós e dos tios de minha mãe se apresentavam como fronteiras, como cerca de meu mundo – e isto era, um mundo grande, enorme mesmo, para minha compreensão de criança pequena. [...] Fui crescendo e meu mundo se alargou, virou um mundo sem tamanho, minha mente expandiu-se, meu conhecimento e compreensão cresceram em muitas direções, mas a fantasia e a magia da imaginação de criança, estas continuam dentro de mim, do mesmo tamanho, pois sempre me tomaram por inteiro. (COELHO, 2015, p. 85-86).

Novamente o autor faz uma auto reflexão, fala de si e ao mesmo tempo de uma comunidade em que está inserido socialmente, pois é um sujeito que faz parte de um

determinado grupo social, a vivência da criança refletida pelo olhar de um adulto que rememora a infância que não é só sua.

O autor fala das “Duas Pontes”, o seu lugar de memórias mais próximo, sua referência de mundo, a limitação e definição do mundo da criança, que era alargado a partir do crescimento em que conhecia e compreendia o mundo ao seu redor. Apesar do crescimento, as coisas que o identificavam quando criança ainda são suas referências de mundo, são também suas fontes de inspiração para escrever.

Porém, apesar de citar em muitas das suas crônicas a “Duas Pontes”, esse não é o único lugar de memória que aparece na obra de Coelho (2015). As ruas, ou bairros como são identificados pela comunidade catalana, nas suas peculiaridades, o Cinema, as praças, as Mangueiras, o Clube 13 de Maio, entre outros são os lugares que esse autor reflete.

Os lugares mencionados e pensados nas crônicas são os lugares frequentados pelas pessoas comuns que não percebemos no memorialista Cornélio Ramos (1984), entre outros escritores locais, mas a análise dessas crônicas é o que nos interessa no momento.

Os lugares de memória são a inspiração do autor, mas na crônica 28, página 87 a 88, Coelho (2015) revela outras fontes de sua inspiração para escrever as crônicas da cidade, os livros:

Às vezes, fico sentado à minha mesa de trabalho, na biblioteca, dez mil livros emparelhados – e quieto, parado, escuto as conversas deles, dos meus amigos, compadres e Hermanos, ora calmas, brincalhonas, ora acaloradas em discussões e debates, contestando, argumentos e demonstrações, saltando de uma prateleira para outra, num diálogo ininterrupto e interminável, em que se contam todas as tristezas, esperanças e angústias que a humanidade inteira vem, ao longo dos séculos, atravessando sem parar.
Solidão – é coisa que não conheço. (COELHO, 2015, p. 90).

Nessa crônica o autor discorre sobre suas leituras e os livros, da relação de afeto construída ao longo de sua vida dedicada a leitura, convivendo com os autores e das histórias que leu e aprendeu sobre a vida a partir deles, num diálogo constante. O cronista mantém um diálogo interessante com os livros e seus autores. Para ele os livros não são obras inertes, mas vivas, que despertam diálogos, debates e ensinamentos coletados ao longo de séculos. São companhias que não lhe permite ser solitário, pois ao abrir suas páginas os personagens lhe fazem companhia.

Estendendo a discussão sobre leituras, na crônica 29, página 89 a 92, Coelho (2015) discorre sobre as leituras de mundo a partir dos contos orais: “As histórias corriam as fazendas, às noites iluminadas por candeias que jogavam sombras dançantes nas paredes,

umentando a sensação do insólito, do misterioso, de um mundo coberto pelas sombras e liblinas esfumaçadas do tempo. Aquilo tudo era matérias com que construíamos o nosso imaginário roceiro” (COELHO, 2015, p. 92).

Ao discorrer sobre as leituras de mundo a partir dos contos orais, o autor fala sobre contadores de histórias, da relação de busca de riquezas com a vida diária correndo para sempre alcançar algo distante, “quanto mais perto, mais longe” de nós, a busca por algo inalcançável.

O imaginário local é representado a através das histórias produzidas, significadas, ressignificadas e contadas oralmente, toda uma visão de mundo aparecendo ali, a teia de significados tecidas culturalmente no grupo social e revelada em forma de contos populares e retransmitidas oralmente. O imaginário regulando a vida social, como aponta Baczko (1985) e a cultura revelada em sua teia de significados de acordo com Geertz (1978).

A partir de outro lugar de memórias, Coelho (2015) na crônica 30, página 93 a 98, reflete as transformações do urbano com a crônica sobre o Cinema¹⁵:

O cinema da dona Diva Aires, uma viúva proprietária, além do cinema, de várias casas e lotes, tinha uma sirene, que tocava três vezes, no intervalo de quinze minutos, compridos apitos silvados anunciando à cidade inteira a hora da sessão iniciar-se. Os filmes eram em rolos bobinados a que chamávamos de *parte*; quando uma bobina ou rolo chegava ao fim, as luzes se acendiam e havia um intervalo para que o projetista rebobinasse a fita e colocasse outro rolo no aparelho projetor a fim de dar continuidade a fita – dizíamos *película*.

Nesses intervalos, saíamos, pegávamos uma senha e íamos à sorveteria e bar ao lado do cinema, mas no mesmo prédio, para comprar picolés, ou sorvetes de casquinha, ou pedaços de bolo, ou ainda balinhas e doces; depois voltávamos, entregávamos a senha ao porteiro e continuávamos assistindo o filme. (COELHO, 2015, p. 93).

Podemos imaginar, por esse relato, que essas sessões de cinema representavam um grande acontecimento na cidade, a sirene marcando a vida social dessas pessoas para assistir as sessões, estabelecendo um tempo no ritmo dessa vida social. Interessante, também, o relato de como os filmes eram projetados, passados em intervalos regulados, o dinheiro gasto no mesmo prédio, as senhas entregues e devolvidas para dar continuidade ao filme.

¹⁵ Sobre a discussão do Cinema em Catalão, uma abordagem muito interessante sobre o assunto é a tese de Eliane Aparecida Silva Rodrigues, assim como artigos relacionados ao assunto da mesma autora: RODRIGUES, Eliane Aparecida Silva, 1970 - Sociabilidade em Catalão (GO): entre o arcaico e o moderno (1920-1960); Dissertação (mestrado), sob orientação de Alcides Freire Ramos – Universidade Federal de Uberlândia; MG; 2004.

Nem é preciso detalhar como é hoje em dia para o leitor comparar as transformações nesse processo. Não é preciso, também, ressaltar a crítica e a não aceitação dessas mudanças nas formas de entretenimento dessa comunidade.

Outro fato interessante mostrado nessa crônica 30, da página 93 a 98, é sobre a existência de mais de um cinema na cidade. Assim relata Coelho (2015):

Um quarteirão à frente, na mesma rua e alinhamento, ficava o cinema do Bruno Paschoal. Interessante é que nunca soube o nome dos cinemas – nós os conhecíamos com o nome de seus proprietários: eram o cinema da Dona Diva e o cinema do Bruno, apenas isso. Parece-me que um deles se chamava Cine Guarany, mas não sei qual, se isso é verdade ou se a memória está a me pregar uma peça. (COELHO, 2015, p. 93-94).

Será que era comum ter dois cinemas em cidades do interior com o porte de Catalão nessa época? Eram outros tempos, as possibilidades de lazer talvez não fossem muitas, mas mesmo naquela época para o porte da cidade, ter dois cinemas poderia talvez ser um luxo. Se fosse nosso foco poderíamos nos aprofundar nessa questão, contudo não é, fica então essa questão para ser pensada.

Percebemos, mais uma vez, a característica peculiar da comunidade catalana, das relações significativas que as pessoas mantêm com os lugares e as pessoas, como as ruas denominando bairros como foi falado no início não dando importância para os nomes oficiais. É o afeto e as relações de amizade com as pessoas do lugar é que marcam os nomes desses lugares nas memórias e imaginário dessa sociedade.

Além desses dois cinemas na cidade, o autor revela a construção de outro mais moderno, na Praça Getúlio Vargas, o Cine Teatro Real, mas a partir da construção desse, o fechamento dos outros dois. Sobre o novo cinema, o Cine Teatro Real, relata Coelho (2015):

O Cine Real trouxe várias novidades. Além da projeção ininterrupta, sala de espera, tela apropriada para visão panorâmica, havia sessão todas as noites. Antes, somente aos sábados e domingos, a semana inteira os dois cinemas ficavam fechados. Outra novidade foi o traje das pessoas. Era obrigatório paletó ou camisa esporte abotoada no pescoço – apenas no balcão não se exigia tal vestimenta.

Com o aparecimento da televisão, das locadoras de filmes, o Cine Real foi perdendo espaço e com o tempo tendo prejuízo. Encerrou suas portas. E o prédio, primeiro, fora alugado para a Igreja Universal, depois transformou em uma grande loja. (COELHO, 2015, p. 97).

O novo cinema representava uma grande novidade na vida daquelas pessoas, pelo relato do autor, e trazia uma representação do que tinha de moderno nos grandes centros

urbanos. A partir disso, o autor revela as transformações no núcleo urbano de Catalão, as transformações rápidas da tecnologia e o descaso com um monumento histórico da cidade que não foi preservado, foi antes alugado para uma igreja e depois alterando sua estrutura totalmente, transformada em uma grande loja.

Falar sobre o cinema em Catalão, um dos lugares de memórias abordado por Coelho (2015), daria um capítulo a parte e seria necessária uma longa discussão com Eliane Aparecida Silva Rodrigues (1996) sobre o cinema, com o título *Cinema e cotidiano: as salas de cinema em Catalão*.

É necessário ressaltar que o cinema foi um espaço cultural de sociabilidades, visto inicialmente com desconfiança pela comunidade local e até mesmo com um certo receio, como afirma Rodrigues em artigo publicado no XXII Simpósio Nacional de História em João Pessoa:

Foi a partir dessa manifestação cinematográfica que tanto a classe popular quanto a dominante tiveram contatos e preocupações em como conviver em um mesmo ambiente, partilhando sonhos, fantasias, encantos, magia das telas, risos, tecnologia e representações que compartilhavam, e ainda compartilham, fatos da própria sociedade. (RODRIGUES, 2003, p. 7).

Rodrigues também aponta em seu texto que até então o contato dos sujeitos as diferentes classes sociais da comunidade local era pela relação de trabalho, os lugares de lazer eram espaços à parte, mas no cinema eles tinham que conviver e estabelecer regras de convivência. Além disso, o cinema era uma novidade, um símbolo do progresso vislumbrado para a sociedade catalana e enfatizada a partir do seu Centenário.

Outro monumento é lembrado, descrito e vivenciado na obra de Coelho (2015), crônica 31, página 99 a 104, o *Clube 13 de Maio*:

Era um clube de operários, de pessoas que trabalhavam como empregados em pequenas indústrias, como máquinas de arroz, sapatarias, selarias, e outras maiores, como laticínios, charqueada, curtume, usina de açúcar, e em pequenas oficinas de concertos de rádios, ferrarias, bancas de marceneiros, oficinas mecânicas para automóveis ou bicicletas, ou ainda por conta própria como pedreiros, meia colheres, serventes, eletricitas, funileiros e remendões. (COELHO, 2015, p. 99-100).

Essa era a descrição dada pelo autor sobre um local de entretenimento, lazer e sociabilidades frequentado por negros e brancos trabalhadores. Nessa descrição é revelado um clube bastante democrático, constituído em sua maioria por trabalhadores em diferentes

categorias. Em seguida Coelho (2015) descreve o outro clube existente na cidade, o CRAC, Clube Recreativo e Atlético Catalano:

O CRAC – Clube Recreativo e Atlético Catalano – pertencia a elite financeira da cidade, ou representantes das consideradas melhores famílias; somente admitia como sócio pessoas com situação remediada ou ricas, pessoas que podiam comprar ações e pagar as mensalidades; era um clube fechado para os pobres operários e não aceitava pessoas negras. E o novo clube era frequentado principalmente pelos pretos, já que esta parcela da sociedade constituía a maioria dos trabalhadores. (COELHO, 2015, p. 100).

Sobre o CRAC o autor afirma que era um clube da elite para a elite, e reforça que lá não aceitava negros. Afirma que os negros, a maioria trabalhadores, era a maior parte da sociedade catalana, e estes tiveram que criar seu próprio espaço de lazer. Coelho (2015) finaliza, assim, a crônica sobre o *Clube 13 de Maio*:

Muitas coisas aconteceram comigo no salão do Treze de Maio. Fui acolhido como um igual, embora só por um pequeno período de tempo fui deveras um operário, trabalhando na oficina mecânica do senhor Pedrinho Pires, para aprender o ofício. Fiz muitos amigos e amigos, aprendi a dançar todos os ritmos que se dançavam, na época, inclusive uns dois ou três passos básicos de tango, tornei-me mais sociável, tive várias namoradas, me diverti bastante quando a cidade não oferecia lazer para a juventude. Lembro do Treze de Maio com carinho e respeito e com muita saudade de um tempo alegre e divertido de minha adolescência e juventude. Hoje o prédio do antigo Clube Treze de Maio, tido como clube dos pretos, é uma igreja evangélica. (COELHO, 2015, p. 104).

Muito há de se pensar sobre esse relato, “fui acolhido como um igual”, “me diverti bastante quando a cidade não oferecia lazer para a juventude” e “Hoje o prédio do antigo Clube Treze de Maio, tido como clube dos pretos, é uma igreja evangélica.” O autor reflete sobre o processo de transformação dos lugares de memórias, dos processos de inclusão e exclusão social e dos espaços disponíveis para a juventude de baixa renda se divertir, exercendo a socialização entre si.

Afirmações aparentemente sem nenhuma questão, mas há algumas críticas: Se o autor foi “acolhido como um igual” quer dizer que a desigualdade era uma regra? E então não havia lazer naquela época para os jovens? E se era um importante lugar de lazer e sociabilidades da época, por que deixou de ser e se transformou em igreja evangélica? O que houve para que seus membros deixassem o clube, ou que ele perdesse sua função? Muitas outras questões podem ser formuladas a respeito, o fato de narrar sobre esse lugar de memórias não é por

acaso, mas por situações no presente que estão de alguma forma incomodando, ou seja, a “inquietude” que leva o autor a escrever suas crônicas.

Em se tratando do “algo que incomoda”, a inquietude apontada pelo autor anteriormente, Coelho (2015) narra na crônica 32, página 105, sobre o envelhecimento:

Sou velho, e o meu corpo amarga o desgaste próprio da idade. Tenho dificuldades para andar, as pernas doem-me nos passos com pouco equilíbrio – necessito do apoio de uma bengala, que se tornou mais do que companhia, uma amiga inseparável. Vejo quão pequenos e estreitos tornaram-se os limites que pesam meu corpo cansado. (COELHO, 2015, p. 105).

Nessa crônica, o autor narra o envelhecimento do corpo, coisa natural quando chegamos a certa idade, mas ressalta especialmente a ideia de viver por viver. Assim Coelho (2015) finaliza essa crônica:

Os outros animais, sim, vivem um dia de cada vez, como os alcoólicos anônimos dizem fazer, ou um dia após o outro, sobrevivendo, sem outra necessidade de vida além de estar vivos.

Eu não. A minha vida tem um propósito, mesmo que eu não saiba qual seja – e esse propósito vislumbrado e não sabido faz com que este velho Sísifo velho continue empurrando, com suas gastas forças, passo a passo, a sua pedra, que não está no meio do caminho, pois que sempre estive no caminho inteiro. (COELHO, 2015, p. 105).

Para o autor é impossível viver por viver, pois entende que a luta é diária, obstáculos sempre existiram, e pra tudo existe um propósito, e se questiona qual seria seu propósito de vida. O autor demonstra sua garra de lutador e sobrevivente, apesar das intempéries da vida.

Segundo a pesquisa no Dicionário Aurélio, a expressão “Sísifo” é “uma expressão popular originada a partir da mitologia grega, remetendo a todo tipo de trabalho ou situação que é interminável e inútil, sem nenhuma finalidade proveitosa.” Isso expressa uma certa contradição, visto que o autor se percebe como um lutador e sobrevivente, que tem uma missão a cumprir, ainda que não tenha certeza de qual seja. Podemos supor que a ideia de missão que o autor tem a cumprir é que lhe dá força para seguir no que aparentemente lhe parece inútil.

Ao finalizar com a última crônica, talvez o autor tenha enfim, descoberto sua missão, na crônica 33, página 106 a 118, Coelho (2015) encerra a partir do “Duas Pontes”, o lugar desencadeador de suas memórias, e como afirma Halbwachs (1990), determinados lugares podem instigar as lembranças mais caras:

A fogueirinha de sabuco era, na verdade, muito mais do que uma simples fogueirinha de sabuco. Era o momento e o lugar em que os membros da família se reuniam, fechando mais um dia na difícil, árdua e trabalhosa arte de existir contando apenas com os próprios recursos e cuidados, vivendo o isolamento de espaço e tempo do universo roceiro daquela época. Era o momento e o lugar em que, sem sabermos disso, estreitavam-se os laços sociais e sentimentais, criando liames que iriam marcar e permanecer pelo resto de nossas vidas, tornando-nos unidos até mesmo nos momentos em que a vida obrigou a nossa dispersão. (COELHO, 2015, p. 118).

Coelho (2015) encerra a crônica e o livro em si reforçando a ideia de Pierre Nora (1993) em que afirma a história como feita de restos da memória, a história do que não existe mais e é preciso lembrar. E as crônicas nos revelam e lembram esses restos, o que o inquieta, sua missão.

Para Coelho (2015) o lugar onde viveu quase uma vida, que evoca lembranças, faz parte da sua identidade, é sua referência de mundo calcada em laços sociais e sentimentais. Esses laços sociais e culturais formados por teias de significados, como afirma Geertz (1978), tecidas no grupo, no caso a comunidade catalana, num grupo social específico e diferenciado, são importantes serem narradas em forma de crônicas para conhecermos outros tipos de identidades dessa comunidade.

Nesse sentido, Coelho (2015) não é só o autor do que escreve, mas também objeto de suas memórias ressignificadas nas crônicas dos lugares em que viveu. Ele é o *flâneur*, como o personagem de Benjamim (1994), que reflete de maneira crítica os lugares, o que foi visualizado e vivido ali através da escrita literária. Apesar de estar presente, ele olha de maneira crítica relacionando o que lhe é atual com o passado e voltando novamente ao seu momento presente com outro olhar para estas memórias.

Comprendemos, por essa análise, que muito ainda há por ser percebido, o autor nos aponta pistas, caminhos a serem trilhados, percorridos. Além destas existem outros sinais ou indícios as memórias de Braz José Coelho das histórias de Catalão, ele sugere e faz refletir. Os fios dessas histórias foram apontados, e as crônicas nos revelam que há muito mais a raspar desse palimpsestos de memórias ocultadas, apagadas ou reescrita dessas histórias, a partir do que é sugerido e dado a refletir.

CAPÍTULO III – A CRÔNICA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO E CONHECIMENTO SOBRE A CIDADE

Nosso olhar sobre a cidade é no sentido de uma cidade que é escrita pelos sujeitos sociais nas suas ações cotidianas e para compreender essa escrita das teias de significados tecidos pelos sujeitos é necessário ler essa cidade em sua legibilidade, no que esses sujeitos fazem, pensam e interagem nos lugares de memórias e histórias.

A leitura que propomos não é simples, porém exige um esforço reflexivo, crítico e questionador sobre o que é observado. Nessa proposta, compreendemos a necessidade de estabelecer um diálogo entre literatura, do que as crônicas de Coelho (2015) nos apontam em períodos distintos de lugares e pessoas da cidade com a historiografia, do que pode ser elaborado para o ensino em história a partir do que é apontado nesse tipo de literatura.

A narrativa literária das crônicas é aquela que capta o que é fugaz, fugidio, em outros gêneros, com textos normalmente curtos, de fácil entendimento, que despertam sensibilidades e o interesse das pessoas no que é narrado das experiências de vida dos sujeitos no seu cotidiano.

Acreditamos na facilidade das crônicas, em que estas podem despertar o interesse do estudante de Ensino Básico, e até mesmo o Ensino Médio, para a compreensão de situações que podem ser entendidas por vezes como complexas da cultura do lugar na leitura da história de vida dos sujeitos em períodos específicos de sua vida. Por isso nos propomos a esse trabalho, gestado após muitas leituras e análises do que os documentos nos apontavam.

Quando nos propomos a ingressar no Curso de Mestrado Profissional em História, tínhamos inicialmente o desejo de fazer uma intervenção didática em sala de aula para ressignificar algumas das memórias coletivas de Catalão entre as décadas de 1970 e 1980, relativas a lugares de memórias na experiência das pessoas mais velhas.

A proposta surgiu de histórias populares lembrados sentimentalmente de lugares que despertaram memórias de pessoas na época com idade avançada, que viveram esse período, e que numa atividade cultural, contaram suas memórias em sala de aula, despertando a emoção e a curiosidade sobre esses lugares de memórias e histórias.

A partir dessa atividade percebemos que os alunos ficaram emocionalmente envolvidos com as histórias que normalmente não leem nos livros ou outros meios que contam a história da cidade. E, como os alunos entenderam que os contadores tinham idade avançada, ficaram receosos de que essas histórias se perdessem, nos cobrando para que houvesse algum tipo de registro.

Consideramos essa ideia como forma de registro das memórias para o mestrado, em que pretendíamos trabalhar alguns lugares, tais como: o “Morro das Três Cruzes”, a “Charqueada”, “Clube Treze de Maio”, “O Campo de Catalão” e a “Cerâmica de Catalão”, entre outras, mas delimitando, uma vez que as histórias são muitas. Analisamos estas como as mais significativas, pois os lugares de memórias são recorrentes nessas histórias.

Percebemos, como Ecléia Bosi (1984), que o sujeito é sensível a lembranças das suas experiências de vida no passado, e ao trazer essas lembranças em forma de memória recordada de um passado que já não é, mas que pode ser escrito, reescrito e ressignificado no seu momento presente, tais lembranças podem assumir outros significados e trazer uma melhor compreensão do lugar em que vive.

Compreendemos baseados em Chartier (1990) e Baczko (1985) que os lugares de memórias são representações de práticas sociais no imaginário de determinado grupo da cidade de Catalão, construída simbolicamente nas práticas desses sujeitos sociais.

A partir das leituras e discussões iniciadas no programa de mestrado percebemos a necessidade de alterar o foco e a temática, vislumbramos outras possibilidades de trabalho e do que poderia ser utilizado em sala de aula.

Dentre as possibilidades, surgiu a oportunidade de conhecer os lugares de memórias de Catalão através das crônicas de Braz José Coelho, um intelectual conceituado, professor renomado, que ajudou na idealização e transformação de um Centro de Formação desativado em atual Campus Avançado da UFG/Regional Catalão. Escritor que aborda narrativas do lugar ao conviver nas múltiplas realidades socioculturais da cidade, especialmente dos grupos populares.

O professor Braz, assim comumente chamado, é o autor das crônicas que são nossa fonte e objeto deste estudo. Não é um escritor qualquer, apresenta uma narrativa riquíssima de Catalão nos períodos da década de 1950 relacionando as transformações do lugar nesse passado ao período atual, relacionando o presente – passado – presente numa dialética significativa.

Os temas propostos pelo autor são apresentados com a sensibilidade de um artista que é escritor, autor e objeto das crônicas que escreve: “O cronista transporta-nos para outro tempo, mas também para outros espaços, sentidos e sentimentos” (SANTOS, 2017, p. 95). O autor transforma e é transformado durante a trajetória do que escreve do cotidiano do lugar e das pessoas que rememora.

A sensibilidade é expressa pelo escritor, e é parte de sua essência, transporta o leitor para os lugares que rememora com os sentimentos que neles estão inseridos e ao mesmo tempo leva o leitor a estar refletindo com ele sobre esses lugares.

O cronista lê e capta os significados das ações cotidianas dos grupos populares e na sua sensibilidade, rememora o vivido atento às dimensões temporais e espaciais da cidade. É o *flanêur* que perambula pela cidade e reflete o que vê de suas características próprias, peculiares, que a diferencia das demais cidades goianas.

As configurações e demarcações espaciais da cidade vão além dos limites espaciais, é um traçado de um mapa afetivo da cidade ressignificado pelo olhar do cronista e o leitor sensibilizado acompanha esse olhar e é levado a refletir o que lê.

O autor propõe reflexões não só sobre os lugares da memória da cidade – analisando criticamente suas transformações, muitas vezes de forma sutil, desafiando o leitor a refletir também – mas aborda sobre as figuras ilustres e peculiares da cidade, estabelece relações entre tempo e espaço com suas transformações. Ao mesmo tempo, ressalta a importância do ler e escrever, o que considera a condição do que nos torna humanos. Tudo isso, ressaltando o autor com a “inquietação” de registrar a história através da escrita para que a história não se perca.

Assim, nos propomos a trabalhar com memórias a partir do que as crônicas nos apontam de um mapa peculiar dos lugares de memórias da cidade de Catalão, que aparecem em muitas das obras de Braz José Coelho, especialmente no livro *Sombras do Tempo*.

Embora lidando com as memórias presentes na obra e autor citados, pensamos um trabalho que vai além dos mapas e que é possível trazer à tona as memórias sobrepostas no palimpsesto de nossa história catalana, do qual os períodos de tempo a serem abordados serão os apontados nas crônicas do autor.

Nesse capítulo nos propomos a definir e selecionar conteúdos, objetivos e estratégias a serem trabalhados com os alunos a partir da obra citada para compreender e conhecer lugares de memórias da cidade de Catalão que normalmente não são conhecidos e trabalhados em sala de aula, a crônica como instrumento de ensino.

Sobre a questão do ensino de história, limites e possibilidades, Circe Maria Bittencourt (2011) percebe que existe um consenso:

[...] a impossibilidade de “ensinar toda a história da humanidade” e a necessidade de atender aos interesses das novas gerações e de estar atento às condições múltiplas de ensino que interferem nessa seleção, como: a precariedade do ensino público, até o excesso de material didático e

informações da mídia, e a organização dos conteúdos dentro dos limites do tempo pedagógico destinado à disciplina pela grade curricular. (BITTENCOURT, 2011, p. 139).

A questão apontada é a de que não existe apenas uma história ou uma única e verdadeira versão dos fatos. Não nos cobriremos como donos da verdade absoluta, a impor a versão que acreditamos ser a correta. Queremos antes conhecer e compreender outros lados da história, as histórias que normalmente não são contadas e conhecidas, as histórias que podem ser reveladas da memória pela crônica cotidiana no contexto específico da obra selecionada para nosso trabalho.

Compreendemos a problemática do nosso sistema de ensino, a precariedade, o descaso, os limites e possibilidades do ensino de história em sala de aula. Acreditamos porém, que um tipo de ensino envolvente, desafiador e que promova a reflexão é possível na medida em que propomos um tipo de educação que inclua os sujeitos no processo educativo.

Uma das atividades sugeridas aos alunos é que estejam observando a cidade do alto, seja subindo no “Morro das Três Cruzes”, ou do “Morro de São João”, comumente chamado “Morro da Saudade”, e que cercam a cidade, para pensarem a cidade além do que podem visualizar, mas observando também outros lugares de memórias da cidade com olhar crítico e questionador.

Nosso primeiro objetivo é que os alunos reflitam que nem sempre é possível perceber as tensões e conflitos, mas isso não significa que não estão presentes. As tensões e conflitos podem estar explícitos visualizados ou não.

Outro objetivo é a reflexão de que os jogos de poder podem ocorrer sem que percebamos, assim como as disputas de memórias e seus espaços, e também as disputas em relação ao que deve ou não ser considerado como monumento e patrimônio material ou imaterial da cidade.

Esperamos que os alunos compreendam que nem tudo é visível, mas também, nem tudo está totalmente encoberto. Muito nos é revelado ou dado a ser revelado, pensado e questionado especialmente pelas crônicas de Coelho (2015). Esse cronista percebido por nós como um *Leskov*, o personagem de Benjamim (1994), que é um *flâneur*, que reflete e analisa a cidade do que observa dela em suas minúcias.

Nas crônicas, nem tudo é explicitado, embora algumas situações e fatos assim estejam. O autor deixa claro que a história que conta a partir das memórias não possui apenas uma versão, uma percepção, um modo de vivenciar e contar os fatos, vai depender de quem a vê e conta sobre ela.

De fato, é preciso conhecer quem conta e como conta a história e também, se não existem outras histórias além das que estão escritas, mas que estão registradas na memória pessoal de alguns e estas impregnadas no coletivo ou sobrepostas por outras.

As crônicas de Coelho (2015) não é nosso objeto de pesquisa por acaso, esse autor transitou pelos grupos que não tiveram suas memórias privilegiadas na história da cidade, muito do que é narrado faz parte de uma história pouco conhecida, mas rica e significativa que precisamos conhecer e compreender.

Acreditamos que um trabalho de pesquisa para os alunos tendo como base o que esse autor nos aponta - desse palimpsesto a ser descoberto, compreendido e ressignificado - , vai mudar a forma que as pessoas percebem, sentem e compreendem a cidade. A percepção, sentimento e compreensão da cidade vão além de um mero olhar, é uma ação humanizadora do sujeito que se vê e se percebe como humano em sua ação cotidiana no grupo social em que vive.

Para Eliana Stort (1993) que discute sobre a relação entre cultura (que é variada e múltipla) e a imaginação, o ser humano é razão e imaginação. E é isso que o diferencia dos outros seres vivos, também o que os leva a criar e estabelecer determinados tipos de culturas. Nesse sentido, a educação é fundamental, pois aponta caminhos possíveis para o desenvolvimento humano, como a transformação, permanência ou ressignificação da cultura no contexto histórico de determinado grupo social.

Dentro dessa proposta, das relações entre a cultura (a qual entendemos como plural) e imaginação, que tem a memória como suporte, a memória e a história estarão interligadas, sem que uma se sobreponha a outra, a memória como suporte para o trabalho investigativo do historiador, e a história evocando o documento da testemunha, no caso do escritor Braz e a cidade revelada através das crônicas escritas por ele.

Baseados em Certeau (2002), compreendemos que o lugar social do historiador em suas práticas científicas tem uma escrita, que é específica de um discurso criado e estabelecido no social. O método do historiador é criado em função do lugar histórico das práticas sociais em que sua realidade sensível em suas práticas é produto do lugar. O lugar que permite e ao mesmo tempo proíbe as ações do historiador em relação ao seu objeto de estudo.

Sobre os passos para o trabalho em sala de aula, da construção de um plano de ensino em história, tendo as crônicas como base, o primeiro é fazer com que os alunos pensem os lugares de memórias da cidade. Para isso faremos o desafio para que eles visitem alguns lugares que consideram locais de memória para visualizarem e refletirem esses espaços.

Da visualização e reflexão em duplas ou individualmente, o que foi percebido deverá ser compartilhado com os demais em sala de aula. Assim, o professor pode estabelecer um diagnóstico sobre o que os alunos conhecem sobre a memória histórica de Catalão e construir um plano de aula específico, de acordo com o que os alunos apresentaram conhecer ou querer conhecer da cidade.

O diagnóstico sobre o que os alunos conhecem e puderam refletir dos lugares de memória da cidade é essencial para o professor que depois que apresentar o tema, vai elaborar e desenvolver o plano de aula, depois este será finalizado no processo com avaliação e análise de metacognição dos alunos.

Assim, esperamos que os resultados para o professor sejam o de visualizar novas possibilidades para a prática da docência em história em turmas do Ensino Fundamental, preferencialmente, e até mesmo com o Ensino Médio, trabalhando com crônicas sobre a cidade de Catalão do que o cronista nas suas narrativas nos aponta.

Para os alunos esperamos que eles vejam os lugares de memórias e a cidade em si com outros olhares, que estejam mais reflexivos e críticos, compreendendo o que os rodeiam, se apropriando do lugar em que vivem e dando novos significados para ele.

Acreditamos que as Crônicas podem ser um excelente instrumento de ensino, haja vista que nos é cobrado propostas curriculares e fundamentos pedagógicos que abordem os temas transversais, que são constituídos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e compreendem seis áreas: Ética (Respeito Mútuo, Justiça, Diálogo, Solidariedade), Orientação Sexual (Corpo: Matriz da sexualidade, relações de gênero, prevenções das doenças sexualmente Transmissíveis) , Meio Ambiente (Os ciclos da natureza, sociedade e meio ambiente, manejo e conservação ambiental) , Saúde (autocuidado, vida coletiva), Pluralidade Cultural (Pluralidade Cultural e a Vida das Crianças no Brasil, constituição da pluralidade cultural no Brasil, o Ser Humano como agente social e produtor de cultura, Pluralidade Cultural e Cidadania) e Trabalho e Consumo (Relações de Trabalho; Trabalho, Consumo, Meio Ambiente e Saúde; Consumo, Meios de Comunicação de Massas, Publicidade e Vendas; Direitos Humanos, Cidadania). Podemos também trabalhar temas locais como: Trabalho , Orientação para o Trânsito, etc.

Os temas transversais expressam conceitos e valores básicos à uma sociedade democrática e cidadã. Nesse sentido, levantam questões importantes e urgentes para a sociedade contemporânea, especialmente no que toca aos catalanos, do que pretende estabelecer-se nesse modelo de democracia e cidadania.

O trabalho com crônicas abarca esse universo cobrado nos PCNs, de maneira dinâmica em sala de aula. E cada um desses temas pode ser explorado em todas as suas dimensões e contextos, pois as narrativas transmitem valores e apresentam novos, são primordiais para o conhecimento e transmissão do conhecimento de uma sociedade, no caso, nosso grupo local.

Concebemos que o ato de narrar, especialmente através de crônicas como nosso cronista Coelho (2015), significa ter consciência histórica da mudança de tempo e estabelece relações com a vida prática. Através da narrativa o aluno pode estabelecer novos conhecimentos em história e para compreensão de si mesmo e do mundo onde está inserido.

É necessário ressaltar, entretanto, certo cuidado com o que o narrador pode induzir através das narrativas. Cada sujeito está inserido num determinado grupo social e tem interesses relacionados ao grupo em que vive, tomando as precauções devidas, identificando quem, como e porque contam as narrativas, estas são instrumentos muito ricos de trabalho.

Assim, as possibilidades são imensas para trabalhar os conteúdos através de crônicas, de acordo com as propostas dos Temas Transversais dos PCNs, dos conceitos e valores sociais, em que a escola vai exercer o papel de transmissora do conhecimento e de transformação dessa mesma sociedade.

Compreendemos que o papel da escola é fundamental no sentido de, ao trabalhar Temas transversais, facilitar, fomentar e integrar as ações de modo contextualizado constituindo como um meio de transformação social, que para nós começa do micro para o macro. A proposta de conhecermos a história local, da local para a nacional e da nacional para a história mundial.

Dentro da ideia de se privilegiar o estudo da História nacional ou a História mundial, Circe Maria Fernandes Bittencourt (2011, p.157) em Ensino de História Fundamentos e métodos, afirma que as histórias nacionais são relegadas a segundo plano, apêndices da história global, que “[...]A macro-história é a lógica e a chave para a compreensão da nossa condição de país permanentemente periférico do sistema econômico capitalista.”

Rejeitamos esse tipo de proposta pedagógica que nos coloca como apêndices da história global, como Bittencourt (2011) nos faz perceber essa proposta de macro-história. Para tanto, propomos o estudo de nossa história local, a história da nossa cidade relacionada com a história do Brasil e do Brasil para outros lugares do mundo.

A proposta de trabalho com a micro-história para nós é um trabalho que assumimos desenvolver. Bittencourt (2011), entretanto, nos aponta uma preocupação:

Essa concepção de história que visa articular a micro e a macro-história é também um desafio para o ensino de História. As relações entre micro e macro-história fundamentam algumas das propostas curriculares, e delas depende a seleção de conteúdos histórico escolares. (BITTENCOURT, 2011, p. 150).

Assumimos esse desafio e compreendemos que a seleção de conteúdos histórico escolares serão essenciais para articularem esse tipo de ensino, que pretende ressignificar e compreender outros tipos de histórias, confronta-las e problematiza-las. Não é uma tarefa fácil, mas seguimos nesse intuito.

Analisamos, então, com base nas ideias da autora, que ao estudar a história regional, local, no seu cotidiano, esse estudo não deve ir além de meras descrições curiosas, desligadas do contexto social. Assim, “A opção pela história do cotidiano e pela história local merece uma reflexão a respeito de seus pressupostos, para uma seleção de conteúdos coerente com os objetivos centrais da disciplina” (BITTENCOURT, 2011, p.165).

A perspectiva é que os alunos se interessem pelo entendimento das relações humanas com possibilidades de práticas pedagógicas diferenciadas, em que o aluno vai se perceber e ao outro, ao diferente de si. Nesse processo ele conhecerá a história local que não é somente a sua, mas da comunidade em que vive, podendo adquirir outros conhecimentos além do seu lugar de origem e relacioná-los.

Acreditamos que os alunos serão motivados pelo ensino de história, valorizando sua identidade e cultura local, despertando o interesse no conhecimento e preservação do que eles percebem e tomam como patrimônio cultural.

De outro lado, os professores estarão proporcionando um ensino de história mais dinâmico e representativo para os alunos, com uma percepção dialética do passado com o presente na história individual marcadamente coletiva.

O modelo que procuramos seguir é a de não enaltecer a cultura de um grupo social em detrimento de outro, mas dialogar e respeitar as diferentes culturas e memórias locais, relacionadas com as nacionais e mundiais. Entretanto, percebemos como urgente trazer à tona o que está sobreposto no palimpsesto apontado por Coelho (2015) das memórias sobrepostas de grupos que não tiveram sua história evidenciada.

A urgência e necessidade de ações para trazer essas memórias das comunidades populares, que é a história dos esquecidos ou não privilegiados, podem ser também para que eles se apropriem de suas memórias para que estas não fiquem nas mãos do poder público e não se percam por falta de interesse nas memórias que compõem determinada história de grupo.

Durante nossas pesquisas a cerca dos lugares de memórias apontados nas crônicas de Coelho (2015) percebemos uma dada ausência na catalogação e registro do bem público, que tem seu acesso restrito aos pesquisadores. Não falamos aqui dos museus, bibliotecas ou outros lugares em que se depositam a memória histórica da cidade.

Os espaços delimitados para depositar essas memórias são poucos, mas são acessíveis ao público, fornecem uma memória viva de contextos, lugares, pessoas e objetos expressivos e significativos da memória histórica da cidade.

Muitos documentos, objetos, lugares de memórias entre outros percebidos como patrimônios materiais e imateriais da cidade pelo nosso cronista estão em posse de pessoas ou grupos particulares, e o acesso a eles dependendo das ligações que o pesquisador tiver com o detentor desse bem que deveria ser público.

É fato que o poder público tem interesse em preservar determinado bem como público e publicitar o mesmo, enquanto os que não lhe interessam são relegados ao esquecimento, sobrepostos ou dados como restos da história.

Durante nossos estudos sobre a teoria de Chartier (1990), entre outros autores, percebemos que discursos são construídos e desconstruídos de acordo com os interesses do momento, a luta por representações é real e as classes populares que não se veem representadas no poder podem apropriar do que lhes interessa assimilar ou ressignificar de acordo a suas necessidades de grupo.

Os discursos não são neutros, memórias podem ser sobrepostas por outras de acordo com quem está no poder político ou econômico. Uma vez que a voz dos despossuídos é abafada ou silenciada, cabem a eles se apropriarem de suas próprias memórias e histórias, preservando seus significados e ressignificando quando necessário, cuidando para que estas não se percam.

O discurso evidenciado nas narrativas cotidianas de um período específico da história de Catalão por Coelho (2015) tem um lado, o lado das pessoas comuns que no seu dia a dia constroem a história, é a voz dos que não estão no poder político ou econômico da cidade, a voz que normalmente não aparece, não se revela, é esquecida, relegada, sobreposta, a voz das pessoas simples que surpreendem e aparecem nessas crônicas.

Nosso cronista conta dos restos da história, a história dos esquecidos, das memórias que podem incomodar e é preciso lembrar, trazer á superfície das camadas sobrepostas para que não se percam, para que sejam conhecidas e compreendidas historicamente, ainda que aparentemente para a maioria das pessoas não sejam importantes ou necessárias.

É uma ação educativa que vai além da sala de aula, embora em sala de aula. É uma necessidade de ruptura dos discursos dos vencedores que nos são dados e que absorvemos sem refletir sobre eles e que gera a nossa incapacidade de reconhecer o lugar em que vivemos.

Refletir e compreender os lugares de memória é perceber que eles podem se perder, se deixarmos. Especialmente, se deixarmos de reconhecer e nos reconhecermos nesses lugares a não ser na memória dos mais velhos. Por isso uma ação educativa na escola e com essa fonte em particular, a crônica de Coelho (2015), é tão importante.

Nessa ação educativa a fonte de pesquisa, bem como seu objeto deve ser problematizada e repensada à luz do contexto histórico pelo qual a cidade estava inserida, contrapondo com o período atual, também, como os grupos populares lidavam com ele dentro das suas limitações e possibilidades.

Existem várias possibilidades de trabalho, tendo como base as crônicas de Coelho (2015), como: análises das imagens dos espaços de memória rememorados, os monumentos tomados como patrimônios materiais ou imateriais, revelados nas crônicas, os artefatos sacralizados, depositados ou não no museu da cidade, tudo isso pode ser um ponto inicial para o trabalho com a memória coletiva dos grupos sociais da comunidade catalana apontados pelo cronista.

Outra possibilidade, que a pesquisa nos aponta seria a de buscar entre familiares dos alunos objetos, documentos (como jornais, revistas, instrumentos de trabalho da época, imagens, falas gravadas e autorizadas...), lugares de memórias, entre outros patrimônios materiais e imateriais, que estão sob uma guarda e uso privado para uso e guarda público.

Muitas são as formas de pesquisa, coleta e documentação que podem surgir ao optarmos por trabalhar com as narrativas de Coelho (2015), que é um escritor local, embora não sendo catalano de nascimento o é de coração, pois conviveu e vivenciou muitos dos lugares, memórias e histórias da cidade, apontando e revelando o que estava sobreposto.

As crônicas são nosso objeto e fonte de pesquisa, que aborda as camadas populares dessa comunidade, mostrando lugares de memórias e histórias com as falas das pessoas comuns (trabalhadores braçais, donas de casa, dos mestiços, dos caboclos, das crianças, dos caipiras, dos negros, das figuras ilustres ou incômodas da cidade...), no recorte temporal apontado por essas mesmas crônicas.

E assim, no trabalho desse escritor, os fatos, os lugares e pessoas são contados como forma de recordação, alertando para normas e comportamentos da época, entre outras, e isso também pode ser explorado em sala de aula, contextualizando o período e relacionando com o atual.

Há todo um contexto histórico do passado e as relações que podemos fazer com o presente, o qual o escritor aponta, são muitas formas de pesquisar e de desenvolver um trabalho em sala de aula que vão além das histórias contadas por outros escritores locais.

Baseados em Bittencourt (2011) que afirma a necessidade de ter critérios que fundamentem a escolha por esse ou aquele pressuposto teórico, coerência na opção de conteúdos de acordo com a concepção de história e seus conceitos, trabalhamos com conceitos ligados a história cultural, especificamente da micro-história, pois serão estes que junto as informações fornecidas pelas narrativas, formarão o conteúdo histórico escolar.

A proposta que colocamos nesse capítulo à parte é a de repensar a prática do ensino, incentivando um novo olhar da e para a cidade. A partir das crônicas, a proposta de reflexão, de repensarem com as experiências passadas, para compreender, também, entre outras coisas, como as classes populares se apropriaram, ou não, como ressignificam e representam alguns lugares de memórias em Catalão.

3.1 Estratégias de ensino a partir de crônicas

Sugerimos para o trabalho com as crônicas de Coelho (2015), conteúdo por conteúdo a serem apresentados bem como as formas de se trabalhar esse conteúdo, que aos alunos tenham antes disso, a noção do que é uma crônica e suas características.

Antes de trabalhar um conteúdo é preciso sensibilizar os alunos para esse trabalho. A sensibilidade começa pelo conhecimento prévio, ainda que superficial do assunto a ser trabalhado, introduzido de uma maneira que chame a atenção e desperte o interesse para aprofundar o assunto.

Nesse sentido, precisamos explicar o que é uma crônica, suas especificidades e características principais, contando dois ou três tipos de crônicas, entre elas uma da obra “Sombras do Tempo” do nosso autor principal, Braz José Coelho (2015).

Assim, ao quadro, propomos a listagem com as características principais de uma crônica e especificando as características que aparecem nas crônicas *Sombras do Tempo*:

- publicada geralmente em jornais, revistas e livros (o nosso cronista publicou suas narrativas em um livro, *Sombras do Tempo*);
- relatam de forma artística e pessoal fatos colhidos no noticiário jornalístico e no cotidiano (no caso do nosso autor a base é o cotidiano de um passado reinventado narrado de forma de arte evocando as sensibilidades do ser e fazer dos sujeitos nesse cotidiano);

- consiste em um texto curto e leve, que tem por objetivo divertir e/ou fazer refletir criticamente sobre a vida e os comportamentos humanos (no caso, das crônicas a serem trabalhadas, é a reflexão crítica da vida e comportamento humano, o processo modernizador que desarticula a relação ambígua campo e cidade);
- pode apresentar elementos básicos da narrativa - fatos, tempo, personagens e lugar - com tempo e espaço não limitados (nessa obra, o tempo não está limitado, mas os espaços são bem definidos);
- o narrador pode ser observador ou se constituir em personagem (na obra, Braz é objeto e sujeito das narrativas históricas que escreve em forma de crônica);
- emprega a variedade informal da língua, tornando a narrativa simples aparentemente de fácil entendimento (isso é perceptível em todas as crônicas presentes em *Sombras do Tempo*);
- pode apresentar discurso direto, indireto e indireto livre (isso também estava presente em toda obra).

É necessário deixar claro que o cronista expõe seu ponto de vista, seus comentários e deduções, suas ironias e interpretações a respeito de fatos (o cotidiano aparentemente pessoal). Ele não tem, no entanto, por finalidade apenas fornecer uma informação, mas sua universalização para que as pessoas aprendam alguma coisa com o que é, aparentemente, corriqueiro, e esse aprendizado nem sempre é explícito, pode estar no que ele não diz ou induz o leitor a pensar que foi dito.

Propomos em seguida a leitura coletiva ou individual de alguns trechos ou crônicas selecionadas, de acordo com o conteúdo e objetivo a ser explorado. Ao ler uma das crônicas, ou trecho de uma delas, questionar os alunos com as seguintes observações:

- Qual é o assunto do texto lido?
- Que período de tempo é esse que o autor aborda?
- Vocês percebem alguma semelhança com o tempo presente? Quais?
- Há alguma palavra desconhecida que poderíamos pesquisar?
- Como o autor começa o texto?
- Se há alguma intenção na forma de começar o texto, qual seria?
- Quem são os personagens?
- O fato narrado ocorre onde?
- O que está explícito no texto?
- O texto é longo ou curto? Poderia ser de outra forma?

- Vocês conseguem perceber o objetivo, ou objetivos do autor de forma clara?

Dando sequência a proposta didática, os alunos irão assistir uma apresentação em Power point com o tema “O que observamos no nosso dia a dia que merece uma crônica”. Nessa apresentação serão abordadas as seguintes questões:

- a) Quais situações você observa no seu cotidiano?
- b) Pensou? Escolha um foco narrativo
- c) Vamos produzir uma crônica?
- d) O que você conhece das crônicas, especialmente as do autor Braz José Coelho? O que Braz narra em suas crônicas?
- e) As crônicas que você pensou tem alguma coisa a ver com algumas de Braz?
- f) Vamos produzir uma crônica sobre um lugar de memória da cidade de forma individual?
- g) Vamos reescrever e aprimorar nosso texto final?
- h) Por que escolhemos trabalhar com as crônicas de Braz? E por que escrever crônicas sobre a cidade?
- i) Por que tudo isso? Por muitos olhares, muitas e grandes ideias, muito conhecimento de nós e do que nos cerca?

Após a apresentação do Power point, os alunos serão orientados a observarem o seu cotidiano e incentivados a produzirem nas próximas aulas uma crônica, aparentemente, individual com tema livre, tendo as crônicas de Braz como referência.

Produzida a crônica, ela será reescrita e o texto final aprimorado. Após a reescrita, a crônica será lida e cada aluno explicará porque escolheu determinado assunto e não outro, os alunos serão avaliados oralmente sobre a pertinência dos assuntos abordados, as opiniões serão expostas e seguidas de breves debates.

A avaliação ocorrerá durante todo o processo de trabalho com as crônicas de Braz, avaliando o interesse e a participação dos alunos ao longo do trabalho. Pela última atividade será possível avaliar se os alunos compreenderam o que é uma crônica. À medida que vão construir um texto com essas características, compreendendo o meio em que vivem as particularidades de sua comunidade que é específica, e a si mesmo nesse processo.

3.2 Seleção dos conteúdos da obra de Braz José Coelho apresentando um quadro sinóptico¹⁶ de crônicas e sugestões de estratégias para trabalhá-las em sala de aula

¹⁶ Compreendemos o quadro sinóptico como um resumo esquematizado de uma ideia a partir dos textos estabelecidos em tabela para melhor visualização e para entender melhor o texto.

Como já explanamos antes, é necessário repensar a prática do ensino de história e nesse caso em que propomos esse trabalho, estimularemos no professor e alunos um novo olhar da e para a cidade, tendo como base as crônicas de Coelho (2015).

Para ficar mais clara a nossa intenção de trabalho, queremos enfatizar que estamos propondo estratégias de ensino a partir de crônicas, não uma ou outra crônica qualquer, mas as crônicas de Coelho (2015), embora explorando uma ou outra fora da obra desse autor para exemplificar e estabelecer diferenças, enfatizando a obra que é nossa fonte e objeto de trabalho.

Além da proposta inicial de trabalhar crônicas, em particular a do nosso cronista, explorando o que é uma crônica com suas características principais, explorar uma das crônicas de Braz José Coelho e produzir um texto com o tema “O que observamos no nosso dia a dia que merece uma crônica?”, sua reescrita e apresentação, de acordo com cada conteúdo das crônicas de Braz, sugerimos algumas estratégias para trabalhar cada uma dessas crônicas.

Trata-se de uma obra riquíssima e de acordo com cada crônica é possível trabalhar um conteúdo específico ou relacionar a outros a serem explorados. O conteúdo está diretamente ligado aos objetivos que o professor pretenderá alcançar.

Antes, de mais nada, o professor precisará definir quais objetivos pretende alcançar e selecionar os conteúdos das crônicas a serem abordados. Definidos os objetivos e conteúdos, aí sim, poderemos estabelecer as estratégias a serem utilizadas para o trabalho com as crônicas de Braz, que abordam o cotidiano de uma determinada comunidade de Catalão, entre as décadas de 1950 a 1980 relacionando ao período atual.

Seguiremos agora com algumas sugestões de análises das abordagens das crônicas e possibilidades de trabalhar com elas, como as compreendemos, e como acreditamos que podem ser percebidas e relacionadas de outras maneiras pelo professor e alunos.

Agrupamos as crônicas de acordo com os temas que percebemos para a discussão, colocaremos uma delas por inteiro num quadro sinóptico e sugestões de como trabalha-la e que pode ser utilizada nas crônicas agrupadas.

Nas crônicas 01, 10, 13, 16, 23 e 28, analisamos que o autor aborda a importância da escrita, do ler e escrever, da formação intelectual, humana e social a partir dos livros, da leitura e escrita. Nelas estão explicitadas a inquietude do autor em escrever, percebidas ao final dessa obra a sua missão – que é dada ao contar as histórias do que não existe mais, desses restos da história que é preciso lembrar, trazer à superfície das camadas da memória

as histórias dos que não estão no poder (seja economicamente, politicamente ou socialmente) para que não se percam.

Colocaremos agora no quadro sinóptico a crônica 01 e, em seguida, sugestões para trabalhar essa e as demais com essa temática:

Crônica 01:

Leio o que seria um programa de Albert Camus, em seus *Primeiros Cadernos*:

“escrever tudo – o que vier”

E sinto que esse deverá ser também o meu programa, já que, inconscientemente, o venha perseguindo e, bem ou mal, realizando. Mas posso fazer uma pequena variação na proposta: escrever tudo e sobre tudo – o que vier, o que aparecer que seja de meu interesse, da minha curiosidade, de minha necessidade.

Escrever, acima de tudo escrever, de forma sistemática ou não, mas escrever. Escrever para compreender, para organizar o pensamento, para entender o que sinto, escrever pelo gosto e inquietude de escrever.

Uma sugestão do que pode ser explorado nessas crônicas, sendo que a crônica 01 apresentada por inteiro no quadro sinóptico, é a leitura e releitura de memórias específicas de moradores da cidade, em que os alunos irão refletir essas memórias e tentar descobrir (como um jogo enigmático, de detetives procurando pistas, sinais, evidências...) o que elas falam ou que as ausências, pausas, mudanças de assunto, esquecimentos, entre outros podem revelar.

Das crônicas 02, 04, 06, 07, 09, 29, 30 e 31, percebemos que o autor aborda as especificidades de grupos locais, dos lugares de memórias, do que era significativo para o grupo social do qual o autor estava inserido. Tais especificidades que acreditamos ser parte significativa das identidades de grupo na cidade.

Apresentamos agora, por inteira, a crônica 02 no quadro sinóptico, seguida de sugestões de trabalho para ela e as demais com a mesma temática:

Crônica 02:

A Rua da Grota nunca fora apenas uma rua, mas um conglomerado de ruas tortas, com casas velhas, datas vazias, muros de taipas, poeira e ciscarias que o vento soprava lentamente, ou quando em épocas de chuva se transformava em lama escorregadia.

Naquele tempo, a palavra *rua* possuía duplo sentido – *rua* enquanto espaço que transitavam pessoas, animais, cavaleiros, carroças, bicicletas, depois automóveis, jardineiras, caminhões; e *rua* na significação de bairro e setor, palavras que praticamente não se usavam, a não ser talvez na repartição dos Correios e Telégrafos. Por isso Rua da Grota, Rua do Pio, Rua do Marca Tempo, Rua do São João, Rua da Capoeira não eram constituídas por uma única rua, mas o que hoje denominamos por bairro.

Os nomes dessas localidades não obedeciam a uma arbitrariedade imposta por leis fabricadas por políticos bajuladores, mas motivava-os um aspecto marcante que tornava significativo à população do lugar. Rua do Pio porque um dos moradores mais antigos e que tinha um moinho para fazer fubá de milho, ponto de referência, chamava-se Pio Gomes, pessoa muito respeitada; Rua de São João devido ser o caminho para se chegar ao Morro da Saudade com sua capelinha dedicada a São João Batista, o que aparece em estampa ainda criança, primo de Jesus Cristo, segurando um carneirinho, ele que não fora nada cordeiro em vida; Rua do Marca Tempo posto que ali, no centro de uma praça, ficava a estação metereológica; Rua da Capoeira, pois antes era uma região encapoeirada; Rua Pra Cima da Linha porque ficava do outro lado da estrada de ferro; Rua dos Negros, devido ao fato de a maioria dos moradores ser de cor negra; Rua da Boca da Onça, por causa de um bar, com forró aos sábados, ter esse nome. E Rua da Grota porque desciam, do pé do Morro das Três Cruzes,

três grotas cortando o bairro até chegarem ao ribeirão Pirapitinga.

As pessoas mais velhas nos diziam que Catalão começara ali, na Rua da Grota, que lá era a parte mais antiga da cidade. Era a saída para Goiandira e logo após a segunda grota ficava a Cruz do Antero, local em que ele morrera martirizado. Quando em época de seca forte, muitos dias de solão espichado, as mulheres e as crianças rezavam ao pé da Cruz do Antero e lhe jogavam latas e baldes de água. Se a seca durasse mais tempo, subiam, em penitência, rezando e cantando músicas de louvores, o Morro das Três Cruzes e lá repetiam a operação de molhar os madeiros sagrados.

Das três grotas desciam filetes de água que quase se extinguíam na época das secas, mas se transformavam em verdadeiros corgos assim que as primeiras chuvas regavam a terra. A meninada se esbaldava nos poços que se formavam nas grandes locas e depressões ou em pequenas cachoeiras despencando de blocos de pedras escuras. No fundo dos quintais, as mulheres lavavam roupas em suas águas, descansando os sarilhos das cisternas fundas, ou utilizavam delas para dar banho nas crianças menores e até mesmo para lavar a vasilhama suja.

Os moradores eram pessoas simples que faziam toda sorte de trabalhos para o sustento das vidas miúdas de suas famílias; pedreiros, meia-colheres, serventes à cata de serviços de levantar um muro ou pequenas reformas em casa de pessoas remediadas, trançadores de couro, remendões de calçados, sapateiros e seleiros (arreios, cutesanos, às vezes um que outro silhão), pequenas vendas sortidas de um tudo para as necessidades imediatas, barbearia, limpadores de quintais, furadores de cisternas e que funcionavam também como trabalhadores que faziam a limpeza e davam fundo em cisternas velhas, oficinas de funileiros e de reparos de móveis rústicos, bancas de carpinteiros que concertavam e reconstruíam rodas, carrocerias e varais de carroças de charretes. A maioria, porém, dependia do funcionamento das duas charqueadas. Em época de matança ninguém ficava sem serviço e a Rua da Grota se animava.

Desciam boiadas margeando a Rua do Pio. Transpunham o Pirapitinga por sobre uma ponte de madeira sem guardas. Viravam, à direita, na rua em que ficava o sobrado de dona Rola. Passavam por uma ponte, com guardas de ambos os lados, sobre a primeira das grotas e encompridavam-se rua afora até desembocarem nos pastos da charqueada e do frigorífico que ficava pouco abaixo do Córrego do Almoço. Era muito comum verem-se partidas de reses, nas ruas, sendo tocadas por peões estalando suas pinholas e aboiando em aboiros rápidos e tremidos.

Agora, as grotas não existem mais, entupiram-nas de lixo, depois aterraram-nas. Até o lugar mudou de nome, hoje é Bairro Santo Antônio, assim como a praça da Rua do Marca Tempo se transformou em Praça Nossa Senhora de Fátima e os aparelhos de medição meteorológica que ali existiam e resistiram por uns oitenta anos ou mais foram sumariamente arrancados; a Rua da Capoeira nem mesmo sei qual é o seu nome atualmente. No entanto, há cinquenta anos atrás, centenário da cidade, em 1959, e ainda, algum tempo depois, eram Rua da Grota, Rua do Marca Tempo, Rua da Capoeira, Rua Pra Cima da Linha, Rua dos Negros – e outras tantas ruas a mais de que a memória não providenciou recordar de todas elas.

20-08-2009

150º aniversário de Catalão

Sobre as especificidades do jeito de ser dos catalanos, como entendemos que a identidade é plural, a sugestão é que os alunos pesquisem o que caracterizam os grupos sociais que existem em Catalão, nas suas diferenças e semelhanças, depois fazer um quadro comparativo com outras sociedades no Brasil e no mundo.

O trabalho sobre os lugares de memórias seria um trabalho de pesquisa oral ou pesquisa da escrita produzida sobre esses lugares, seguindo as seguintes questões: O que é tomado como lugar de memória pelos grupos populares de Catalão? Qual é a relação que esses moradores mantêm com os lugares que consideram lugares de memórias? Os lugares de memórias citados por esses grupos são preservados? Se esses lugares são preservados, de que maneira é feita e quando ocorre?

Do que é percebido nas crônicas 03, 04, 05, 06, 07, 09, 11, 14, 15, 19, 20, 24, 26, 32, a nossa análise é de que o autor fala das paisagens, dos olhares do e para o lugar, e das

experiências de um olhar que percebe de maneira crítica as mudanças do presente a partir do que foi transformado no passado. Como o autor afirmou “Há no meu olhar a memória de muitos olhares” (COELHO, 2015, p. 13). E esses olhares não são neutros dessas experiências e processos de mudanças narradas.

A relação que o autor mantém com o lugar de memórias, a experiência do olhar, revela a sua identidade e a identidade do grupo social em que ele circula e vive suas experiências de vida, a dos sujeitos simples e comuns no seu cotidiano.

As mudanças apontadas pelo cronista, muitas vezes não explicita, mas que está presente em muitas das suas narrativas, tem a ver com o avanço da tecnologia, do chamado processo modernizador proposto para a cidade e que mudou as relações sociais, as experiências vividas no cotidiano das pessoas do lugar.

Uma das preocupações de Stort (1993) discutindo imaginário cultural sobre a perspectiva do uso da tecnologia e o desenvolvimento de aspectos modernizantes, ela concebe que essa tecnologia pode ser exagerada, e negativa, no sentido de perturbar os esquemas de representações da cultura e imaginação referentes a ela. Tal autora entende que o exagero da tecnologia gera incapacidade semântica¹⁷, muda o esquema de temporalidades e compromete o sistema de significações e sentido de existência, gerando sérios efeitos na mentalidade das pessoas.

Tanto Stort (1993), em sua análise dos efeitos exagerado da tecnologia, quanto Coelho (2015), que critica o processo modernizador proposto para a cidade ao transformar e desvirtuar as relações entre campo e cidade. Temem ambos os autores, que a razão suplante as emoções. Isso porque compreendem que pode ser desastroso para o ser humano pois suas expressões culturais podem ser diminuídas e empobrecidas com o avanço tecnológico, uma vez que a imaginação perde sua função criadora ao ser reprimida e desvirtualizada.

Segue agora no quadro sinóptico a narrativa da crônica 11 por inteira e logo embaixo as sugestões de trabalho com ela e as demais que seguem a mesma temática:

Crônica 11:

Já fui criança, no chão socado de nossa casa, engatinhando feito animal nas quatro patas; já fui menino mal aguentando os passos nas pernas cambetas; já fui molecote, fazendo serviços de levar água na cabaça e comida na gamela pra quem fazia cerca de arame, batia pasto ou, grudado guatambu, puxava enxada nos eitos de muitas roças; já fui rapaz forte e de riso aberto para tudo na vida; já fui homem criado pegando o estado de começar família e aguentar repuxo de criar filharada; já fui homem maduro segurando agrulhas da vida e durezas de muitas lidas – agora sou apenas velho, trago os passos cansados, os ombros decaídos, quando ando arrasto os pés, as pernas sem a destreza de antes, na cabeça a recordação de uma vida inteira vivida no aprumo do como se deve ou se consegue viver.

19-02-2013Terça-feira

¹⁷ Em relação a ideia de “semântica”, compreendemos que é a ideia relacionada ao significado das palavras ou aquilo que tem significado.

Em relação ao tipo de crônica apresentada, a sugestão seria de montar grupos como num tribunal (composto de acusadores, defensores, juízes, jurados...) para julgar os benefícios e malefícios do processo modernizador e suas tecnologias para os catalanos que tem uma maneira específica de ser, na tradição inventada, produzida e transmitida no meio social.

Referimos-nos aqui a ideia de tradição como uma forma de identidade que é inventada no grupo social em que sujeitos se organizam e estabelecem modos de viver e produzir cultura, segundo definição de Hobsbawm (1984). E esta é transmitida, passada de geração para outra geração dentro de determinado grupo social, entendendo que cada grupo social apresenta uma identidade específica que é passada adiante.

Compreendemos que cada sociedade tem uma forma específica de ver o mundo, de ser e agir, que transmite para as gerações seguintes a sua forma que é diferenciada das demais. Nessas sociedades, personalidades são eleitas como aquelas que devem ser lembradas ou esquecidas. No caso, dessa obra, a crônica 08, assim como na crônica 17, nosso cronista elege e aborda o que considerava, assim como o grupo ao qual ele fazia parte, personalidades ilustres da cidade.

Tanto na crônica 08 quanto na crônica 17, apresentam pessoas de comportamento diferenciado, no lugar e época. Um era filho de alemães ou austríacos, segundo o autor, e se destacava por comportamento diferenciado dos outros homens da região que eram mais acessíveis, especialmente às crianças, era bem quisto e carismático. Os outros, pai e filho, eram popularmente conhecidos. Ficam, nessa crônica, do pai e filho como pessoas que tinham certa fama. Fama no sentido de que constrangiam, suscitavam constrangimento à população mais abastada pela pobreza e defeitos físicos.

Para trabalhar a crônica 08, sugerimos um trabalho de pesquisa das pessoas de origem estrangeira que vivem em Catalão, bem como outras pessoas de outros Estados do Brasil. Elaborar uma tabela comparativa com gráficos da atual composição social da cidade. Em seguida, pesquisar sobre a situação econômica e política dos lugares de origem dessas pessoas e procurar identificar os motivos que fizeram com que essas pessoas migrassem para Catalão. Por fim, uma pesquisa sobre as possíveis contribuições sociais, econômicas e culturais dos migrantes para a comunidade catalana.

Selecionamos a crônica 17 para colocar no quadro sinóptico, seguida por sugestão de trabalho:

Crônica 17:

Na verdade, somente o filho é que era meio abobado. Pequeno, não chegava a um metro e meio, as pernas de juntas duras davam-lhe uma aparência de que ainda estava aprendendo a andar. Trocava os passos de arranco como se fosse cair de frente. Não era mudo nem surdo, mas tinha dificuldade muito grande em articular as poucas palavras que aprendera – uma algaravia meio que chorada saía-lhe da garganta, incompreensível.

O pai era apenas aleijado e não bobo como o filho. As pernas secas e rígidas, curvadas para trás, o mantinham constantemente sentado – andava, ou melhor se locomovia, apoiando nas mãos, levantando o corpo do chão com a força dos braços e se atirando meio que arrastado para frente. Chamava-se Quirino, do nome do filho não me lembro. Eram, no entanto, conhecidos como os *bobinhos da carroça*. Acontece que circulavam pelas ruas da cidade em duas carroças pequenas puxadas por um bode cada. Esmolavam, viviam do que a caridade de alguns lhes ofertava.

O filho tinha duas capangas de pano tecido em tear roceiro, uma de cada lado, as alças cruzando no peito mirrado; na carrocinha do pai, outros embornais semelhantes, que iam enchendo com o ganho do dia – pão, bolo, biscoito, porção de arroz, de café, de feijão, de banha, de açúcar, às vezes uma calça ou uma camisa usadas, já meio que gasta de velhas; muito raramente ganhavam algum dinheiro.

Quando paravam por mais tempo, o filho colocava um pequeno cesto de taquara trançada cheio de milho debulhado, na frente dos bodes, ou uma vasilha de alumínio toda amassada com boa quantidade de água que pegava com os moradores das ruas onde passavam.

A cidade inteira os conhecia, eram como figuras obrigatórias percorrendo as ruas, principalmente as do centro, onde moravam as pessoas de maiores posses. Eram figuras folclóricas, dessas que não existem mais e que eram próprias daqueles tempos afastados.

A cidade foi crescendo, a quantidade de automóveis, caminhões aumentou e logo as ruas já não mais permitiam as carroças de bodes, e eles, os bobinhos da carroça, desapareceram, - o que foi feito deles, não sei, apenas que não mais os via em suas carroças puxadas pelos bodes de barbichas longas e chifres recurvos para trás.

17-11-2006
Sexta-feira

No trabalho com a crônica 17, sugerimos um trabalho de pesquisa sobre a existência de pessoas marginalizadas popularmente conhecidas, portadoras de necessidades especiais, ou outras necessidades, atualmente presentes no cotidiano que circulam pela cidade. Se existe (m), quem é (são) essa (s) pessoa (s)? Onde está (estão)? Como vive (m) ou sobrevive (m)?

Sobre as crônicas 12 e 27, além da especificidade da comunidade catalana percebemos os lugares da memória evocados pelo autor e a experiência a partir desses lugares, a passagem do tempo, as mudanças, o “forjar” da construção da identidade.

Concebemos que a cultura não é única, mas variada e múltipla, assim também compreendemos a identidade como parte de várias outras. No caso aqui, apontado pelo autor, há uma das identidades que estão sendo construídas e no caso não dá a entender que construída naturalmente, algo forçado.

No “forjar” da identidade, a ideia colocada é a de algo forçado, construído à força das circunstâncias da vida, do que as pessoas tinham e que eram levadas a ser, o que eram de acordo com o que as necessidades impunham a sua sobrevivência. Há aí uma crítica implícita à situação econômica da maioria das pessoas nessa sociedade.

A crônica 27 foi selecionada para estar por inteiro no quadro sinóptico e em seguida as sugestões de trabalho com essa e as demais com a mesma temática:

Crônica 27:

O meu mundo era só aquele mundinho das Duas Ponte, em que me movimentava. A fazenda dos avós e dos tios de minha mãe se apresentavam como fronteiras, como cerca de meu mundo – e isto era, um mundo grande, enorme mesmo, para minha compreensão de criança pequena.

Se meu mundo era bem limitado e definido – nossa casa, o paiol, o chiqueiro, o curral, o pasto pequeno para as vacas leiteiras e para os cavalos de uso diário, o ribeirão, o quintal, a bica, o monjolo, as moitas de bambus, os muros de pedras, a ponte, a estrada que a gente chamava de *linha* – a minha mente, o meu compreender e conhecer o mundo eram mais limitados ainda, eram bem pequenos.

Existia Ipameri, a cidade mais próxima, mesmo assim distante algumas poucas léguas; existia Goiânia, onde meus irmãos mais velhos estudavam, mas era para im apenas u nome; existia uma guerra do outro lado do mar que desafiava a minha imaginação; coisas incompreensíveis existindo como se no meio da neblina das madrugadas, sem contorno, embaçadas, mais sugestões de sonhos do que existentes na concretude do real.

Fui crescendo e o mundo se alargou, virou um mundo sem tamanho, minha mente expandiu-se, meu conhecimento e compreensão cresceram em muitas direções, mas a fantasia e a magia da imaginação de criança, estas continuam dentro de mim, do mesmo tamanho, pois sempre me tomaram por inteiro.

19-07-2013
Sexta-feira

Uma das sugestões para trabalhar essas crônicas seria a de perceber as transformações dos lugares de memórias através de imagens desses lugares em diferentes períodos de tempo, os alunos serão incentivados a observar as imagens com atenção par comparar e perceber as mudanças e permanências desses lugares.

Outra pesquisa que seria interessante seria sobre os bairros que compõem a cidade de Catalão, estabelecendo entre os alunos quais eles consideram bairros populares e que tipos de casas apresentam com suas principais características. E em relação às necessidades de sobrevivência os alunos poderiam pesquisar: Quais as oportunidades de trabalho disponíveis para a maioria da população e quais tipos de trabalho existem na cidade? Os salários disponíveis para a maioria dos trabalhadores lhes permite ter um padrão de vida considerado ideal para a maioria das pessoas?

Para complementar o trabalho de pesquisa, sugerimos a elaboração de gráficos comparativos, tabelas, índices e produções de textos sobre os tipos de casas predominantes nos bairros de Catalão em que os alunos serão desafiados a refletir o motivo de serem como são, ou sobre os tipos de trabalho que existem e a remuneração dada aos trabalhadores da cidade.

Percebemos nas crônicas 18, 21 e 22, além das relações entre presente e passado, passado e presente, a crítica à modernização dos costumes (que é uma constante na sua obra, muitas vezes não explicita), o autor aborda a transformação do caráter religioso dessa comunidade.

Para o cronista, o caráter religioso faz parte da forma de ser das pessoas dessa comunidade específica, é a essência de uma comunidade de tradição rural e urbana em que

uma forma rural de ser não exclui a outra urbana, formas que a seu modo representam o fenótipo¹⁸ da cultura goiana, resguardando as especificidades inseridas num contexto cultural da comunidade catalana em questão.

Sobre a temática da religiosidade, apresentamos a crônica 18, seguida de sugestões para trabalhar as demais com o mesmo tema:

Crônica 18:

Sexta-feira Santa. Hoje, o dia já não tem mais sentido algum, a não ser para um grupinho de carolas que ainda gira em torno da sacristia. É assim mesmo, até para elas, a Sexta-feira Santa perdeu muito do seu significado de comportamento religioso. Até mesmo para elas, é pouco mais do que um dia marcado na folhinha dependurada atrás da porta da dispensa.

Antes, quando eu ainda era menino, depois rapazola, o dia era de recolhimento, de penitência; as pessoas, chegadas ou não às coisas de religião, guardavam o dia com maior respeito. Não se falava alto, não corriam, nem mesmo os meninos, não se colhiam os ovos nos ninhos de galinhas, não se tirava leite das vacas, também não se apanhavam frutas nas árvores nem colhiam verduras nas hortas, não socava arroz, não se catava feijão, nem o café era torrado ou moído. Matar frango ou outra criação comestível era um verdadeiro sacrilégio. Aliás não se comia carne. Todo serviço da rotina e necessário ao andamento da casa era feito no dia anterior, a não ser o arrumar as camas, fazer almoço e janta, mas até mesmo varrer a casa geralmente não se varria, também não se penteavam os cabelos. Andar a cavalo somente em extrema urgência, assim mesmo sem arreio, quando muito uma manta ou enxergão no lombo do animal, e em vez de freio usava-se o cabresto com uma focinheira não apertada.

Era o dia de recolhimento, o mundo todo externava sua tristeza, as pessoas pouco conversavam, apenas o necessário, não sorriam, o rosto uma máscara apática, a cara carrancuda. Negócio, trama, barganha ou catira – eram coisas proibidas. Também não se recebiam nem se pagavam dívidas. Deus morrera, era o dia de sua paixão – era dia de tristeza e de luto. Nesse dia não se comia para se encher o estômago, para matar a fome – era dia de praticar jejum, quando muito alguns ovos ou leite misturado com farinha, um pouco de arroz, outro tanto de feijão, ou algumas quitandas, não era deia de muita comilança. Bebidas alcoólicas não era nem pensadas.

Havia respeito pela paixão e morte de Deus – isto é que significava a expressão guardar dia santo, não era um feriado.

Mas o mundo foi girando nas patas de meu cavalo, e a Sexta-feira Santa já não é mais santa nem sagrada – é um feriado que se espicha no sábado e no domingo, muito apropriado para viagens, para divertimentos em clubes, para uma ida nos botecos, ou alegres encontros de turmas de amigos com churrascada, brincadeiras, músicas altas e muita bebida.

14-04-2006

Sexta-feira

Sobre a questão da religiosidade, mesmo naquela época existiam outras pessoas na região que professavam outra fé que não a católica, embora aparentemente essa fosse a predominante. Atualmente, a população é muito maior do que nos períodos de tempo abordados nas crônicas e Coelho (2015). Seguindo essa suposição, seria interessante fazer uma pesquisa sobre quantos e quais tipos de igreja existem em Catalão e de que maneira elas podem influenciar na forma de ser, sentir, ver e agir das pessoas que convivem na cidade.

Uma crônica muito significativa é a crônica 25, em que o autor aborda um contexto de crise econômica e política, pelo qual o país passava, entre as décadas de 1950 a 1960, que ocasionou o episódio pitoresco na cidade conhecido, de acordo com o autor por muitos, como

¹⁸ Compreendemos a ideia de **fenótipo** como características observáveis ou caracteres de um organismo ou população, como: morfologia, desenvolvimento, propriedades bioquímicas ou fisiológicas e comportamento que também pode ser observado de determinados grupos ou população.

a “matança dos porcos”. Apresentaremos ela por inteiro, embora um tanto extensa, no quadro sinóptico em seguida as sugestões de trabalho:

Crônica 25:

Foi no início da década de 60, parece-me. Se não foi, deverá ter sido bem no finzinho da de 50. Havia falta de arroz, de feijão, e, principalmente, de banda de porco, a falta era geral, - os compradores intermediários compravam tudo por um preço pouco maior do que o do mercado, atraindo para eles a preferência dos produtores locais, e revendiam, com grandes lucros, para outros centros maiores - , Uberlândia, Uberaba, abasteciam o Triângulo Mineiro e parte de São Paulo. A população sofria com a falta de grãos em suas cozinhas, e com um pouco ou quase nada de banha no preparo da comida. Os pobres eram os que sofriam mais com a falta e com os preços altos a que não conseguiam pagar.

A maçonaria adquiriu um bom estoque de arroz e o revendeu a preço abaixo do custo para a população mais necessitada - cinco quilos para cada família que, na Loja Paz e Amor III, se cadastrara. A fila era enorme e, às vezes, havia pequenos tumultos e reclamações - mas era apenas um paliativo caridoso e assistencial da maçonaria, a crise perdurava, e a pouca produção daquela época continuava sendo vendida para outras praças. O problema maior era a gordura de porco que ficava cada vez mais escassa, ao ponto de na Câmara de vereadores se discutirem a necessidade de proibir a exportação de capados, mas ficou apenas nas discussões.

Acontece que, na época, a comida era feita com gordura de porco. Óleo vegetal para cozinha não se usava e as pouquíssimas famílias que utilizavam tal produto o adquiriam de outras praças, por encomenda. A falta de banha era um problema dos mais sérios.

E foi que um senhor de nome Quirino, negociante ele, fretou um caminhão e o encheu de capados, aqui e ali, de pequenos produtores; queria vende-los em Uberlândia, onde o preço era bem melhor. Subiu o que é hoje a Avenida José Marcelino a fim de ganhar a BR e seguir para Minas. Mas não passou das mangueiras, uma quadra aberta, toda ela plantada de mangueiras antigas, as copas se emendando no alto, criando uma espécie de caramanchão, nas imediações do atual Colégio Polivalente, que, na época, era a cerâmica do senhor José Marcelino.

Um pequeno grupo de pessoas, homens e mulheres, cercou o caminhão, e obrigou o motorista fugir correndo, e foram descendo os porcos espremidos na carroceria. Ali mesmo, no chão sujo e empoeirado da rua e das mangueiras, sangravam os pobres animais, um a um, e os abriram, esquartejando e retalhando, de qualquer jeito, apressadamente, em pedaços, que as mulheres carregavam em bacias, sacos, capangas e baldes ou simplesmente nos ombros. No início eram poucas as pessoas, as mais decididas e revoltadas; logo foram aparecendo outras, criando um tumulto desenfreado, cada qual querendo ganhar o seu quinhão, e falavam alto, olhos esgazeados chispando lampejos mistos de raiva e medo, agitadas por uma pressa descontrolada.

Meninos pregavam, no meio daquela balbúrdia, os pedaços menores e saíam correndo para suas casas; os que moravam mais perto, voltavam apressados para pegar outros pedaços. Os homens sangrava os capados que guinchavam de mistura aos gritos das pessoas enfurecidas pela matança, pelo cheiro de sangue, pela sanha de levar um naco a mais. As buchadas e as tripas, o coração. Rins, pacueras eram colocadas em bacias de tomar banho e duas ou três mulheres as carregavam num trote apressado. No meio da desordem gerada, cada um procurava arrebatá a sua porção, às vezes disputando com a cachorrada da rua atraída pelo barulho e pela comida farta.

Assim como iniciou, o tumulto terminou, rápido, deixando apenas as peças de sangue que a terra ia tragando e os cães brigavam ferozmente por bolas de sangue talhado. Houve um silêncio de espanto pelo inesperado percorrendo à tarde, e as pessoas se escondiam em suas casas, janelas e portas fechadas. Demorou um bom tempo para que a rua retomasse o seu movimento costumeiro, os moradores apareciam desconfiados á frente de suas casas olhavam os vizinhos e não diziam nada, como se uma grande culpa ameaçasse descer sobre todos. Os moradores de Catalão quando se lembram do ocorrido costumam se referir àquele dia como a *Matança dos porcos*.

12-12-2006
Terça-feira

Nessa crônica, que denominamos com a numeração 25, o aspecto político e econômico da cidade relacionada ao que ocorria no Brasil e no mundo podem ser abordados de forma interessante pelo professor, incentivando os alunos a pesquisarem o que ocorria nesses lugares nesse período em relação a política e economia, também como afetou os trabalhadores catalanos nesse período.

Coelho (2015) finaliza com a crônica 33 reforçando o que foi abordado ao longo da obra, como: a formação da identidade a partir dos lugares de memórias; a relação com a leitura e a escrita, especialmente pela oralidade, da experiência dos mais velhos; a especificidade da comunidade local; as experiências do olhar que percebe criticamente o processo modernizador proposto para a cidade; a transformação do caráter religioso dessa comunidade; as crises econômicas que por sua vez se relacionavam a crise política; os laços sociais e sentimentais que “forjavam” a identidade das pessoas do lugar.

No quadro sinóptico a crônica 33, que por ser extensa, será dividida em partes, em seguida as sugestões para trabalhá-la:

Crônica 33:

Sentávamos, lá nas Duas Pontes, à noite, formando uma roda em torno da fogueirinha de sabugo. O piso da sala debaixo era de chão socado – somente os cômodos de cima, os que ficavam no início da casa, tinham assoalhos de taboas largas e lisas por tantas gerações que as pisaram. E quando, de manhã, jogava-se esborrifando, água no chão, antes de lhe passar a vassoura, amenizando assim a poeira, ali, no lugar da fogueirinha, a terra chupava com avidez a água espargida. Até mesmo a cor era diferente, uma rodeira avermelhada, assim de um vermelho escurecido por causa da queima da terra. Para que a cinza dos sabucos não se espalhasse, e para ficar mais fácil a limpeza, a fogueira era armada sobre uma folha de lata redonda, do tipo forma de assar biscoito.

A gente, a meninada, sentava no chão, ao redor da fogueirinha; minha mãe, a avó Lia e os adultos que estivessem presentes ficavam num banco comprido que pegava bem mais da metade da parede; ela, a minha mãe, com algum trabalho nas mãos, remendando blusas e calças, chuleando barras de vestidos, ou enrolando, em novelos, os fios de algodão que estavam ainda na dobadora e que não iriam ser tingidos; somente as meadas é que eram mergulhadas em latas de quarta com água fervendo misturada com anil ou outras tinturas.

Eles, os adultos, contavam histórias, os meus irmãos ou irmãs mais velhos, estes sentados também no chão, junto com a gente, a raia-miúda, liam alguns contos infantis. E eram causos engraçados que nos faziam rir, como o lobo do cu queimado, ou uma trapaça do Pedro Malazarte, ou alguma história triste de príncipe e princesa, ou ainda aqueles causos de meter medo, causos de fantasmas, de lobisomem, de seres que viviam penando entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

Havia uma fórmula para iniciar os causos – era (ou isto aconteceu) no tempo em que os bichos falavam, ou diziam os mais antigos que, ainda o tradicional era uma vez; e também uma fórmula para terminar a história – entrou no bico do pato, saiu na perna do pinto, saiu no bico do pato, sô rei mandou que lhes contasse mais quatro; ainda entrou no bico do pato, saiu na perna do pinto outra vez – dizíamos *traveiz* -, sô rei mandou que lhe contasse mais três; ou entrou no bico do pato, saiu nas pernas suas, sô rei mandou que lhes contasse mais duas; e finalmente, entrou noite a dentro bem debaixo da lua, sô rei mandou que lhes contasse mais ua.

As histórias da vó Lia eram mais longas, tinham mais recursos, eram mais detalhadas, cheias de peripécias. Muito tempo depois descobri que ela fazia paráfrases de romances, contos ou poemas que lera. Foi através de suas histórias parafraseadas que tive o meu primeiro encontro com Juca Pirama. Eu quase chorava ouvindo a maldição que o velho pai cego atirava ao filho. Depois ouvia embevecido e extasiado a descrição da luta do filho amaldiçoado, com um tacape na mão, pulando de um lado para outro, feito louco, abatendo os inimigos que o aprisionaram; foi com suas histórias que conheci as aventuras e desventuras de Gonçalo, o ermitão de Muquém, algumas passagens da vida da pobre e sofrida escrava Isaura, cenas de O Guarani, de Ubirajara e de Iracema.

Também gostava de contar vidas de santos, muito religiosa era ela. Por seu intermédio fiquei sabendo que São Brás, um bispo, fora martirizado, queimado vivo no braseiro de uma fogueira, literalmente assado; acontecendo de maneira semelhante com São Lourenço, este porém queimado vivo nas chamas de uma fogueira. A história desse santo era por causa de minha irmã Nezinha que nascera em dez de agosto, dia dedicado a São Lourenço. Contava e recontava, com real carinho, a história do piedoso menino Santo Antonino Marmo, nome que, pelo seu gosto, seria o de meu irmão Geraldo, dois anos mais novo do que eu.

Quando tio Simão, filho de meu bisavô com uma de suas ex-escravas, estava de pouso em nossa casa, as histórias por ele contadas eram, em grande número, de animais, e geralmente tinham um toque de gaiato e malandro que nos fazia rir. A onça e o bode construindo a mesma casa sem disso perceberem – a onça

trabalhando de noite e o bode durante o dia, de tal forma que nunca se encontravam. O macaco, com astúcia e manha, montou na onça, toda arreada e com freio na boca – chegava a coitada na espora e batia-lhe com rabo-de-tatu, feito peão amansando burro bravo. O coelho lambuzando o corpo de mel e rolando nas folhas secas para enganar a onça que o queria comer – eu compadre folharudo, você viu por aí um coelho (dizia *cuei*) dos mais safado? – perguntava a onça, quando o coelho fora à aguada matar a sede lá estava ela de tocaia esperando por ele – não, dona onça, num vi não – respondia disfarçando a voz.

Quando a história acabava em casamento, essas do e viveram felizes para sempre, ele arrematava brincalhão:

- Eita festona, a do casamento dêze! Que faturão, sinhô! Comida era munta, assim espalhada pro riba de munta mesa, as toalha branquinha – de tudo e à revelia. E os doce, e esses intonce! Eu inté vinha trazendo um carderão cheinho inté nas tampa de doce de ovo, desse tal de ambrosia, saidinho do tacho naquela hora, tava inté fervendo. Pensei ansim – os menino da Mariquinha do Cueio vai gostá e munto dessa prenda. Mas num é de vê que passano ali na pinguela, o danado do Tonho Arbino, tio doceis, tava bem caladinho debaixo dela pescano uns lobó. Eu já tava em riba da pinguela, vai que ele espirrou num atichim estralado, me assustei e deixei o doce quente entorná bem na cabeça dele. É por isso que ficou careca – dizia *creca* – daquele jeito. E ria de sacudir o corpo, acompanhado pelas nossas risadas.

Às vezes, contava outras coisas que não os causos costumeiros, algo assim acontecido com ele ou com pessoas conhecidas, alguns acidentes nas lidas trabalhosas. O Chico da Luzia era cego dum olho porque estava perto do seu primo que quebrou coco de guariroba com o olho do machado. Colocou o coco numa pedra e meteu o machado com toda a força que tinha, a pancada pegou de resvalo e o coco voou bem no olho esquerdo do Chico. O Quim da Idalina tinha aquele vergão vermelho atravessando a cara por causa de uma lambada de iapa. Estava no curral e um irmão seu segurava, no laço com uma ródia no moirão, uma vaca de primeira cria ainda não amansada e que não aceitava que ele a arreasse para lhe esgotar o ubre cheio de leite podre. Um safanão maior, o rapaz não conseguiu segurar o laço, e a iapa acertou bem aqui assim lá na cara do Quim.

Era carreiro e nos dizia de suas viagens mais longas, colocando nas narrativas acentos do maravilhoso e do insólito; quando em regiões inóspitas criaturas malignas com partes com o cão insinuavam suas presenças em constantes ameaças. Ora eram coisas estranhas de se ver e de se acreditar – a carcaça de uma onça pintada – das butela dizia – abraçada com a carcaça de um tamanduá – dos mais cabeludo. Explicava. A onça, por certo com fome e na falta de outra caça, teria pulado na garganta do tamanduá bandeira e ele reagiu com a única forma de defesa que conhecia, abraçou, com seus braços fortes, enterrando-lhe as unhas poderosas. A onça matou o bandeira estrangulando-o mas não conseguiu safar-se do abraço dele, ficando presa, e com as unhas enormes enterradas no corpo acabou morrendo também. E o tio Simão dizia ter encontrado aquele bolo de animais mortos abraçados com se estivessem numa dança macabra, numa de suas viagens – e para garantia da história, dizia até quem era o fazendeiro que estava trabalhando com ele, era só confirmar, o que ninguém fazia. Tio Simão contava ainda alguns causos de assombração – alguns de forma gaiata – outros de assustar qualquer cristão, de meter medo, principalmente na meninada. Dizia que certa vez ia pra um pagode na Sesmaria, era assim rapaz novo e muito inclinado a festas; ia a pé, pois não tinha cavalo, com roupa nova, própria para a ocasião, quando topou, na estrada, com uma mula-sem-cabeça, com estrala na testa e botando fogo pelas ventas. Deu-lhe uma carreira quase de légua, fazendo-o deixar restos da camisa nova e da pela das costas pregados nos arames das cercas, e o peito todo lanhado por um mandiocal que foi quebrando no carreirão medonho. E eu, criança de tudo, aí nos meus quatro ou cinco anos de idade, ficava sem entender direito a história – se era sem cabeça a mula, como tinha uma estrela na testa e botava fogo pelas ventas? O respeito aos mais velhos, coisa que era sagrada naqueles tempos, me impedia de perguntar.

Havia duas histórias, dois causos, que ele gostava de contar. Um teria acontecido com ele, garantia. Andando em suas andanças, dando cobro de seus muitos e variados afazeres, certa vez, meio que perdido, bem já noitinha, chegou numa fazenda, que ficava num lugar desprositado de feio – a própria casa com a curralama e paiol estragados apresentavam a aparência desconformada de com deveria de ser no normal de que se costuma de ser. Pois aproximou-se – dizia *aprocheguei* -, cachorrada latindo latidos compridos e acuação lamentosa, chamou ô de casa, sus Cristo, pediu pouso. O morador, de cara amarela feito defunto, lamparina fraca mal furando as travas da noite, disse que só tinha lugar no cômodo de fora, perto do forno de barro, com porta pro terreiro, com serventia ele de quartinho de despejo. Se servisse estava às ordens e ali poderia passar a noite, mas a lhe avisando que o quarto era mal assombrado, vezeiro de aparecer algumas visagens. Sem medo que sempre fora, caboclo desassustado, aceitou o pouso, desarreiou o seu fronteaberta. Solto-o no pastinho da porta, armou rede no cômodo cheio de uma entulheira velha, poeira e teia de aranha, cobriu com a pala, e já estava quase dormindo, quando escutou uma voz queixosa, quase choro, e amedrontadora – eu caio, eu caio, e ficava repetindo no meio das trevas, vido de cima, da cumeira cheia de picumãs descendo em cordões negros de sujeira – eu caio, eu caio.

As sombras, ali na sala debaixo, agitavam-se nas paredes, encompridando, encolhendo, tremelicando, e, na meia luz da figueirinha, eram como fantasmas e almas penadas movendo brusco e desordenadamente suas figuras mal formadas. A cada gesto mais forte, rápido e mais largo do tio Simão, dançavam, num tremido, as

línguas da fogueirinha e as brumas e sombras espichadas no chão batido, quebradas trepando paredes, como que mudavam de lugar atarrantadas criando um ambiente lúgubre e fantasmagórico apropriado para suas histórias.

Depois de algum tempo naquela peleja, aquilo tudo lhe estorvando o sono, falou meio irritado:

- Pois que caía logo e deixa esse cristão drumi no seu sussego.

Então caiu uma perna. E continuava com a lamúria – eu caio, eu caio. E ele tio Simão, dessassombrado – pois que caía. E caiu a outra perna. E assim nesse eu-caio – pois-que-caia, as partes foram caindo até formar um homem negro que nem ele mas muito mais feio, dizia, pior mesmo que a figura do capeta, todo ele remendado.

Tio Simão, rebufando o pala modo o frio, falou: - agora que já caiu tudo, dá um jeito de se encostar nessa sacaria aí e deixa eu drumi direito, ora tá bão! Que tou mais é munto cansado.

Foi só dizer tal coisa e a visagem, numa explosão de feder enxofre, sumiu. No outro dia pegou ele seguimento de viagem. Depois ficou sabendo que um negro fora ali esartejado no tempo ainda da escravidão.

O outro causo era o da mulher que, por ciúme, matou o amante e, na raiva do momento, comeu-lhe o fígado. E todas as noites, a voz do defunto vinha assustar os moradores da fazenda, onde ocorrera o crime – cadê meu figo, cadê meu figo. Tio Simão botava uma voz tremida, cava e sombria ao dizer cadê meu figo. E acrescentava detalhes – aquilo só poderia ser alma do outro mundo -, e continuava baixinho, quase sobrado, cadê meu figo, sempre vagaroso encompridando a fala – caadeeeeê meu fiiigo – e virando a cabeça para um lado e para o outro, onlhando-nos com os olhos arregalados, na cara uma estampa de medo em crescendo – cadê meu figo – e quando percebia que todos nós já estávamos em clima de pavor e presos na sua narrativa, ele soltava um grito CADÊ MEU FIGO, abrindo os braços e levantando do banco num arranque brusco. Eram meninos aos berros, correndo para todas as bandas, desgovernados – e ele rindo sua risada grossa da medorréia da gente.

Em roda da fogueirinha não apenas se contavam causos. Era também o lugar e a hora em que cantávamos as músicas – dizíamos *musca* – que sabíamos, principalmente aquelas de que mais gostávamos.

**Deste lado tem batuque
doutro lado também tem
eu vou passar pra lá
só pra encontrar meu bem
o galo já cantou
a barra do dia e –vem**

A Nezinha, mocinha ela, com sua voz afinada e suave, toda lamentosa:

**Aço frio de um punhal
oi seu adeus para mim
não crendo na verdade
implorei, pedi
as súplicas morreram
sem eco em vão
batendo nas paredes frias do apartamento**

A cantiga – musca – do maior agrado, e por isso fazendo sucesso entre nós, era uma toada roceira quase moda de viola.

**Eu tinha minha poça idae
rigulava vinte ano
essas morena daqui
andava me namorano
hoje que vivo triste
dessa história recordano
Um dia na pagodera
ua morena facera
me olho com certo quebranto
de muito namorada
hoje que vivo triste
co' estas doida lembradera**

Havia a musca que dizíamos ser de nossa mãe, porque falava seu nome, e ela gostava muito dessa cantiga.

**Ai, ai, Sá Mariquinha
isto não é brinquedo
me diga se saudade mata
se saudade mata
eu já estou com medo**

A cantiga, uma toada de viola, de meu pai foi composta, para ele, pelos irmãos Virgílio e Adolfo

Mariano, falando sobre sua vida e sobre sua profissão.

**Sou peão de boiadero
toco boi como pontero
neste posto sou facero
nesta lida faço tudo
guampo um touro carrancudo
sei laçar um catingueiro
ai, minha sertaneja
ai meu bem querer
nessa peleja
hei de morrer**

Quando, ao redor da fogueirinha de sabuco, nos enveredávamos pra cantoria, o Tião e a Nezinha, nossos irmãos mais velhos, cantavam, encenando, uma cantiga que chamávamos de Siá Carola – uma espécie de diálogo entre um rapaz e uma moça roceiros.

- Siá carola
- Que qui ancê qué?
- Eu vi dizer que ancê vai sê minha muié
- Quem foi que disse?
- Discunfiei
- Muita mentira que d'ancê nunca gostei
- Num gosta não
- Vai te enxergá!
- Que mal eu fiz pra tanto me odiá?
- Por Deus eu peço!
- Mas pede o quê?
- Pr'ancê deixá de me aborrecê

E o diálogo vai nesta toada até que o sô Tchuvisqueiro consegue conquistar Siá Carola.

A fogueirinha de sabuco era, na verdade, muito mais do que uma fogueirinha de sabuco. Era o momento e o lugar em que os membros da família se reuniam, fechando mais um dia da difícil, árdua e trabalhosa arte de existir contando apenas com os próprios recursos e cuidados, vivendo o isolamento de espaço e tempo do universo roceiro daquela época. Era o momento e o lugar em que, sem sabermos disso, estreitavam-se os laços sociais e sentimentais, criando liames que iriam marcar e permanecer pelo resto de nossas vidas, tornando-nos unidos até mesmo nos momentos em que a vida obrigou a nossa dispersão.

01-08-2012
Quarta-feira

Aqui, sugerimos um trabalho de investigação dos alunos se existe algum contador de causos na família, ou se conhecem algum contador de causos na cidade ou até fora dela. Como seria essa contação? Quem seria (m) esse (s) contador (es)?

É possível sugerir nesse momento que os alunos escrevam um texto contando sobre a sua relação com os mais velhos e se já ouviram deles alguns causos de assombração. Como seriam esses causos? Se não existe essa figura, como eles gostariam que fossem essas histórias?

Outra possibilidade de trabalho com a narrativa dessa crônica 33, que seguimos colocando no quadro sinóptico, seria pesquisar cantigas de roda ou parlendas, modas de viola, conhecidas pelas crianças, elas poderiam pesquisar, escrever e fazer um quadro comparativo sobre quais as que mais aparecem nas pesquisas e o que essas músicas revelam da identidade desse povo.

Dentre todas as possibilidades de abordagens didáticas da obra de Braz José Coelho (2015), *Sombra do Tempo*, já sugeridas, nessa última crônica, propomos para finalizar, um trabalho de produção de texto em dupla e ilustração com os seguintes temas em forma de questões a serem escolhidos pelos alunos:

- Existe uma identidade dada como catalana? Se existe, qual a relação dela com os lugares considerados como lugares de memórias?
- O que vocês acham que podemos aprender com a experiência dos mais velhos, bem como com a leitura e escrita?
- O que vocês compreendem como coisas que são próprias, específicas da comunidade catalana?
- Vocês acham, ou não, que o desenvolvimento tecnológico pode alterar as relações sociais e culturais das comunidades tradicionais? Em caso afirmativo, como seria?
- Sobre a religiosidade, que foi se transformando desde sua origem. O que vocês acham que se transformou dessa religiosidade catalana?
- A cidade de Catalão apresenta uma mistura entre rural e urbano, marca de uma das identidades de um povo que se pretende moderna sem abrir mão da sua origem rural.
- Que características vocês acham que marcam mais a sociedade catalana atualmente, a moderna ou a rural? Justifique:

Sugerimos que os alunos em duplas escolham um dos temas em forma de questões reflexivas para fazer uma produção de texto e ilustrem essa produção, depois da reescrita e exposição das produções na turma, um mural será montado para expor essas produções na escola.

Podemos sugerir também, além das produções de texto ilustradas, bem como a construção de mural para expor o trabalho produzido, a construção de uma maquete da cidade, em grupos de no máximo 3 ou 4 alunos, dos lugares que esses mesmos alunos considerem como locais de memórias e histórias da cidade.

Para finalizar, um passeio com os alunos pelos lugares de memórias apontados por Braz José Coelho (2015), na obra *Sombras do Tempo*, em que os alunos relatariam as mudanças e permanências desses lugares citados em forma de crônica, com um mapa sentimental dos lugares de memórias relacionando com o mapa geográfico da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos no Mestrado Profissional de História pensamos uma temática e forma de trabalho de pesquisa que foi se transformando com as discussões com o orientador, com dicas de professores do Programa de Mestrado nas disciplinas oferecidas pelo curso e até mesmo com os colegas de turma.

De toda sorte, amadurecemos a ideia ao longo do curso e optamos por trabalhar com as crônicas de Braz José Coelho (2015), no livro *Sombras do Tempo*, um autor sensível ao lugar em que vive, ao mesmo tempo em que reflete, questiona e critica a cidade vivenciada no seu cotidiano pelas pessoas comuns. Percebemos na leitura dessa obra outra identidade da cidade, a partir dos lugares de memórias, que até então nos era desconhecida. Sendo assim, se não conhecíamos, não podíamos compreender e muito menos propor um trabalho de ensino em sala de aula.

Tornou-se necessário, nesse sentido, refletir sobre a função social do historiador, o seu lugar e suas práticas sociais representadas ou não. O lugar em que vivemos, enquanto historiadores. É o lugar de onde falamos e desenvolvemos nosso trabalho de pesquisa e ensino, embora tomando certo distanciamento, para não sermos absorvidos pelo nosso objeto. Dessa forma, ao longo do processo, utilizando a obra de Coelho (2015) como fonte e objeto de pesquisa, compreendemos que a linguagem das crônicas é acessível aos professores e compreensível aos alunos, de modo que podem e devem ser utilizadas em aulas de História.

O contato dos alunos com as crônicas, tomando-as como fonte e documento, puderam despertar neles o gosto pela história e a construção do conhecimento, uma vez que foram estimulados a pensar historicamente, investigar, questionar e produzir outro conhecimento diferente do que lhe é dado. Portanto, acreditamos que a escola é o espaço de construção do conhecimento histórico, que deve ser estimulado desde cedo, com a intervenção do professor, que assume um papel importante nesse sentido, estimulando a pesquisa investigativa e situações questionadoras em torno do objeto de pesquisa.

Para isso, ao longo do nosso trabalho, mantivemos um diálogo aberto com vários autores que abordaram sobre memória, cidade e história, buscando ferramentas para melhor capacitar o professor antes de apresentar as crônicas e sugestões de como trabalhá-las. A partir desse diálogo, da leitura das crônicas e do que elas apontam do palimpsesto de memórias e histórias da cidade, surgiram discussões acerca do imaginário cultural, das teias

de significados relacionadas à identidade dos sujeitos em suas práticas e das representações sociais.

Compreendemos, de fato, que o que as pessoas estabelecem como o que história e memória é determinado pelas escolhas que fazem ou lhes são colocadas. Dentro dessas escolhas, procuramos, como historiadores que somos, selecionar o que recordar, iluminar e instruir a partir de instrumentos teóricos metodológicos que remetem à micro-história. Procuramos, nesse fazer recordar, trazer à tona o que estava sobreposto no palimpsesto da memória histórica da cidade a partir do que é apontado pelas crônicas de Coelho (2015), outras histórias, lugares e pessoas memoráveis a serem conhecidas e compreendidas.

Assim, procuramos perceber o que tomamos como herança material e imaterial das pessoas comuns apontadas pelas crônicas. E, se estas são tornadas como monumentos, esperamos compreender no processo de ensino e aprendizagem como os sujeitos sociais estabelecem relação com os mesmos. Gostaríamos que professores e alunos, especialmente os últimos, desenvolvessem uma nova leitura da cidade, compreendendo-a como um texto a ser descoberto, um novo olhar de e para a cidade. Esperamos que os sujeitos sociais, professores e alunos, confrontem o imaginário geográfico do urbano com o imaginário memorial do sentimental e possam compreender a cidade para além do espaço físico, mas do que é significativo pelas pessoas comuns e de maneira reflexiva, crítica e questionadora.

Dentre as várias questões que apareceram durante nosso processo de pesquisa - e que refletimos com base nas leituras da obra *Sombras do Tempo*, nossa base documental - , foi sobre os lugares de memórias estabelecidos e reconhecidos como monumentos, bem como o registro e preservação deles e como afeta o ensino da história da cidade. Os lugares questionados, estampados como lugares memoráveis, mas não na obra trabalhada, foram: Morro de São João, a Capelinha do Antero e a Barriguda, que são evidenciados na história da cidade, mas não muito preservados. Percebemos os registros sobre esses monumentos nas mãos de particulares e sobre o ensino de história da cidade, não existe um ensino específico para esses monumentos.

Percebemos, então, que existem os lugares tomados como “oficiais”, frequentados pela elite local na maioria das vezes e contando a história deles, mencionados em sala de aula de vez em quando, e estes não são mencionados na obra de Coelho (2015) ao abordar o cotidiano das pessoas comuns. Essa obra, diferente de outras narrativas pesquisadas a título de comparação, como a obra de Cornélio Ramos e Maria das Dores Campos (popular Mariazinha), foge das histórias dos grupos que estão no poder, aborda as histórias das pessoas comuns nos seus lugares de memórias, suas ações no dia a dia.

Assim, os lugares mencionados e evidenciados pelo cronista são: o Clube Treze de Maio, o Duas Pontes, a Rua da Grotta, o Morro das Três Cruzes e outros que antes estavam invisibilizados na cultura local, mas que fazem parte da memória sensível das pessoas comuns, tornados como patrimônios não preservados e documentos relativos a eles guardados e restritos a particulares.

Os outros lugares abordados na obra literária, que é nosso documento de pesquisa, são sobrepostos no palimpsesto das memórias escritas que normalmente se trabalha em sala de aula, ainda que os lugares mais mencionados também sejam pouco trabalhados.

Esperamos que os lugares mencionados na obra de Braz José Coelho, *Sombras do Tempo*, sejam refletidos e questionados quanto a sua evidência, ou invisibilização, na história como memoráveis. E se não são evidenciados na história construída, refletir e questionar como esses lugares aparecem, quais são apontados nas crônicas e que podem apontar lutas de representações e simbologias ou não em torno desses lugares de memória na história da cidade.

O trabalho com as crônicas de Coelho (2015) é uma possibilidade real e necessária para compreender essa realidade distinta de uma comunidade local, da cidade de Catalão. Apresentamos nesse sentido, algumas sugestões de trabalho com essas crônicas.

Nosso cronista, em sua obra, aponta que a cidade passou por um processo modernizador que transformou as relações sociais cidadinas e que houve um forjamento de identidades, como algo sofrido, forçado, dolorido. Esperamos que, após a conclusão da pesquisa, a partir das leituras analíticas das crônicas, professor e alunos tenham percebido traços desse forjamento, as permanências e transformações pelas quais a cidade passou.

Por fim, esperamos ter evidenciado que, apesar do teatro social na sacralização de valores culturais estabelecidos nas comemorações cívicas para estabelecer um dado imaginário social ter sido o vencedor, as memórias de determinados lugares não foram apagados, estavam soterradas, sobrepostas no palimpsesto, porém, resistindo nos ditos ou não ditos em lutas simbólicas, como apontado pelas crônicas.

Dentro do trabalho que nos propomos, percebemos que nosso objeto de pesquisa nos apontava muitas questões a serem investigadas, pensadas e questionadas. Logo, foi necessário delimitar os objetivos da pesquisa e, ao longo dos capítulos, revemos conceitos que consideramos mais importantes para a construção do nosso conhecimento. Procuramos apresentar melhor o autor e sua obra, já no primeiro capítulo, para que o leitor possa se familiarizar com nosso objeto de estudo. Na sequência, explicamos o contexto da construção das memórias coletivas e a crítica social do autor, que não é declarada, mas antes, sugerida.

No primeiro capítulo, também, procuramos fazer uma discussão a respeito da memória na perspectiva desta não estar cristalizada na história da cidade, mas que é uma construção, assim como a história, de determinados grupos sociais à medida em que selecionam o que deve ou não ser memorável. No segundo capítulo, apresentamos a obra “Sombras do Tempo” como nossa fonte e documento e fizemos um diálogo, com cada uma das crônicas, a fim de compreendê-las e verificar o que dizem ou deixam sugerido para que os leitores interpretem. No terceiro capítulo, selecionamos as crônicas de acordo com as temáticas que apresentam e escolhemos uma em cada temática para escrevermos num quadro sinóptico, com sugestões para trabalhar as crônicas de Braz José Coelho em sala de aula.

Além de apresentar autor, obra e sugestões de trabalho com as crônicas, esta pesquisa nos fez repensar o trabalho em sala de aula, que é exigente em relação à prática do professor. Para chamar a atenção dos alunos e provocar o gosto pelo conhecimento histórico, o professor deve propor atividades de pesquisa que despertem reflexão e questionamento. Para isso, é preciso explorar o documento, ler nas entrelinhas, saber o que ele diz ou não diz, propondo atividades de pesquisa com as crônicas, as quais nos apontam muitas possibilidades para o conhecimento da cidade e do que as pessoas comuns, no seu dia a dia, sentem dessa cidade.

Os questionamentos sobre os lugares de memórias podem ser explorados em sala para discutir as seleções do que pode ou não ser memorável na construção da história, na preservação das memórias, e os lugares de memórias, do que permanece ou se transforma na cidade e se preserva na memória dos sujeitos sociais e, especialmente, de quem faz, de fato, a história acontecer.

A pesquisa que empenhamos desenvolver sobre os lugares da memória apontados nas crônicas nos apresentaram algumas dificuldades, muitos dos documentos que procuramos não foram encontrados no museu da cidade ou na Fundação Cultural, sendo sugerido que fôssemos procurar com particulares que estão de posse desses documentos. Diante das dificuldades e limitações, tomamos a obra de Coelho (2015) como documento para pesquisa e acreditamos ter conseguido alcançar nossos objetivos e expectativas, que é o de pensar os lugares de memória apontados nas crônicas, as pessoas memoráveis e sugerir formas de trabalhá-las.

Acreditamos que o uso dessa fonte documental, com as metodologias sugeridas, pode tornar o processo de ensino aprendizagem mais prazeroso e estimulante, levando os alunos a serem reflexivos, questionadores e desenvolverem o pensamento crítico, com um novo olhar sobre a cidade, assim como nós, após a conclusão deste trabalho, passamos a ter.

REFERÊNCIAS

- ALBERGARIA, Danilo. **Motivações e consequências sociais das reformas urbanas no rio.** Com Ciência, nº 118. Campinas, 2010.
- ANGELIN, Daniel Moraes. Lima Barreto e a cidade do Rio. In: **Crônicas Cariocas e o Ensino de História.** Rio de Janeiro. 7Letras. 2008.
- AZEVEDO, André Nunes de. **A Reforma Pereira Passos:** uma tentativa de integração urbana. Revista Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 10, p. 29-79, maio/ago. 2003.
- BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmundo et al. **Antropos: homem.** Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BALANDIER, Georges. **O poder em cena.** Brasília: Editora da UnB, 1982.
- BARBOSA, Raoni Borges. A proposta culturalista boasiana para a Antropologia. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção.** João Pessoa, v.15, n. 44, p. 82-94, ago. 2016.
- BARROS, José de Assunção. **Cidade e história.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BARTHES, Roland. **Semiótica da comunicação:** blog da disciplina Semiótica do curso de comunicação da UERN. 15 jan. 2012. Disponível em: <<https://semioticauern.wordpress.com/tag/roland-barthes>>. Acesso em: 25 jan. 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador:** considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Obras Escolhidas, 1 v. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BIAS, Mauro de. Antes da Reforma Pereira Passos (1902-1906) Rio de Janeiro era conhecido como “Porto Sujo” e “Cidade da Morte”. **Revista História - Passado a Limpo,** 14 jan. 2003.
- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRESCIANNI, Maria Stella Martins. História e Historiografia das cidades: um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia brasileira em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 2003, p.237-258.
- CAMPOS, Maria das Dores. **Gente Nossa.** Goiânia: CERNE, 1976.
- CERTEAU, Michael de. Operação historiográfica. In: _____ **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CIRIACO, Adriana José. **Memória e cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos** (Catalão 1970- 1980). 2003. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

COELHO, Braz José. **Sombras do tempo**. Catalão, GO: Kaio G Editora, 2015.

COSTA, Cléria Botelho, Memórias Compartilhadas: os contadores de histórias. In: RAMOS, André et al (Orgs.). **Contar história, fazer história: história, cultura e memória**. Brasília: Paralelo 15 Editores, 2001.

CRIVELLI, Jacopo Visconti. **Novas Derivas** (Tese), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, SP, 2002.

DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro, 1997.

DAUSTER, Tania. Construindo Pontes: a prática etnográfica no campo da educação. In: DAYRELL, Juarez. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

DEBORD, Guy. Introdução à uma crítica de geografia urbana. Biblioteca Virtual Revolucionária, 1955. Disponível em: <www.geocities.com/autonomiabr/urb.html>. Acesso em: 25 jan. 2017.

ENGEL, Magali Gouveia. Literatura e Ensino de História. In: **Crônicas Cariocas e o Ensino de História**. Rio de Janeiro. 7Letras. 2008.

_____, Sociedade, Cultura e Política nas Crônicas Limianas. In: **Crônicas Cariocas e o Ensino de História**. Rio de Janeiro. 7Letras. 2008.

FERRARA, Lucrécia D' Alessio. Cidade: imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatayh (Org.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os movimentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC Annablume, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice / Revista dos Tribunais, 1990.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HONÓRIO FILHO, Wolney. **Braz José Coelho**: rastros e trilhas. In: Anais - CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6, 2011, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2011. Disponível: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/917.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2017.

JEUDY, Henry-Pierre. **Memórias do social**. Márcia Cavalcante (Trad.) Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: carreira de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LETRAS DE MÚSICAS. **Hino de Catalão –GO**/ Hinos de cidades. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br>> Marchas/Hinos > Hinos de Cidades > Hino de Catalão – GO> Acesso em: 15 jan. 2017.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. Ethus “emergente”: as pessoas, as palavras e as coisas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2007. **Revista Horizontes Antropológicos**. Disponível em: <www.scielo.br.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132003000100003>. Acesso em: 25 jan. 2017.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Jefferson Luiz Camargo (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MICELI, Paulo. Sobre a história, Braudel e os vaga-lumes. A Escola dos Annales e o Brasil (ou vice-versa). In: FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 259-270.

NEVES, M. de S. . História da Crônica e Crônica da História. In: Beatriz Resende. (Org.). **CRONISTAS DO RIO**. 1ed. RIO DE JANEIRO: JOSÉ OLYMPIO, 1995, v. , p. 16-31.

_____(Org.) **Crônicas Cariocas e Ensino de História**. Rio de Janeiro. 7Letras. 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Yara Aun Khoury (Trad.). **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PAULA, Jason Hugo de. **Inventando o progresso: a construção de imagens e a modernização em Catalão (1959 – 1910)**. 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Fragmentos de Cultura**. Goiânia, v. 14, n. 9, p. 1595-1604, set. 2004a.

_____. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Esboços: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**. Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 25-30, 2004b.

_____. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RAMOS, Cornélio. **Catalão de ontem e de hoje: curiosos fragmentos da nossa história**. Catalão: Distribuidora Kalil, 1984.

RODRIGUES, Eliane Aparecida Silva. **Cinema e cotidiano: as salas de cinema em Catalão**. Monografia (Graduação). 1996. Curso de História da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão, 1996.

_____. **Sociabilidade em Catalão (GO): entre o arcaico e o moderno (1920-1960)**. 2004. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2004.

_____. Cinema e história - um olhar cultural sobre os espaços de sociabilidades. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2003. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/ANPUH.S22.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2017.

SANTELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. Rio de Janeiro: Editora Brasilense, 1983.

SANTOS, Regma Maria dos. Espaço e memória: representações sobre a cidade nas crônicas de Licydio Paes. **Espaço em Revista**. Catalão, v. 13; n. 2, jul./dez., 2011, p. 70-80.

_____, **Saberes e Práticas Culturais do Cerrado**, 2017, p. 95.

SILVA, Hélio. O suicídio de Getúlio Vargas, 1951/1954; A Novembrada: o Governo Café Filho, 1955; Desenvolvimento e Democracia, 1956/1960. **Coleção História da República Brasileira Edições Istoé**. São Paulo: Editora Três / Editora Brasil 21, 2004; v. 14, 15 e 16.

SILVA, Jaciely Soares da. Antero da Costa Carvalho – o Santo Local: ensaios de práticas e representações. **Anais dos Simpósios da ABHR**, vol. 12 (2011). Disponível em: <www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/481/464>. Acesso em: 25 jan. 2017.

_____. **Violência e religiosidade popular em Catalão – GO:** a construção da santidade de Antero – 1932-2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/.../1/violenciaereligiosidadepopular.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

SIQUEIRA, Leonardi. **Reflexões Corporativas:** Umberto Eco e a semiótica. 2009. Disponível em: <<https://reflexoescorporativas.wordpress.com/tag/umberto-eco-e-a-semiotica/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

STORT, Eliana Vieira Ribeiro. **Cultura, imaginação e conhecimento.** São Paulo – Campinas: UNICAMP, 1993.

ANEXOS



“Clube Treze de Maio” – 1983
Fonte: Museu Cornélio Ramos



**“Catalão vista do alto do Morro das Três Cruzes”
Fonte: Museu Cornélio Ramos**



Canalização do Córrego Pirapitinga – Administração Prefeito Silvio Paschola, entre 1972 a 1976

Fonte: Museu Cornélio Ramos



“Córrego Pirapitinga”- 2003
Fonte: Museu Cornélio Ramos



“Morro das Três Cruzes” = 2003
Fonte Museu Cornélio Ramos